

Riscos e perigos da *Internet* e das redes sociais: concepções de pais/encarregados de educação e de crianças dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico

Tânia Ribeiro Pereira

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Social – Educação e Intervenção ao Longo da Vida

Orientada por:

Mestre Paulo Jorge Ramos Duarte Fortes Resende

Bragança

Dezembro de 2021

Riscos e perigos da *Internet* e das redes sociais: concepções de pais/encarregados de educação e de crianças dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico

Tânia Ribeiro Pereira

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Social – Educação e Intervenção ao Longo da Vida

Orientada por:

Mestre Paulo Jorge Ramos Duarte Fortes Resende

Bragança

Dezembro de 2021

Agradecimentos

Agradecer de forma justa e inequívoca nem sempre é tarefa fácil, porém tenho um grande carinho e admiração por todas as pessoas que colaboraram de diversas formas para a concretização desta dissertação.

Quero expressar a minha enorme gratidão ao professor Paulo Resende, o meu grande pilar neste percurso. Agradeço imenso a sua orientação, disponibilidade, conselhos, sugestões e sobretudo pelo seu apoio incondicional.

Quero agradecer à minha patrocinadora oficial, que é a minha mãe, pelo carinho, paciência e pelo seu apoio que nunca permitiu que eu desistisse, sempre me deu força para continuar e finalizar esta etapa.

O meu muito obrigada à minha família em geral que nunca me deixou desamparada neste caminho longo e conturbado. À minha Lili, que era um grande apoio naqueles dias mais ‘stressantes’, ao Patrick e a Ria, pela sua colaboração e ajuda na realização desta dissertação.

Não posso deixar de referir às minhas irmãs de coração, Maria, Cláudia, Susana e Diana pela paciência e auxílio na realização de algumas tarefas técnicas desta dissertação. Elas estiveram sempre presentes, nos momentos em que mais precisei.

Por fim, mas não menos importante agradeço a todas as crianças, aos pais/encarregados de educação e ao Agrupamento de Escolas do Norte do país, que colaboraram na aplicação e recolha dos questionários, cuja a sua participação foi fundamental na concretização desta dissertação.

Posso dizer que foi um percurso árduo, pois precisei de muita força, energia e paciência para o levar adiante. Não posso negar, que existiram momentos em que me senti exausta, mas olhava para a minha dissertação e, em simultâneo, sentia-me orgulhosa, sabia que não podia desistir, pois, estava a realizar um sonho e finalizar mais uma etapa da minha vida. Posso afirmar que sou uma sortuda, pois consegui alcançar este objetivo que tanto desejei.

Índice

Agradecimentos	v
Índice de Figuras	ix
Siglas	xi
Resumo	xii
Abstract	xiii
Introdução	1
Capítulo I - Enquadramento teórico	3
1. Conceito de <i>Internet</i> e a sua expansão	3
2. A evolução das Redes sociais	6
2.1 As crianças e o uso das redes sociais e das novas tecnologias	9
2.2 Idade média do uso das redes sociais, <i>Internet</i> e das novas tecnologias pelas crianças	12
3. A dependência das crianças da <i>Internet</i> , redes sociais e videojogos	13
3.1 Critérios de dependência da <i>Internet</i> e das redes sociais	17
3.2 Prevalência da dependência da <i>Internet</i> , redes sociais e videojogos nas crianças	18
3.3 Programas de prevenção da dependência da <i>Internet</i> , redes sociais e dos jogos <i>online</i> nas crianças	19
4. Tipologias de risco e perigos <i>online</i>	21
4.1 Principais riscos identificados à utilização da <i>Internet</i> e das redes sociais	22
4.2 Principais perigos identificados à utilização da <i>Internet</i> e das redes sociais	25
4.3 Identificar e prevenir situações de crianças que sofrem de <i>cyberbullying</i>	26
5. Exposição de fotografias e vídeos na <i>Internet</i> e nas redes sociais	28
5.1 Impacto da exposição nas vítimas e nas relações interpessoais	28
5.2 Impacto sobre a sexualidade das crianças	29
5.3 Capacidades das crianças de ultrapassar situações adversas	30
6. A intervenção do Educador Social, como agente socioeducativo na prevenção dos riscos e perigos da <i>Internet</i> e redes sociais	31

Capítulo II Investigação Empírica	33
1. Questão problema e objetivos do estudo	33
2. Seleção do grupo de participantes e procedimentos utilizados	34
3. Metodologia de Investigação	35
4. Instrumento de Recolha de Dados - Inquérito por questionário	37
5. Considerações éticas da recolha de dados	41
Capítulo III	43
Apresentação, análise e discussão dos resultados	43
1. Caracterização sociodemográfica dos participantes	43
2. Análise da parte II dos inquéritos por questionário das crianças - Acesso aos dispositivos eletrónicos e ao uso da <i>Internet</i>	45
3. Análise da parte III dos inquéritos por questionário dirigidas às crianças – Redes sociais	52
4. Análise da parte IV dos inquéritos por questionário dirigidas às crianças – Riscos e perigos da utilização da <i>Internet</i> e redes sociais	60
5. Análise da parte II dos inquéritos por questionário direcionados aos pais/encarregados de educação – Redes sociais	62
6. Análise da parte III dos inquéritos por questionário direcionados aos pais/encarregados de educação – Riscos e perigos da utilização da <i>Internet</i> , sociais e videojogos	69
7. Análise de conteúdo da Parte IV – Dinâmicas parentais	76
7.1 Categoria A- Reação parental ao <i>cyberbullying</i>	76
7.1.1 Análise da subcategoria A1. Respostas reativas e preventivas.	76
7.2. Categoria B – Controlo Parental	77
7.2.1 Análise da subcategoria B1. Tipo de controlo nas crianças em relação à <i>Internet</i> e redes sociais.	77
8. Discussão dos Resultados	78
Considerações Finais	82
Referências bibliográficas	85
Anexos	95
	vii

Anexo I- Inquéritos por questionário direcionado às crianças	96
Anexo II- Inquéritos por questionário direcionado aos pais/encarregados de educação	101
Anexo III – Autorização da DGEsTE para a aplicação dos inquéritos por questionário em meio escolar	106
Anexo IV- Pedido de autorização para aplicação dos inquéritos por questionário à diretora da escola	107
Anexo V- Pedido de autorização aos pais/encarregados de educação para a implementação dos inquéritos por questionário às crianças	108
Anexo VI- Termo de consentimento direcionado aos pais/encarregados	109
Anexo VII – Controlo Parental – Pais/encarregados de educação dos alunos 1.º e 2.º ciclos	110

Índice de Figuras

Figura 1- Sexo dos alunos do 1.º e 2.º ciclos	44
Figura 2- Sexo dos alunos por anos letivos do 1.º e 2.º ciclos.....	44
Figura 3- Idades dos alunos do 1.º e 2.º Ciclos.....	45
Figura 4- Dispositivos eletrónicos usados em casa	46
Figura 5- Utilização dos dispositivos eletrónicos fora de casa.....	47
Figura 6- Utilização dos dispositivos eletrónicos por semana	48
Figura 7- Local em que os alunos utilizam os dispositivos eletrónicos em casa.....	48
Figura 8- Utilização dos dispositivos eletrónicos para	49
Figura 9- Utilização de Internet em casa	50
Figura 10- Frequência da navegação da Internet.....	50
Figura 11- Utilização da Internet propósito.....	52
Figura 12- Utilização de alguma rede social	53
Figura 13- Redes sociais que mais utilizam	53
Figura 14- Atividades que costumam realizar nas redes sociais	55
Figura 15- Tempo dispensado nas redes sociais.....	56
Figura 16- Criação de uma conta numa rede social.....	57
Figura 17- Sexo dos inquiridos na criação de uma conta numa rede social	57
Figura 18- Dados pessoais colocados no perfil das redes sociais.....	58
Figura 19- Conhecimento de todos os riscos e perigos das redes sociais.....	59
Figura 20- Acesso dos pais às redes sociais dos seus educandos	59
Figura 21- Sexo dos pais/encarregados de educação.....	63
Figura 22- Sexo dos pais/encarregados de educação.....	63
Figura 23- Idade dos pais/encarregados de educação.....	64
Figura 24- Habilitações literárias	65
Figura 25- Acesso aos dispositivos eletrónicos dos educandos	65
Figura 26- Utilizadores de alguma rede social	66
Figura 27- Se os educandos são utilizadores ou não de redes sociais	67
Figura 28- Lista de amigos/seguidores da rede social do educando.....	68
Figura 29- Acesso ao perfil da rede social das crianças	68
Figura 30- Conhecimento se o educando vivencia situações de cyberbullying	72
Figura 31- Identificar situações de cyberbullying	73
Figura 32- Prevenir situações de cyberbullying	74

Figura 33- O uso da Internet e das redes sociais, mais graves 75

Siglas

Apps - Aplicações

CSNet - Computer Science Network

DGE - Direção-Geral da Educação

GNR- Guarda Nacional Republicana

INE - Instituto Nacional de estatística

OMS - Organização Mundial de Saúde

SICAD - Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

URSS - União das Repúblicas Soviéticas

Resumo

As novas tecnologias, a *Internet* e as redes sociais são ferramentas procuradas cada vez mais por crianças. Atualmente começam a interagir com os meios digitais em idades precoces, visto que, estes proporcionam entretenimento, fácil comunicação, interação social, partilhas de vivências e interesse comuns e auxiliam na criação de laços afetivos com outros indivíduos. Porém, a exposição de fotografias, vídeos e dados pessoais nas redes sociais podem acarretar diversos riscos e perigos. Nesta linha, a presente investigação intitulada “*Riscos e perigos da Internet e das redes sociais: concepções de pais/encarregados de educação e de crianças dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico*” partiu da formulação da questão-problema, “*Quais são os conhecimentos por parte das crianças face aos riscos e perigos do uso da Internet, redes sociais e dos videojogos?*” que desta forma os objetivos do estudo são, *Identificar as atividades mais frequentes quando as crianças utilizam a Internet e as redes sociais; Verificar o tempo de duração dispensado pelas crianças na utilização dos dispositivos eletrónicos, da Internet, das redes sociais e videojogos; Perceber se as crianças têm conhecimento dos riscos e perigos da Internet e as redes sociais; Compreender se existem condições de comportamentos aditivos e, por fim, Perceber se os pais/ encarregados de educação sabem identificar e prevenir situações de risco e perigo da Internet e das redes sociais usadas pelos seus educandos.* Empiricamente, a metodologia utilizada é de natureza quantitativa e qualitativa, optando-se por um inquérito por questionário como instrumento da recolha de dados, preenchido por 111 inquiridos de ambos os sexos. O grupo de participantes é composto pelos alunos do 1.º e 2.º ciclos do agrupamento de Escolas do Norte do país e pelos seus respetivos pais/encarregados de educação. Os principais resultados revelam-nos que as crianças utilizam a *Internet* e as redes sociais de forma diária, onde o local privilegiado para utilizarem os dispositivos eletrónicos é no quarto e as atividades de preferência nos ambientes virtuais é comunicarem com amigos e outras pessoas através do *chat*. Percebemos ainda que as crianças têm comportamentos de riscos e contactam com perigos quando utilizam a *Internet* e as redes sociais, pois divulgam os seus dados pessoais, trocam mensagens e marcam encontros com desconhecidos. Relativamente aos pais/encarregados de educação existe pouco controlo e vigilância quando os seus educandos utilizam os ambientes virtuais e os dispositivos eletrónicos.

Palavras-chave: crianças, redes sociais, comportamentos de risco e perigo, e prevenção.

Abstract

New technologies, the Internet and social networks are tools increasingly sought after by children. They are currently starting to interact with digital media at an early age, as they provide entertainment, easy communication, social interaction, sharing of common experiences and interests, and help create affective bonds with other individuals. However, the exposure of photos, videos and personal data on social networks can bring about several risks and dangers. In this line, the present research entitled "Risks and dangers of the Internet and social networks: conceptions of parents/carers and children of the 1st and 2nd Cycles of Basic Education" started from the formulation of the question-problem, "What is the knowledge on the part of children regarding the risks and dangers of using the Internet, social networks and video games?" The objectives address identifying the most frequent activities when children use the Internet and social networks. Firstly, verifying the time spent by children using electronic devices, the Internet, social networks, and video games. Secondly, understanding whether children are aware of the risks and dangers of the Internet and social networks. Thirdly, understanding whether there are tendencies of addictive behaviors. Fourthly, understanding whether parents/guardians know how to identify and prevent risky and dangerous situations of the Internet and social networks used by their children. Empirically, the methodology used is quantitative and qualitative in nature, using a questionnaire survey as a data collection instrument, which was completed by 111 respondents of both genders. The group of participants is composed of, 1st and 2nd cycle students of the Northern Group of Schools and their respective parents/guardians. The main results reveal that children use the Internet and social networks on a daily basis, where the preferred place for using electronic devices is in the bedroom and the preferred activities in virtual environments is communicating with friends and other people through chat rooms. We also noticed that children have risky behaviors and contact dangers when using the Internet and social networks, because they disclose their personal data, exchange messages and make appointments with strangers. Regarding parents/guardians, there is little control and vigilance when their children use virtual environments and electronic devices.

Keywords: children, social networks, risk and danger behaviors, and prevention.

Introdução

Este trabalho resulta da investigação desenvolvida no âmbito da dissertação de Mestrado em Educação Social – Educação e Intervenção ao Longo da Vida, cujo tema é os *Riscos e perigos da Internet e das redes sociais: concepções de pais/encarregados de educação e de crianças dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico*.

A razão fundamental desta investigação prende-se com a necessidade de informar e sensibilizar as crianças e pais/encarregados de educação sobre os possíveis riscos e perigos da *Internet* e das redes sociais.

Desde os primórdios da Humanidade que a evolução da espécie humana se encontra associada ao avanço tecnológico. O aparecimento das novas tecnologias acarretou diversas vantagens, desvantagens, oportunidades, riscos e consequências a vários níveis na vida dos indivíduos. Deste modo, é importante que as crianças saibam distinguir a dependência do uso considerado normal ou quando o uso da *Internet*, das redes sociais, jogos *online* e das novas tecnologias são um ato excessivo, tornando-se uma dependência, pois à medida que aumenta o uso da *Internet* pelas crianças, aumentam as preocupações sobre a segurança *online*. Posto isto, é fundamental sensibilizar e informar as crianças de sobre todos os riscos e perigo, para que estas utilizem os meios digitais de forma consciente e segura.

Hoje em dia, a *Internet* é considerada uma ferramenta de informação e de comunicação crucial, pois a maior parte da sociedade contemporânea utiliza-a de forma diária. Esta ferramenta desencadeou o aparecimento das redes sociais que levou a que existissem ainda mais canais de comunicação, informação e interação, pois estas apresentam diversos serviços, como criar um perfil individual, conhecer indivíduos de qualquer parte do mundo, publicar conteúdos, fotografias, vídeos ou músicas a seu gosto, definir se a conta da rede social é pública ou privada e permite visualizar informação que os outros utilizadores também publicam (Santos & Santos 2014).

Segundo Costa (2014), as redes sociais começam a ser muito procuradas principalmente por crianças, um dos principais motivos, são espaços de interação social, que permitem que haja diversas formas de se comunicar, de se relacionar e de criar grupos em que é possível partilhar gostos e interesses em comum. Contudo, muitas crianças partilham informações pessoais, fotografias ou vídeos de forma pública, permitindo que qualquer indivíduo tenha acesso, podendo gerar muitos riscos e perigos que desconhecem muitas vezes.

As crianças não são as únicas a utilizar as redes sociais, no entanto, cada vez mais, existe um forte crescimento na adesão por parte desta população, levando a que estas passem a maior parte do seu tempo, conectadas e a interagir com a *Internet*, redes sociais e as novas tecnologias, ignorando os riscos e perigos que podem estar sujeitas, os quais muitas crianças e pais/encarregados de educação nem os conhecem, sendo desta forma necessário abordar este tema para alertar, informar e sensibilizar.

A metodologia de investigação utilizada é de natureza quantitativa e qualitativa, de carácter descritiva, exploratória e explicativa. O instrumento de recolha de dados, aplicado foi o inquérito por questionário, com perguntas fechadas e abertas para a realização da análise de conteúdo.

Este trabalho encontra-se dividido em três capítulos: o primeiro capítulo interpela de forma sintética o conceito de *Internet* e a sua expansão. Posteriormente fará referência à evolução das redes sociais, dando ênfase à idade média do uso das redes sociais e das novas tecnologias pelas crianças, abordando em seguida a dependência das crianças sobre a *Internet*, redes sociais e os jogos *online*, os critérios sobre a dependência da *Internet* e das redes sociais. Em seguida descreve os programas de prevenção da dependência da *Internet*, redes sociais e dos jogos *online*. Importa ainda, conhecer as tipologias de riscos e perigos *online* e como identificar e prevenir situações de crianças que sofrem de *cyberbullying*, referenciando também a exposição de fotografias e vídeos na *Internet* e nas redes sociais, interpelando o impacto que acarreta nas vítimas, nas suas relações interpessoais, o impacto sobre a sexualidade das crianças e as capacidades que estas têm de ultrapassar situações adversas e por fim vai ao encontro da intervenção do Educador Social, como um agente socioeducativo na prevenção dos riscos e perigos das redes sociais.

O segundo capítulo faz referência à investigação empírica, que está presente a questão - problema e os objetivos do estudo. Em seguida aborda a seleção do grupo de participantes e procedimentos utilizados e a metodologia de investigação. Posteriormente refere o instrumento de recolha de dados e por fim as considerações éticas da recolha de dados.

O terceiro capítulo procede à apresentação, análise e discussão dos resultados, dando enfoque à caracterização dos participantes, análise dos dados e discussão dos resultados, por fim refere as considerações finais.

Capítulo I - Enquadramento teórico

Este capítulo pretende abordar os aspetos teóricos fundamentais relativos a este relatório, tendo como grande temática os *Riscos e perigos da Internet e das redes sociais: conceções de pais/encarregados de educação e de crianças dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico*.

O Educador social tem um papel importante nesta temática, visto que é um profissional que atua consoante a realidade com que se depara, promovendo a interação e integração social, o seu papel é de construtor de pontes entre as crianças e as suas famílias, para informar e sensibilizar sobre a *Internet*, redes sociais e dispositivos eletrónicos.

Em seguida, aborda o conceito de *Internet* e a sua expansão, sendo sem dúvida uma ferramenta de pesquisa, informação e de comunicação utilizada pela maior parte da população mundial. Posteriormente fará referência à evolução das redes sociais, tendo em conta as crianças e o uso das redes sociais, *Internet* e das novas tecnologia, a dependência das crianças sobre a *Internet*, redes sociais e jogos *online*, as tipologias de riscos e perigos *online*, após refere a exposição de fotografias e vídeos na *Internet* e nas redes sociais e a intervenção do Educador Social, como um agente socioeducativo na prevenção dos riscos e perigos dos meios digitais.

1. Conceito de *Internet* e a sua expansão

A história da *Internet* rodeia diversos aspetos, tais como, a nível tecnológico, social, político e organizacional.

A *Internet* desempenha, atualmente, um papel fundamental na sociedade contemporânea, tendo-se tornado cada vez mais um instrumento indispensável para uma percentagem significativa de pessoas. O aparecimento da *Internet*, das redes sociais e aplicações (*apps*), modificou a forma como os indivíduos se comunicavam, tornando-a mais prática, rápida e eficiente. É uma forma fácil de estar em contacto com outros indivíduos, através de um simples *click* e a existência de *WiFi* facilita a comunicação instantânea.

De acordo com Abreu (2009), o governo norte-americano, foram os primórdios da *Internet*, começando por um Projeto *Sputnik* da antiga União das Repúblicas Soviéticas (URSS), governadas pela Rússia, durante a guerra fria, em 1957. O nascimento da *Internet*, consagrou-se na década de 70, quando os militares norte-americanos

desenvolveram a *ARPANET*, rede da Agência de Investigação de Projetos Avançados dos Estados Unidos, sendo desta forma criada durante a disputa do poder mundial com a URSS. O objetivo da *ARPANET* era a criação de uma rede que permitisse a comunicação nos locais mais de difícil acesso do sistema de defesa Norte-Americano. A rede de comunicação, deveria ser forte, segura e sem falhas, pois em caso de ataque nuclear a comunicação desse local ficava destruída, sendo desta forma, necessário que a comunicação continuasse a funcionar corretamente nos locais que não fossem afetados. Uma das formas de satisfazer estas necessidades, era dividir os dados, em vários pacotes e de seguida envia-los por diversas rotas viáveis (Goethals *et al.*, 2000).

Segundo Relva (2015), no ano 1983, começou a existir acordos que originou o rompimento da componente militar, a criação da *CSNet (Computer Science Network)* e a sua ligação à *ARPANET*, permitiu a existência da *Internet*, que rapidamente se propagou, e tornou-se fundamental existir uma estrutura de organização e cooperação, no crescimento das redes e operadoras que faziam parte.

O inglês Tim Berners-Lee no ano 1989, exibiu um documento ao *CERN (European Organization for Nuclear Research)*, designado por "Gestão da Informação: uma Proposta", que abordava que existia um sistema em rede para partilhar informação, através da ferramenta hipertexto (CERN, 2009 citado por Patrício, 2009). Passado um ano depois, expandiu diversas ferramentas essenciais para o trabalho como a web.

Na década de 90, em Portugal, a população começou a utilizar a *Internet*, principalmente a comunidade académica e científica. Mas no ano de 1995, foi o grande marco, pois o crescimento de utilizadores da *Internet* aumentou significativamente, que originou as criações de *sites* de órgãos de comunicação social, como o Público, Jornal de Notícias, Rádio Comercial e TVI (Neto, 2006).

De acordo com Relva (2015), a criação da *Web* e o aparecimento do .com em 2001, a *Web 1.0* era qualificada pela enorme quantidade de informação que estava disponível nas plataformas, apesar do acesso ser facilitado, o utilizador não podia reestruturar nem editar o conteúdo que estava exposto, sendo apenas um espetador, a maioria destes serviços não eram interativos e muitos deles eram pagos ou sujeitos a licenças.

Para Santos (2010), a *Web 1.0* estava apenas assegurada para um número restrito de utilizadores, que pretendiam estabelecer regras de comportamentos, em que a sua comunicação era somente por escrito. Posteriormente surgiu a *Web 2.0*, em que apareceram os motores de busca, os programas de gestão de *e-mail*, *Google*, *YouTube* e *a Wikipedia*. Houve uma expansão dos *softwares* de redes sociais e de comunicação

instantânea, aparecendo as redes sociais, tais como, *Hi5, Blog, Facebook, Messenger, Twitter, Instagram, WhatsApp*, entre outras.

Atualmente a *Internet* é considerada para a maior parte da população uma ferramenta de comunicação imprescindível. Sendo um meio de comunicação influente, com ferramentas cada vez mais atrativas e de fácil utilização como, por exemplo, o *e-mail* que permite enviar toda a categoria de documentos escritos, sonoros, imagens e filmes, tornando-se um meio de comunicação excepcional. Inclui as salas de conversação ou *chats* em que a comunicação é feita sem a presença física, contém jogos *online* em que os utilizadores podem criar personagens ou narrativas em colaboração com outros jogadores e os *blogues* permitem que o utilizador consiga gerir o seu próprio espaço na *web* (Costa, 2014).

A *Internet* tornou-se uma parte integrante da vida quotidiana das crianças, o aumento do tempo gasto *online* suscita questões sobre se as crianças controlam a sua utilização da *Internet*. Foram expressas preocupações de que demasiado tempo na *Internet* possa influenciar de forma negativa vários aspetos da vida das crianças, levando ao declínio dos resultados escolares ou mesmo abandono escolar, aumento da tensão familiar, abandono de atividades extracurriculares, problemas psicológicos, tais como, depressão, ansiedade, baixa autoestima, problemas de saúde devido à privação de sono e falta de atividade física (Abdullah, 2017).

Segundo Cash *et al.* (2012), a *Internet* funciona para muitos indivíduos como uma recompensa para melhorar a autoestima e o humor, estes interagem com diversas aplicações e plataformas, pois os meios digitais permitem enviar mensagens de texto, realizar vídeo chamadas, possibilita ainda colocar fotografias, vídeos pessoas, jogar videojogos, enviar *e-mail's*, e visualizar diversos conteúdos.

Contudo, o uso indiscriminado da *Internet* suscita consequências negativas, tais como, dificuldades psicológicas, físicas, sociais e académicas. Não existe uma definição padronizada sobre a dependência da *Internet*, no entanto, alguns autores, definem a dependência da *Internet* como, bastante entusiasmo pelas atividades na *Internet*, necessidade de estar sempre ligada à rede, comportamentos de ansiedade e agressivos quando existe privação à *Internet* e deterioração progressiva do funcionamento social e familiar. A investigação sobre a dependência da *Internet* continua a documentar graves efeitos do seu uso, podendo levar a ataques de ansiedade, depressão, fracasso escolar e isolamento social (Abdullah, 2017).

2. A evolução das Redes sociais

O fenómeno das redes sociais tem incutido bastante curiosidade, sendo estudado por diversos investigadores ao longo dos últimos anos. Atualmente tem um grande impacto na vida dos indivíduos, pois é uma ferramenta que a maioria das crianças, jovens e adultos utilizam para comunicar uns com os outros de forma rápida e eficaz. As redes sociais têm aumentado de forma exponencial ao longo da última década. Este resultado advém das evoluções tecnológicas e da própria *Internet* resultando no surgimento de redes sociais como o *Facebook*, *Messenger*, *Snapchat*, *Instagram*, *Twitter*, *WhatsApp*, *Youtube*, *Tik Toc*, *blog* entre outras. Este aumento de popularidade resultou numa utilização diária por parte de muitos utilizadores, principalmente por crianças.

De acordo com Ferreira (2012), refere que o conceito de rede tem origem no latim, assumindo hoje em dia diversos significados. No entanto, rede é considerada como uma ferramenta de integração e interação social, proporcionando que os indivíduos estabeleçam relações entre pessoas, estabelecimentos ou organizações entre si. A ideia de rede social surge no século XX, como relações sociais (Ferreira, 2011). A rede era considerada uma imagem, para representar e classificar um conjunto de sistemas, organizações e estruturas, que eram usadas por diversos indivíduos e entidades que interagem entre si. A noção primária de rede era considerada, quando existia uma ligação à distância, como por exemplo, um grupo de indivíduos, que se encontram em locais diferentes uns dos outros, se conectam à *Internet*, para realizarem uma reunião de trabalho ou para estabelecerem relações interpessoais (Costa *et al.*, 2003).

Para Santos (2010), as redes sociais foram inventadas pela Antropologia nos anos 50, relatando as ligações entre os indivíduos, computadores e a *Internet* favorecendo as ligações e os nós, que são constituídos por um ou mais indivíduos que permite haver interações.

A nossa sociedade passou por vários processos de evolução, desde a revolução industrial até agora, pois os indivíduos procuram constantemente novos processos, permitindo desta forma evoluírem, em que aprendem diversas formas de trabalhar, de produzir, de comprar e mesmo de se relacionar com outros indivíduos. Desta forma, levou à criação das redes sociais, que rapidamente começaram a ser utilizadas pela maioria da população mundial que se conecta à *Internet*, através das novas tecnologias, tais como, *tablets*, computadores e *smartphones* (Santos & Santos, 2014).

As Redes Sociais e Comunidades Virtuais são termos que significam grupos de indivíduos ligados pela *Internet*.

De acordo com Orozco *et al.* (2003), definem a rede social

como um sistema aberto a um intercâmbio dinâmico entre os indivíduos, grupos, associações, que possibilita potenciais recursos que enriquecem as múltiplas relações entre os diferentes membros que a compõem, com o objetivo de obter metas e desafios em comum de forma coletiva e eficiente (p. 12).

Segundo Fontanini, Marshman e Vettore (2015), consideram que as redes sociais são como um conjunto de relações sociais, em que os indivíduos comunicam uns com os outros e que, por vezes, criam características e vínculos, podendo oferecer ajuda numa variedade de situações. Uma rede social é constituída por mais diversos elementos, tais como, indivíduos, associações, organizações e entidades sociais, que constroem relações interpessoais e comerciais, entre outros, no qual é possível partilharem informações, consciências, ideias, aptidões, crenças e influências (Ferreira, 2011).

As redes sociais são sem dúvida uma inovação que tem influenciado tanto o mundo, como o seu impacto em negócios, divulgação de informação, *marketing* de produtos, entretenimento, lazer, entre outros. As redes sociais, permitem que fotografias e vídeos sejam facilmente carregados para as contas dos meios de comunicação social, facultando a visualização de centenas de indivíduos (Aveni, 2019).

Segundo Silva e Ferreira (2007), enfatizam a rede social como interações de indivíduos, instituições, ou outras entidades conectadas por um conjunto de relações, sejam de amizade, relações de trabalho, informações ou trocas comerciais. Os indivíduos utilizam as redes sociais no sentido de procurar satisfazer necessidades, de comunicação, de reconhecimento e de aceitação, para melhorar a sua autoestima e autoafirmação (Neverkovich *et al.*, 2018).

As redes sociais oferecem aos indivíduos uma forma de criarem conexões, de manterem as relações atuais, de criarem e partilharem os seus próprios conteúdos e criam as suas próprias redes sociais observáveis pelos outros (Dailey *et al.*, 2020). Os indivíduos inspecionam diariamente as suas contas das redes sociais, excedendo várias horas consecutivas.

As redes sociais também parecem apresentar uma certa dualidade. Por um lado, podem proteger os indivíduos do aparecimento de distúrbios psicológicos, pois permitem que eles se conectem, interajam e expressem emoções. Por outro, as ações comunicativas,

tais como, as trocas das mensagens, os *likes* nos comentários, nas fotografias e nos vídeos, podem ter complicações a priori, podendo levar a sérios problemas, pois quando os indivíduos se expõem e se exibem de forma excessiva nas redes sociais, pode levar a que fiquem insatisfeitos com as suas próprias realidades (Lozano *et al.*, 2020).

De acordo com Ayeni (2019), as redes sociais, permitem que todo os indivíduos do mundo possam interagir entre si, partilhar informações, conhecimentos e interesses.

Segundo Cunha Recuero (2003), designa a comunidade virtual, como um conjunto de indivíduos que criam relações e interações sociais entre si, num determinado período de tempo. Pode-se constatar ser mais que um suporte no ciberespaço, sendo um canal ou mesmo um *website*. Segundo a mesma autora, a comunicação cara a cara difere da comunicação virtual, pois os indivíduos criam identidades atendendo às suas conveniências e necessidades, criando contas em plataformas, tais como, o *Blog*, *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, entre outros, que podem ser semelhantes à realidade ou não. Cada indivíduo cria um perfil, através de um conjunto de características que se disponibiliza e quer mostrar, muitas vezes é em ambiente privado, que vai gerar empatia, aceitação, cooperação na rede, mas nem sempre.

O surgimento dos *websites* e aplicações *online* trouxe inúmeras vantagens e desvantagens. Quando são usados de forma excessiva pode levar a vários riscos e perigos da comunicação em rede, tais como o isolamento social do indivíduo, a rutura da comunicação social e da vida familiar, levando os indivíduos a viverem realidades virtuais, fugindo, desta forma à realidade. Esta virtualidade que reorganiza as relações sociais, permite que as pessoas, através da rede, se afastem da vida familiar, das relações interpessoais e do trabalho. Designando-se, deste modo, as comunidades virtuais, como as pessoas se estruturam, tendo como intermediários os dispositivos eletrónicos, em volta das suas ideias, atitudes, valores, conformidades e interesses, que fortalecem movimentos sociais que giram em torno de valores culturais e que encontram na *Internet* um meio de comunicação para atingirem os seus objetivos de forma rápida e simples (Castells, 2003).

O estudo de Afonso (2020), designado por “Os Portugueses e as Redes Sociais”, da *Marktest*, apresentou uma análise das principais tendências de utilização de redes sociais em Portugal, que referindo que os ambientes virtuais tiveram um aumento significativo, pois no ano de 2018 havia cerca de 17.1% de utilizadores, aumentado para 63.6% em 2019, em que os dispositivos eletrónicos mais utilizados são os telemóveis.

Em suma, o aparecimento da *Internet*, das redes sociais e das aplicações, modificou a forma como os indivíduos se comunicam, pois são ferramentas de fácil acesso. Porém,

as redes sociais acarretam diversas vantagens na vida de uma criança, pois permite a facilidade de encontrar e interagir com amigos e familiares de forma instantânea e de partilhar momentos importantes da sua vida. No entanto, se não for bem gerida, pode tornar-se uma dependência, afetando tanto o rendimento escolar como as relações interpessoais. Contudo, o uso de redes sociais não é intrinsecamente patológico, no entanto, torna-se algo obsessivo, pois as crianças permanecem várias horas seguidas conectadas às redes sociais a interligar-se com pessoas conhecidas, ou não, trazendo diversas consequências a vários níveis. Pode-se constatar que hoje em dia, a rede social tem um lugar central na vida das crianças, sendo necessário promover conhecimentos sobre os riscos e perigos que possam surgir.

2.1 As crianças e o uso das redes sociais e das novas tecnologias

A rede social é instrumento de comunicação e de interação, sendo atualmente utilizada com bastante frequência pelas crianças.

Segundo Santos e Santos (2014), o poder de comunicação aumentou de forma significativa nos últimos anos, pois cada vez mais as redes sociais são utilizadas diariamente por todo o mundo. Atualmente, é notório que os indivíduos, por mais humildes que sejam, por habitarem em lugares distantes, por ocuparem diferentes posições na sociedade, conseguem ter a facilidade de comunicar com outros através das redes sociais, uma vez que esta ferramenta auxilia a que estes sejam criadores, transmissores e mesmo consumidores de informação.

De acordo com Ayeni (2019), o processo de comunicação abrange distintos elementos. Estes elementos são a mensagem, o emissor, o canal e o recetor. O canal utilizado nos meios de comunicação social é a *Internet*. À guisa do que acontece numa conversa, o recetor pode dar *feedback* para o remetente. Isto é vantajoso porque o remetente poderá saber se a mensagem foi entregue apropriadamente e também, o remetente saberá a opinião do recetor sobre a ideia que recebeu. Segundo o mesmo autor, na última década, os meios de comunicação social evoluíram, passando dos computadores aos *smartphones*, *tablets* e relógios digitais. Com um simples clique, é possível carregar fotografias e vídeos através dos dispositivos eletrónicos para as contas das redes sociais, bem como responder às mensagens instantaneamente.

O crescimento exponencial das redes sociais e aplicações permitiu novas transformações na sociedade, como também evoluiu a forma como as crianças se

relacionam entre si, pois passaram a comunicar de forma simples, rápida e eficaz (José & Barbas, 2020). A *Internet* é uma ferramenta que oferece aos indivíduos uma participação e comunicação ativa, dado que permite criar contextos sociais. No entanto, é fundamental que as crianças aprendem de forma individual a expressar as suas opiniões, valores, atitudes, conhecimentos e ideias (Pereira *et al.*, 2011).

Para Santos e Santos (2014), as redes sociais possibilitam vários objetivos comunicacionais, através dos dispositivos eletrónicos, tais como computadores, *smartphones e tablets*, permitindo, desta forma, às crianças criarem os seus próprios espaços sociais de relacionamento, entretenimento e contacto social. Hoje em dia percebem-se as alterações progressivas da sociedade e os seus paradigmas de interações e relações sociais, marcados pela popularização da *Internet* e das suas formas de comunicação, interação e informação, germinadas pelos utilizadores, pois pode ainda constatar-se que a comunicação mediada pelos meios tecnológicos já está incutida na maior parte da sociedade contemporânea.

Atualmente a tecnologia é considerada como uma base na conservação das relações sociais. Posto isto, as crianças antes de serem alfabetizadas aprendem primeiro a utilizar os dispositivos eletrónicos, ao invés de praticar a leitura e a escrita num no caderno de caligrafia, provocando assim, dificuldade na aprendizagem e baixo rendimento escolar (Paiva & Costa, 2015).

As novas tecnologias permitem que quando as crianças têm um contacto interativo, pode ser benéfico a vários níveis, tais como melhoria das funções cognitivas, visto que, existem vários programas que incentivam o desenvolvimento da escrita, da leitura e da matemática, que desta forma, pode promover competências, capacidades e envolvimento na aprendizagem. Atualmente as novas tecnologias estão cada vez mais presentes e têm influência na aquisição e expansão de conhecimentos, auxilia ainda na comunicação e interação, permitindo o contacto com vários indivíduos. No entanto, é suposto que existam regras e comportamentos de responsabilidade e moderação quando se utilizam dispositivos eletrónicos. O uso excessivo das novas tecnologias acentua problemas como o sedentarismo e a falta de interação social, transtornos mentais, dificuldades na aprendizagem, entre outros (Monteiro & Osório, 2015).

Para Santos (2020), existem cada vez mais crianças em contacto *online* diariamente através das redes sociais e aplicações, onde os adultos não têm conhecimento nem consciência dos riscos e perigos que as crianças podem estar sujeitas. Na última década o uso dos dispositivos eletrónicos vulgarizou-se na vida das crianças. Uma parte

significativa do dia das crianças é a interação com o mundo virtual, pois preferem passar o dia a socializar-se com colegas, amigos e seguidores, na visualização de vídeos e fotografias, adquirindo mais amigos virtuais, expondo muitas vezes a sua vida íntima. A utilização das redes sociais pelas crianças proporciona recompensas contínuas, como, por exemplo, autoeficácia, satisfação e autoestima, permitindo cada vez mais o envolvimento na atividade. No entanto também podem conduzir a muitos problemas, como por exemplo ignorar as relações interpessoais e a não realização dos seus deveres escolares (Ayeni, 2019).

Segundo Costa (2020), as crianças atualmente vivem cada vez mais conectadas ao mundo virtual, pois o ambiente digital é uma extensão do ambiente físico, em que simultaneamente comunicam as suas identidades nos dois mundos (físico e virtual).

De acordo com o relatório da UNICEF (2017), existe uma enorme quantidade de crianças que utilizam o meio digital, comprovando, uma em cada três crianças são utilizadoras da *Internet*. No entanto, existe pouca prevenção sobre os riscos e perigos do mundo virtual. Neste sentido, é necessário aumentar acessos a conteúdos *online* seguros e mais supervisão pelos pais, familiares e amigos. A *Internet* aumenta a vulnerabilidade das crianças, dado que, muitas destas partilham informações pessoais, tem acesso a conteúdos violentos ou de cariz sexual e expõem a sua vida pessoal, podendo a vir a ser vítimas de *cyberbullying*. Ainda se constatou que, cada vez mais, os dispositivos eletrónicos utilizados pelas crianças, para navegar nas suas redes sociais, são pouco supervisionados, podendo, desta forma, colocar em causa a segurança destas, bem como a de terceiros.

O estudo do Instituto Nacional de Estatística [INE, 2019], confirmou que, em 2019, cerca de 81% de famílias portuguesas tinham acesso à *Internet* em casa (mais de 1,5% que em 2018), que se constatou que o acesso era mais utilizado por famílias com crianças até aos 15 anos, em que o acesso à *Internet* predominante nas habitações era realizado através da banda larga, com cerca de 78%.

As crianças já nascem num mundo conectado à *Internet*, porém deve de existir um controlo parental, apesar desta ferramenta oferecer meios de comunicação de fácil, acesso a baixo custo e expansão da rede de contactos, esta abarca aspetos negativos como positivos. Posto isto, não se pode negar a importância da *Internet* hoje em dia, pois ela possibilita diversas ferramentas, como o acesso à comunicação, educação, conhecimento, comércio e entretenimento, apesar das vantagens que ela oferece. Contudo também coloca as crianças em vários riscos e perigos, dado que, são expostas a objetos que lhe

dão acesso facilitado ao mundo da *Internet*, que pode gerar consequências negativas se forem usadas de forma desequilibrada ou excessiva. Deve haver uma supervisão rigorosa dos pais/encarregados de educação para orientar a criança sobre potenciais perigos e riscos, permitindo que a criança aprenda a estar em segurança na *Internet* e também ajudando-a a falar sobre as experiências que tem nas redes sociais.

2.2 Idade média do uso das redes sociais, *Internet* e das novas tecnologias pelas crianças

O uso das novas tecnologias está cada vez mais, inserida em todo o mundo, porém as inovações tecnológicas alteraram o seu papel na vida das crianças e tornaram-se cada vez mais uma presença diária. Em Portugal a maioria das crianças já nascem em lares onde existem computadores, telemóveis, *tablets* e relógios digitais, fazendo que haja uma interação com estes dispositivos eletrónicos cada vez mais cedo, pelo que é essencial perceber o impacto que esta utilização constante implica.

A maioria das investigações sobre crianças e as suas práticas digitais foca-se maioritariamente, nas crianças a partir dos 9 anos, uma vez que é a partir desta idade, que começam a ter os seus próprios dispositivos eletrónicos, que lhes permite aceder à *Internet* e criarem as suas redes sociais (Brito & Dias, 2017).

O estudo de Faria *et al.* (2018), implementado no Centro da Criança e do Adolescente do Hospital CUF Descobertas, indica que 90% das crianças acede às novas tecnologias, 67% das crianças com menos de três anos usam dispositivos eletrónicos, 69% das crianças utiliza de forma diária, estando mais de 1 hora e 30 minutos conectadas. Constatou-se ainda que a tecnologia mais usada é o *tablet* com 82% de utilizadores, em seguida o *smartphone* com 68%, depois o computador com 52% e, por fim, a consola com 37%. Cerca de 86% utiliza a *Internet*, mas só existe controlo parental cerca de 51% dos casos. A utilização da *Internet* é feita para ver vídeos, jogar *online*, ouvir música, fazer pesquisas e atividades pedagógicas.

O estudo de Dias e Brito (2018), “*Happy Kids: Aplicações Seguras e Benéficas para Crianças*”, revela que nove em cada dez casas portuguesas têm *smartphones*, *tablets*, computadores portáteis ou ligação à *Internet*. Os dispositivos eletrónicos são usados por crianças cada vez mais novas e que mais utilizam aplicações (*apps*) são as que têm entre zero e os dois anos. Muitas crianças com menos de 12 anos têm já o seu próprio *tablet*, e as outras crianças têm acesso aos *smartphones* e *tablets* dos pais/encarregados de educação.

De acordo com os últimos dados do Barómetro de Telecomunicações da Marktest (1.º trimestre de 2018), referentes ao Consumo de Comunicações Eletrónicas pelas crianças, cerca de 83% destas, com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos, utilizam as redes sociais, onde atividades preferenciais são as mensagens instantâneas e os jogos *online*.

Segundo a Direção-Geral da Educação [DGE, 2020], divulgou os resultados do estudo europeu *EU Kids Online 2020: Survey results from 19 countries*. Concluiu, que entre os anos 2017 e 2019, foram inquiridos 25.101 crianças e jovens com idades compreendidas entre os 9 e os 16 anos, sobre as suas experiências digitais. Tendo a intenção de compreender se vivenciaram situações de risco como *cyberbullying*, conteúdos prejudiciais, mau uso de dados pessoais, uso excessivo da *Internet*, mensagens de *sexting* e encontros com pessoas conhecidas na *Internet*. Constatou-se que na Europa a maioria das crianças usa *smartphone* com acesso à *Internet* diariamente e a qualquer hora do dia. Portugal é um dos países que aumentou de forma significativa o tempo dispensado pelas crianças a utilizarem os ambientes virtuais.

O estudo de Monteiro e Osório (2015), indica que a média das idades das crianças com acesso aos dispositivos eletrónicos, à *Internet* e redes sociais, são idades entre os 9 e os 14 anos, constatando-se também que utilizam estes instrumentos de forma diária.

Verifica-se que atualmente as crianças utilizam os dispositivos eletrónicos e criam as suas redes sociais, cada vez em idades mais precoces. A utilização das novas tecnologias por parte das crianças deve ser controlada pelos pais/encarregados de educação, pois quando as crianças as utilizam de forma saudável e controlada, esta torna-se uma aliada ferramenta de aprendizagem, comunicação e socialização. No entanto, as crianças deveriam dar preferência a atividades ao ar livre, como brincar, estar em contacto com outras crianças, em vez de passarem bastantes horas conectadas à *Internet* e às redes sociais.

3. A dependência das crianças da *Internet*, redes sociais e videojogos

A evolução das novas tecnologias levou as crianças a aderirem em grande escala ao mundo *online*, sendo assim um dos maiores grupos de consumidores diários, pois a tecnologia permite aceder a certa informação e conteúdos rapidamente, permitindo também o fácil acesso à *Internet*. Assim sendo, o mundo virtual torna-se altamente atrativo, pois a fácil disponibilidade, acessibilidade e anonimato, torna-a uma das

atividades de lazer mais populares entre crianças. Apesar das vantagens da comunicação via *Internet*, o seu uso excessivo gera diversas situações que normalmente ocorrem pela falta de conhecimento das crianças sobre os riscos e perigos, pois, para as crianças as redes sociais e as novas tecnologias são usadas como um refúgio e um entretenimento. A dependência da *Internet* e das novas tecnologias em crianças é um tema emergente que faz com que os investigadores se interessem por ele em todo o mundo.

De acordo com Fradelos *et al.* (2016), a *Internet* é considerada uma ferramenta de educação eficaz, que facilita o trabalho à distância e ajuda a realizar diversas transações de serviços. No entanto, a ampla propagação, especialmente em grupos populacionais específicos, como nas crianças, resultou numa tal desordem, que criou as condições favoráveis para a dependência da *Internet*. Segundo os mesmos autores, foi necessária uma década, sendo a mais específica após 1996, em que vários psiquiatras, psicólogos e especialistas consideraram que o uso excessivo das novas tecnologias pode causar dependência e reconheceram que o uso excessivo causa distúrbios e dependência, com critérios semelhantes aos de outras dependências. Hoje em dia, a maioria dos investigadores no campo das dependências da *Internet*, indica ser um distúrbio psicofisiológico que envolve tolerância e sintomas de isolamento, bem como distúrbios emocionais e sociais.

Segundo Neverkovich *et al.* (2018), entendem dependência da *Internet* não química, ou seja, não é uma doença, mas sim um transtorno comportamental. Ocorre quando uma pessoa perde a sensação de estar em tempo real sendo sobrecarregada por jogos e tipos de informação de atividade informática, o que reduz o contacto com a realidade e a “entrada” no mundo virtual.

O uso indiscriminado da *Internet* gera consequências negativas, provocando dificuldades psicológicas, sociais, ocupacionais e escolares, tendo ainda efeitos negativos no bem-estar físico e mental, pois a maioria das crianças com dependência da *Internet* foi diagnosticada como tendo outras perturbações psiquiátricas, tais como, perturbações do humor, hiperatividade e síndromes de atenção, comportamento perturbador, ansiedade, sono e distúrbios alimentares, sendo estas algumas situações clínicas comprovadas, relacionadas com a dependência da *Internet*. Não existe uma definição padronizada sobre a dependência da *Internet*, ainda que alguns investigadores definam a dependência da *Internet* como geradora de bastante entusiasmo pelas atividades virtuais, necessidade de estar sempre ligada à rede, comportamentos agressivos e de ansiedade quando existe

privação de acesso e deterioração progressiva do funcionamento social e familiar (Abdullah, 2017).

Segundo Arruda (2016), a dependência da *Internet* é uma perturbação mental, pelo que deverá estar sujeita a intervenção. As crianças atualmente vivem numa era digital, no qual estão inseridas num ambiente tecnológico, que leva a utilizarem cada vez mais a *Internet*, em idades precoces de forma diária. Posto isto, a sua utilização intensiva e excessiva, produz alterações de comportamentos nas crianças suscitando várias consequências negativas.

Para Cash *et al.* (2012), a dependência das redes sociais e o uso das novas tecnologias, originam nas crianças mudanças de humor, a incapacidade de controlar a quantidade de tempo gasto na *interface* com a tecnologia digital, a necessidade de mais tempo ou de um novo jogo para alcançar um humor desejado, sintomas de abstinência quando não está envolvido. O uso excessivo e o tempo passado em frente ao ecrã, desempenham um papel determinante, não apenas na dependência das redes sociais, mas também pode surgir patologias, como a ansiedade, depressão, insónias, stress e distúrbios mentais. Há autores que explicam que o uso da *Internet* não é uma prática problemática, o que a torna problemática é quando as crianças abandonam as atividades extracurriculares, para estarem permanentemente conectadas à *Internet* e às redes sociais. Mais especificamente, pode-se argumentar que quando o uso da *Internet* interfere nas atividades diárias, pode causar problemas psicológicos, físicos e sociais (Lozano *et al.*, 2020).

De acordo com Dailey *et al.* (2020), define a dependência das redes sociais englobando-as em três atributos principais:

1. Estar excessivamente preocupado com os meios de comunicação social;
2. Ser conduzido por uma forte motivação para utilizar as redes sociais;
3. Dedicar tanto tempo e esforço com as redes sociais que prejudicam outros aspetos da vida, tais como atividades sociais, rendimento escolar, relações sociais e bem-estar geral.

Segundo os mesmos autores, a dependência das redes sociais, englobam três fatores: os fatores biológicos, em que a idade pode influenciar a dependência dos meios de comunicação social, principalmente porque as crianças são mais propensas ao envolvimento em atividades *online* e a uma maior exposição e utilização dos meios de comunicação social; os fatores sociais, os quais fazem referência ao género e à

intensidade com que as crianças utilizam as redes sociais de forma a satisfazer as suas necessidades, e, por fim, os fatores psicológicos, pois, o stress pode influenciar a dependência das redes sociais, a falta de empatia nas crianças, o que leva a que estas sejam menos competentes socialmente, pelo que quando uma criança se sente desvalorizada e com baixa autoestima, tende a utilizar os ambientes virtuais para melhorar a sua autoimagem, incentivando, deste modo, para o surgimento do comportamento aditivo (Dailey *et al.*, 2020).

Uma criança que se considere carente, com baixa autoestima, não se sente bem consigo mesma, tenta se satisfazer com os famosos “likes”, que quando os obtém experiencia uma sensação falsa de satisfação e de bem estar, tornando-se dependentes ao longo do tempo. As redes sociais têm tendência a incutir nas crianças falsas emoções, quando uma criança publica um vídeo ou uma fotografia e recebe vários “likes”, comentários, ou existe um aumento bruto de seguidores, permite que esta, tenha uma sensação de satisfação e sucesso instantâneo, criando crenças erradas de popularidade (Ayeni, 2019).

Para Garcia (2019), a Organização Mundial de Saúde (OMS) relata que a dependência de videojogos, como um comportamento permanente direcionado ao jogo, em que se torna uma prioridade em relação a outras atividades. A dependência em videojogos, está dirigida a todas as plataformas como *Internet*, dispositivos eletrónicos e consolas, que provocam diversas consequências negativas a nível psicológico e social com o seu uso indiscriminado.

De acordo com Pereira (2020), a dependência de jogos *online* pode-se verificar quando existe uma permanente e constante recurso à *Internet*, com a finalidade de jogar videojogos, tendo tendência para jogar com outros jogadores, o que faz com que a criança passe mais tempo isolada em frente a um ecrã durante várias horas. Segundo o mesmo autor, as crianças dependentes dos jogos *online*, não têm a noção do tempo, pois passam várias horas consecutivas em frente ao ecrã. Por vezes, tendem a ter comportamentos agressivos, ficam nervosos e ansiosos quando os jogos são interrompidos, apresentam sintomas de abstinência quando passam várias horas sem jogar, perdem também o interesse por outras atividades extracurriculares, desobedecem e mentem sobre o tempo despendido *online*, acarretando baixo rendimento escolar e fracas relações interpessoais.

Segundo Abreu *et al.* (2008), o uso excessivo de videojogos é considerado por especialistas como um novo transtorno psiquiátrico, visto que, a dependência sucede no tempo despendido na execução de jogar videojogos, pois se fundamenta na substituição

de outras atividades sociais e de lazer, que acaba desta forma por levar a criança a se envolver durante várias horas consecutivas a jogar videogames, deixando outras atividades por realizar, como se alimentar, estudar e dormir, entre outras.

De acordo com os mesmos autores, existem características centrais do uso excessivo de videogames, tais como:

1. **Saliência:** quando a criança considera que estar constantemente a jogar é a atividade mais importante do seu dia, controlando os seus pensamentos e comportamentos (saliência cognitiva e comportamental);
2. **Modificação de humor/euforia:** quando despende do seu tempo para jogar, proporciona momentos de prazer, como euforia ou mesmo alívio da ansiedade;
3. **Tolerância:** necessidade de jogar cada vez mais tempo para alcançar a sentimentos e momentos de bem-estar e de prazer;
4. **Abstinência:** estados emocionais e físicos desconfortáveis quando não conseguem estar a jogar;
5. **Conflito:** pode ser entre o jogador e pessoas próximas (conflito interpessoal, conflito com outras atividades como (escola, práticas desportivas e amigos) ou conflito com a própria criança, (conflito intrapsíquico);
6. **Recaída/ restabelecimento:** tendência de voltar a jogar outra vez de forma excessiva, após estar sem jogar durante um período de abstinência e controlo.

3.1 Critérios de dependência da *Internet* e das redes sociais

Para Cash *et al.* (2012), para que uma criança seja diagnosticada com dependência da *Internet* ou das redes sociais, deve cumprir pelo menos cinco dos critérios seguintes:

1. Ocupação contínua com a *Internet* ou das redes sociais, em que tem pensamentos sobre a atividade *online* anterior ou antecipar a próxima sessão;
2. Tem a necessidade de estar ligado à *Internet* para trazer saciedade e satisfação;
3. Todos os esforços para controlar a paragem ou reduzir a utilização da *Internet* tornam-se insuficientes;
4. As tentativas para reduzir ou parar o uso da *Internet*, ou das redes sociais são acompanhadas de inquietação, de emoções mal-humoradas e deprimidas;
5. Passar mais tempo *online* do que inicialmente previsto;
6. Colocar em risco a perda de relações interpessoais ou os estudos devido à *Internet*;
7. Muitas vezes mente sobre o envolvimento e a ocupação na *Internet*;

8. Encontra na *Internet* ou nas redes sociais uma aliada para se sentir feliz, com autoestima ou desejada;
9. A primeira tarefa do dia, quando acorda e a última tarefa da noite, antes de adormecer é dirige-se à *Internet* ou às redes sociais;
10. Existe a necessidade de colocar fotografias ou vídeos para estar sempre em interação.

3.2 Prevalência da dependência da *Internet*, redes sociais e videojogos nas crianças

A utilização da *Internet* atualmente começa a fazer parte da rotina diária das crianças, visto que, usam esta ferramenta, acendo às redes sociais e aos jogos *online*.

Num estudo de Ferreira *et al.* (2017), foram inquiridas 727 crianças, com idades compreendidas entre os 9 e os 13 anos, o qual permitiu perceber que as crianças utilizam a *Internet* em casa e em locais públicos com acesso gratuito, através do telemóvel, portátil e *tablet*, cerca de 75% das crianças utiliza a *Internet*, passando mais de três horas diárias, 41% identificou que um dos principais motivos do acesso à *Internet* é o entretenimento, comunicação e socialização, 24% identificou os jogos *online* e 31% identificou as redes sociais, passando mais de três horas diárias. Porém, o sexo masculino é predominante a jogar videojogos.

Segundo os resultados nacionais do inquérito por questionário do *EU Kids Online* (2019), relata que, quatro em cada cinco crianças e jovens portugueses entre os 9 e os 17 anos usam o *smartphone* para aceder à *Internet*. Cerca de 80% usam a *Internet* diariamente para ouvir música e ver vídeos e três em cada quatro crianças, usam-na diariamente para comunicar e interagir com amigos e familiares. Neste ambiente virtual, 23% das crianças confirmaram vivenciaram situações na *Internet* que as importunaram e perturbaram. As atividades preferenciais das crianças e jovens dos 9 aos 17 anos, são as de entretenimento, comunicação e os jogos *online*. Cerca de 25% dos inquiridos utilizam a *Internet* frequentemente para realizarem trabalhos da escola e estar a par das notícias (Ponte & Batista, 2019).

De acordo com Ramos (2019), os resultados do inquérito implementados a crianças com idades dos 10 aos 14 anos, realizado pelo Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD), apontam que 60% das crianças com idades inferiores a 10 começam a navegar na *Internet*.

Segundo Soares (2018), aponta que numa investigação que realizou com 2 220 inquiridos, com idades entre os 12 e os 30 anos, chegou à conclusão que os rapazes

tendem a passar mais horas a jogar videojogos e as raparigas são mais ligadas às redes sociais.

Um estudo realizado pela Cuf Descobertas, resultado de um inquérito numa amostra de 152 crianças, verificou-se que um terço das crianças corre risco de dependência dos videojogos. O referido estudo mostra ainda que, cinco crianças que participarem divulgaram que antes dos quatro anos já jogavam videojogos. A maioria revelou que disponibilizavam quatro horas por dia para jogar, cerca de 19,2% reportou que dispensavam menos de duas horas por dia e cerca de 9,9% jogava uma hora por dia durante a semana. Porém, no fim de semana, as crianças jogavam mais de três horas por dia cerca de 17,1% e cerca de 24,3% mais de quatro horas por dia. A maior parte das crianças preferem jogar sozinhas ou com amigos (70,9%) (Reis, 2019).

3.3 Programas de prevenção da dependência da *Internet*, redes sociais e dos jogos *online* nas crianças

No contexto da prevenção, vários fatores são aqueles que poderiam ajudar a lidar com o problema, informando, alertando e sensibilizando as crianças. No entanto, o ambiente familiar, deveria ser o elo mais importante em implementar regras e limites sobre a utilização do uso dos dispositivos eletrónicos, *Internet* e as redes sociais.

De acordo com Fradelos *et al.* (2016), o ambiente familiar deve estabelecer regras sobre a utilização dos dispositivos eletrónicos e da *Internet*, regras essas que se aplicam também aos pais/ encarregados de educação. Na infância, as atividades sociais e desportivas são muito importantes para o desenvolvimento das crianças. Além disso, as crianças devem ser incluídas em atividades familiares que não envolvam a utilização dos dispositivos eletrónicos e da *Internet*. A instalação e utilização de programas de controlo de acesso a determinados *websites* e tempo gasto na *Internet* são muito úteis para controlar a dependência da criança, como também previne possíveis riscos e perigos. Os dispositivos eletrónicos devem ser colocados numa sala partilhada pela família e não no quarto da criança.

A escola pode ter um papel fundamental na prevenção da dependência da *Internet* e das redes sociais, pois, deve informar as crianças e os pais/ encarregados de educação sobre os riscos e perigos que a *Internet* pode acarretar. A escola, em conjunto com os Educadores Sociais, podem ser um meio eficaz para que os pais/ encarregados de educação e as crianças possam abordar o fenómeno, fornecendo informação adicional

sobre as unidades que trabalham com tais questões, centros de tratamento disponíveis e linhas telefônicas de aconselhamento.

Para Neverkovich *et al.* (2018), os programas de prevenção devem ser incutidos no âmbito educativo, sendo implementados nas aulas, através de palestras ou jogos didáticos. Atualmente existe um programa centrado na prevenção da dependência da *Internet* nas redes sociais. Segundo os mesmos autores, o programa visa a promoção da formação da identidade social, tendo como objetivos os seguintes pontos:

- Formação de atitudes e valores pessoais das crianças necessários para determinar o seu desenvolvimento social e profissional fora do espaço virtual;
- A regulação social consciente das comunicações na *Internet* e a utilização das tecnologias de informação no processo da vida;
- O desenvolvimento da competência comunicativa na comunicação pessoal e profissional.

Segundo Neverkovich *et al.* (2018), identificam também outro programa educacional, no qual se promovem condições organizativas e pedagógicas de realização de atividades preventivas para assegurar a integração nos processos educativos e de criação, visando definir o papel e o lugar das redes sociais e da *Internet* em geral, na vida das crianças, e tendo como objetivos:

- Identificar a tendência das crianças para as dependências da *Internet*, através da aplicação simultânea de várias técnicas;
- Abordar o impacto negativo das redes sociais e da *Internet* na sua personalidade e na sua vida;
- Promover competências e habilidades para se manterem em segurança.

Segundo Ayeni (2019), para combater a dependência da *Internet* e das redes sociais, uma das formas é eliminar temporariamente os meios de comunicação social, pois permite que as crianças fiquem menos ansiosas quando não conseguem alcançar o sucesso instantâneo que desejavam:

- Deve-se incutir um tempo mínimo para estarem concertadas à *Internet* e as redes sociais;
- Não utilizar os dispositivos eletrônicos durante as refeições
- Desativar as notificações automáticas;
- Não usarem os dispositivos eletrônicos enquanto estão a realizar tarefas escolares ou outras tarefas importantes;

- Realizar atividades lúdicas, para evitar estar conectado a qualquer dispositivo eletrônico;
- Eliminar aplicações que não sejam prescindíveis.

Para Pereira (2020), a melhor forma de prevenir a dependência dos videogames nas crianças, é alertar e informar os pais/encarregados de educação, que implementem regras e limites quando os seus educandos utilizam os meios digitais, não devem permitir que as crianças tenham acesso aos dispositivos eletrônicos no quarto e sim num local comum para poder serem supervisionada, devem ainda, definir um limite de horas para estar conectados, verificar qual é a categoria de videogames que a criança joga, não autorizando nem incentivando que sejam jogos de violência e se possível não permitir que instale jogos no telemóvel, *tablet* ou computador que são destinados a usar diariamente na escola, para que a criança não jogue durante o horário escolar e incentivar a que esta pratique alguma atividade extracurricular e a estabelecer relações interpessoais.

4. Tipologias de risco e perigos *online*

Diariamente aborda-se o tema sobre a insegurança na *Internet*, incidindo principalmente nos riscos e perigos a que as crianças estão expostas enquanto navegam, pois, à medida que aumentam o uso das novas tecnologias e da *Internet*, aumentam também os comportamentos desadequados. Sendo desta forma, necessário informar, sensibilizar e reeducar para que estas naveguem nos ambientes virtuais de de forma consciente, segura e responsável.

No âmbito dos riscos do uso da *Internet* pelas crianças existe a tendência para terem comportamentos de risco quando criam uma rede social, como o *Facebook*, *Messenger*, *Tik Tok*, *Instagram*, *Twitter*, *Snapchat*, *WhatsApp*, *Blog*, *Tumblr*, um canal de *Youtube*, entre outras plataformas pessoais, sem o conhecimento dos pais/encarregados de educação ou quando colocam nestas páginas informações pessoais como o nome próprio, a idade ou a data de nascimento, a sua localização, entre outros dados mais detalhados, como comunicar, trocar números de telemóvel e moradas com desconhecidos.

Segundo Torres (2013), define que os fatores de riscos “representam variáveis bio-psico-sociais que no meio em que ocorrem, podem potenciar alterações impeditivas do adequado desenvolvimento e socialização das crianças” (p.32).

Para Reis (2009), é designada uma criança em risco, aquela que ainda não alcançou uma situação indesejada, mas que a qualquer momento pode atingir. Porém, uma criança em perigo, é aquela que tem a sua integridade humana ameaçada e em situação de limite. O risco equaciona probabilidades, mas o perigo é a certeza de que o problema existe e é real, dando, desta forma, enfoque que os conceitos de risco e perigo fazem parte de uma mesma dimensão.

De acordo com Paulo (2010), o risco é entendido como, “uma situação de vulnerabilidade tal que, não sendo superada, pode determinar um perigo ou dano para a saúde, estado ou desenvolvimento integral da criança” (p.9).

Como referem Ferreira e Monteiro (2009), os fatores de riscos conseguem ter um enorme impacto na vida de uma criança, geralmente atinge os seus níveis físicos e emocionais. As crianças atualmente convivem bastante com a *Internet*, redes sociais com e os dispositivos eletrónicos em que, por um lado, pode ser uma aliada e, por outro potenciar riscos e efeitos nocivos, já que as crianças dispõem parte do seu tempo ligados a algum tipo de ecrã, levando, desta forma, a um aumento de riscos, quando utilizam as redes sociais. Muitas vezes as crianças ficam acordadas toda a madrugada, e depois sentem muita dificuldade para estarem despertas durante o dia, causando má disposição, sonolência e baixo rendimento escolar, visto que não conseguem estar atentas nem se concentrarem. A exposição excessiva aos dispositivos eletrónicos, afeta o quotidiano da criança.

4.1 Principais riscos identificados à utilização da *Internet* e das redes sociais

- **Cyberbullying:** é uma forma de agressão virtual que pode ser realizado por qualquer indivíduo, através da *Internet*, redes sociais ou de dispositivos eletrónicos. O agressor utiliza o espaço virtual para intimidar, rebaixar ou ridicularizar alguém, tendo a vantagem do anonimato. Os insultos e as calúnias, nas redes sociais, podem espalhar-se rapidamente, chegando a todas as pessoas que conhecem a vítima, podendo contribuir para a sua exclusão e isolamento social (Costa, 2014).
- **Exploração sexual de crianças na *Internet*:** é qualquer ato de cariz sexual perpetrados contra uma criança através do uso da *Internet*, no sentido de explorá-las sexualmente. Abrangendo ainda a utilização dos dispositivos eletrónicos, para

produzirem vídeos, imagens que fundamentam a exploração sexual para o fim de espalhar, comprar e vender (Mendoza, 2018).

- **Exposição a conteúdos inapropriados:** refere-se a crianças que assistem a conteúdos violentos, de cariz sexual, ou que geram repulsa, sendo nocivo ao seu desenvolvimento físico, emocional e social (Mendoza, 2018).
- **Grooming:** refere-se as estratégias produzidas por adultos para conquistar a confiança das crianças através da *Internet*, com o propósito de abusar ou explorar sexualmente. O *grooming* é realizado por um adulto. Existem duas categorias de *grooming*: a primeira é quando não existe nenhum tipo de relacionamento nem geração de confiança, mas o agressor consegue obter fotografias ou vídeos sexuais da criança para extorquir; a segunda é quando o agressor procura gerar confiança, fazendo com que esta entregue material sexual de modo a torná-lo alvo de chantagens. O agressor geralmente finge ser uma criança, consegue manipular através dos gostos e preferências da vítima e usa o tempo para fortalecer o vínculo (Mendoza, 2018).
- **Exposição de conteúdos pessoais:** as crianças, muitas vezes, colocam os seus dados pessoais, como o número de telemóvel, a sua morada, como postam fotografias e conteúdos de forma pública, permitindo que qualquer indivíduo veja, pois geralmente as crianças postam as atividades que realizam diariamente nas redes sociais, e muitas exibem ideias e opiniões de forma violenta, de forma a difamar e afetar os colegas através das redes sociais (Mendoza, 2018).
- **Phishing:** é uma burla *online*, que a intenção é roubar os dados pessoais, como, por exemplo, o número de cartão de crédito, dados de contas bancárias, palavras-passe, entre outras, para conseguir ganhos económicos, a maior parte das vezes as crianças utilizam os dispositivos eletrónicos dos pais/ encarregados de educação, permitindo deste modo o acesso indivíduos ou *hacker* de forma facilitada, pois podem abrir *link*, responder a *e-mails* ou fazer *downloads* de ficheiros estranhos que são enviados para as suas redes sociais (Guarda Nacional Republicana [GNR], 2019).

- **Predadores Sexuais:** refere-se a indivíduos que tentam de diversas maneiras adquirir a confiança das crianças, utilizando várias formas para a agradar, para mais tarde satisfazer as suas necessidades (GNR, 2019).
- **Ameaças cibernéticas:** são ameaças diretas, que visam ser intimidadoras, ou correspondem ao envio de algum material *online*, tendo como objetivo causar frustrações e preocupações (Bozza, 2016).
- **Trollagem:** é uma ação que tem como intuito causar aflição e angústia a uma criança, através das redes sociais para a perturbar, os agressores insultam, perseguem e humilham a vítima (Bozza, 2016).
- **Sexting:** é uma prática caracterizada em compartilhar conteúdo erótico ou de atividades sexuais, sem o consentimento da criança. Consiste em enviar para outros indivíduos, fotografias, vídeos, mensagens de cariz sexual, através dos dispositivos eletrónicos, nos quais o agressor expõe a criança nos ambientes virtuais (Bozza, 2016).
- **Adicionar nas redes sociais indivíduos desconhecidos:** para muitas crianças o essencial é ter um elevado número de seguidores, logo tem tendência aceitar todos os indivíduos, como também é bastante comum receberem vários pedidos de amizade de desconhecidos. Contudo, muitos desses perfis são falsos e que pretendem abordar, manipular, extorquir ou abusar das crianças (Astorga & Schmidt, 2019).
- **Pornografia infantil:** pode ser realizada *online*, constituindo uma forma de exploração de crianças, incentivando a prostituição infantil com fotografias ou vídeos de crianças nuas, em poses de natureza sexual ou erótica (Astorga & Schmidt, 2019).
- **Dependência cibernética:** é um padrão de comportamentos caracterizados pela perda do controlo sobre o uso da *Internet*, causando isolamento social, abandono das relações interpessoais, fracasso escolar, perturbações mentais, ansiedade, depressão, entre outras (Astorga & Schmidt, 2019).

4.2 Principais perigos identificados à utilização da *Internet* e das redes sociais

De acordo com Paulo (2010), perigo significa

a probabilidade séria de dano na segurança, saúde, formação, educação e desenvolvimento da criança, a ocorrência desses danos, pode ser determinada pela ação ou omissão dos pais, representantes legais ou quem detenha a guarda de facto da criança, ou resulte de ação, ou omissão de terceiros, ou da própria criança, a que aqueles não se oponham de forma a removê-lo (p.10).

Segundo Astorga e Schmidt (2019), alguns perigos identificados na utilização da *Internet* dizem respeito a mensagens de ódio, acesso a conteúdos pornográficos ou violentos, assédio ou perda de privacidade, mensagens racistas, xenófobas, incitação ao suicídio ou prática de crimes, informações falsas, fotografias e vídeos expostos nos meios de comunicação social para denegrir a imagem da criança.

- **Violação de privacidade:** muitas crianças disponibilizam nas redes sociais informações pessoais pelas quais podem ser facilmente identificadas. Deste modo o agressor tem acesso às suas palavras-passe, ou roubar fotografias, ou vídeos para a expor. As crianças devem ser ensinadas a usar as configurações de privacidade, pois esta permitem controlar quem pode ver e ter acesso à sua conta, como devem limitar o acesso à sua informação pessoal através dessas configurações de privacidade (Costa, 2014).
- **Violação de dados pessoais:** as crianças, muitas vezes, publicam os seus dados pessoais nas redes sociais, que facilita que o agressor a encontre rapidamente (GNR, 2019).
- **Publicação de fotografias e vídeos íntimos:** as redes sociais são utilizadas por milhares de indivíduos, que por vezes as fotografias e vídeos expostos pelas crianças na *Internet* pode tornar-se material de pedofilia (Astorga & Schmidt, 2019).
- **Desafios lançados na *Internet*:** atualmente a *Internet* tem sido invadida por uma nova moda entre crianças, os desafios. Esses desafios consistem em que as crianças devem cumprir certas tarefas que lhe são transmitidas, por vezes são desafios perigosos, do género cortarem-se com uma faca, engolir objetivos, saltar de vários

metros, entre outros. Estes desafios costumam atrair crianças e estas aderem com intenção de quererem provar aos amigos que são capazes de realizar tais tarefas, sem mostrar medo ou receio o que, por vezes, muitos destes desafios trazem desfechos desastrosos (GNR, 2019).

4.3 Identificar e prevenir situações de crianças que sofrem de *cyberbullying*

Como já foi referido anteriormente, o *cyberbullying* pode surgir de diversas formas, visando denegrir, humilhar e ridicularizar as vítimas, através da *Internet*, redes sociais ou dispositivos eletrónicos, este tipo de abuso pode acontecer a qualquer hora e em qualquer lugar. As crianças que são vítimas, quando se deparam com situações de aflição e mau estar, podem desenvolver sérios problemas, como ataques de ansiedade, transtornos mentais, depressão, podendo levar até casos mais graves como suicídio. Sendo, deste modo necessário informar os pais/encarregados de educação como identificar e prevenir alguns comportamentos dos seus educandos.

Segundo a UNICEF (2017), relata que uma em cada três crianças afirmam ser vítimas de *cyberbullying* e uma em cada cinco crianças deixou de ir à escola devido a sofrer de *cyberbullying*.

De acordo com Bento (2011), os indivíduos que praticam *cyberbullying* utilizam diversos dispositivos eletrónicos, expondo nas redes sociais vídeos e fotografias embaraçosos ou íntimos de uma criança, ou ainda envia esses conteúdos para outras pessoas, para promover e divulgar o conteúdo difamatório. Podem ainda enviar mensagens ameaçadoras ou de gozo, ou gravar vídeos sobre a criança de forma a criar oportunidades para recolherem conteúdos para utilizarem contra ela, com o intuito de perturbar, humilhar, assediar e insultar.

Para Pinto (2019), algumas formas de identificar situações de *cyberbullying* são:

- **A criança permanece conectada às redes sociais, com comportamentos de infelicidade:** pois não quer sair de perto dos dispositivos eletrónicos para averiguar se existe uma nova ameaça ou exposição, no entanto, é possível verificar um comportamento infeliz ou de irritabilidade extrema;
- **Mudança de comportamento:** A criança muda de comportamentos de forma repentina e sem explicação, desencadeando-se fatores como a falta de apetite, não quer se dirigir à escola ou tem medo de ir, não quer sair de casa, tem baixo rendimento escolar, não consegue dormir, sente-se constantemente deprimida. A

a criança simula que está doente para não ter de ir à escola, manifesta baixa autoestima e não se quer relacionar com ninguém;

- **Abandono das redes sociais e das novas tecnologias:** o abandono e a eliminação das redes sociais são um sinal alarmante, as crianças eliminam para não ter que visualizar as fotografias ou vídeos que são expostos, para deixar de receber mensagens de humilhação, para não ter que assistir a comentários desagradáveis ou de gozo, ou para que ninguém a identifique;
- **Perda de interesse:** quando a criança pratica algum desporto ou atividades extracurriculares, e de repente evita ou perde o interesse em continuar a realizá-lo, como se distancia da família ou amigos, se isola ou começa a ter comportamentos depressivos também é um sinal de alerta.

De acordo com Costa (2020), algumas formas de prevenir situações de *cyberbullying* são:

- Informar as crianças sobre o que é o *cyberbullying*, quais são as consequências negativas que pode acarretar e como o devem evitar;
- Inculcar às crianças que devem contar todos os acontecimentos ou situações que lhes acontecem, tanto positivos como negativos;
- Informar as crianças sobre os potenciais riscos e perigos das novas tecnologias;
- Informar as crianças a não colocar fotografias ou vídeos íntimos ou comprometedores na *Internet* ou redes sociais, nem enviar a pessoas desconhecidas ou conhecidas;
- Informar as crianças a não expor os seus dados pessoais na *Internet* ou redes sociais, como também a não fornecer os seus dados pessoais a pessoas conhecidas (apenas fornecer quando se verificar serem necessários) e não falar nem trocar mensagens com desconhecidos nas redes sociais;
- Os pais/encarregados de educação devem ter acesso às palavras-passe das redes sociais e dos dispositivos eletrónicos e verificar as suas mensagens, contactos, *e-mails*, fotografias, vídeos, o histórico das pesquisas realizadas na *Internet* e quem são os amigos digitais;
- Os pais/encarregados de educação devem estar atentos quando as crianças navegam na *Internet* e utilizam as redes sociais, de forma a que possam controlar e verificar o que os educandos fazem enquanto utilizam os ambientes virtuais.

5. Exposição de fotografias e vídeos na *Internet* e nas redes sociais

Hoje em dia, maioria das crianças já tem a sua própria rede social. Expõem fotografias e vídeos delas próprias, muitas vezes comunicam com indivíduos desconhecidos e estes aliciam-nas para mais tarde as manipularem, extorquirem e/ou abusarem delas.

5.1 Impacto da exposição nas vítimas e nas relações interpessoais

Atualmente, as crianças interagem cada vez mais com os dispositivos eletrónicos, *Internet* e as redes sociais, e é essencial informar as crianças que não devem expor nem enviar fotografias, vídeos íntimos ou comprometedores. Muitas fotografias e vídeos são expostos nos ambientes virtuais para humilhar e difamar as crianças, acarretando impactos nocivos.

De acordo com Castro e Antunes (2015), o *cyberbullying* é uma forma de *bullying*, pois este remete para descrever agressões físicas, verbais e psicológicas praticadas de forma sistemática em contexto escolar. E o *cyberbullying* é definido pelo uso de partilhar informações através da *Internet*, redes sociais e dos dispositivos eletrónicos, com a intenção de denegrir, envergonhar, assustar e ofender uma criança.

Segundo Amado *et al.* (2009), os efeitos do *cyberbullying*, assim como do *bullying* acarretam várias consequências psicológicas, pois a criança tem a sua imagem denegrida, é humilhada e exposta nas redes sociais que podem ser vistas por milhares de indivíduos, podendo, desta forma causar sentimentos de culpa, frustração, insegurança, baixa autoestima, raiva, medo, tristeza, depressão, isolamento social, baixo rendimento escolar e, muitas vezes, tentativas de suicídio. Muitas vítimas tendem a eliminar todas as suas redes sociais para não receberem mensagens de ódio ou de gozo e para não terem acesso ao que dizem a seu respeito.

O impacto da exposição de fotografias ou vídeos na criança, conduz a situações de fragilidade generalizada a diversos níveis: físicos, psicológicos e sociais, perda de confiança em relações futuras, passam a ser crianças desconfiadas em relação a tudo o que as rodeia, podendo ainda desenvolver uma depressão e conduzir a isolamento social, e distúrbios de ansiedade. Sinais como a desorganização e perda de controlo, fobias e sintomas psicossomáticos associados ao stress. Outras consequências que pode gerar nas crianças podem ser, problemas de socialização, anorexia e bulimia, as crianças que foram expostas, humilhadas e agredidas, podem se tornar adultos ansiosos, depressivos ou violentos (Araújo, 2019).

Segundo Borges (2019), as crianças que vivenciam contextos nomeadamente, de exposição a acontecimentos traumáticos, adquirem problemas comportamentais, cognitivos, físicos, emocionais e sociais, no qual advêm dificuldades na resolução de conflitos e gestão da frustração, dificuldades no funcionamento cognitivo (incluindo atenção/ concentração, memória), baixa competência na resolução de problemas e fraco desempenho escolar, perturbações do sono, pesadelos e insónias, cansaço crónico, isolamento de outras pessoas ou de determinadas atividades.

5.2 Impacto sobre a sexualidade das crianças

O comportamento das crianças sobre a sexualidade tem mudado nos últimos anos, sendo atualmente vista de forma mais banalizada, bem como também os relacionamentos afetivos. Antigamente a sociedade era proibida de falar sobre sexualidade, principalmente as mulheres e crianças. Pois tudo era mais restrito e cheio de tabus, em que a sexualidade era vista de forma conservadora, sendo um assunto que não se podia abordar, pois, era mal interpretado. Contudo, a religião era a maior influenciadora do comportamento sexual dos indivíduos. Hoje em dia, a sexualidade nas crianças é vista de outra forma, pois já se começa a falar abertamente, visto que, já é discutido na escola e na sociedade.

Segundo Salles (2005), atualmente, a identidade da criança é produzida através da cultura que lhe é imposta, dando mais valor ao lazer, entretenimento, consumo excessivo, e no bem-estar imediato.

Deste modo, qualquer criança tem acesso facilitado a fotografias, vídeos e a conteúdos de natureza sexuais ou eróticos na *Internet*, como as suas relações interpessoais começam cada vez mais cedo. Há alguns anos, a maior parte das crianças não tinham acesso à *Internet*, e deste modo, eram resguardadas pelos pais ou familiares, no qual ninguém abordava nem discutia o assunto sobre a sexualidade. No entanto, as crianças conseguiam ter acesso a conteúdos sexuais ou eróticos através de *DVD* ou revistas, às escondidas dos pais e dos familiares. Com o passar dos anos, a sexualidade tornou-se algo natural, em que os indivíduos já começam a abordar o assunto sem tabu.

Todas as crianças têm direito de serem respeitadas à manifestação da sexualidade, portanto é fundamental que os adultos ensinem e partilhem informações que as ajudem a conhecer o seu próprio corpo, para que estas conheçam as atividades sexuais próprias da idade (Yano & Ribeiro, 2011). As crianças são movidas através das suas curiosidades, conseguem estabelecer diversas relações e procuram vivenciar, experimentar e reproduzir novas formas de brincadeira, procurando novos prazeres e aprendizagens, levando a ter a

necessidade de as sentir sistematicamente. As crianças devem fazer as suas escolhas e desejos, consoante aquilo que lhes proporciona prazer e que lhes desperta mais curiosidade (Marinheiro, 2015).

Atualmente existe mais liberdade e abertura sobre a sexualidade nas crianças, porém pode ter efeitos negativos com tanta exposição na *Internet* e redes sociais. A maioria das crianças têm tendência a realizar experiências e curiosidades por impulso, e como são seres vulneráveis e mais fáceis de serem manipuladas, devem ser informadas em idades precoces sobre os vários riscos e perigos que a *Internet*, as redes sociais e o uso indiscriminado das novas tecnologias acarretam, devendo, desta forma capacitar-se as crianças para desenvolverem habilidades e competências necessárias para lidarem com conteúdos problemáticos.

5.3 Capacidades das crianças de ultrapassar situações adversas

De acordo com Lemos (2008), entender a resiliência e a sua promoção é fundamental, porque nenhuma criança está isenta de vivenciar situações de risco, perigo ou de stress no meio em que vive, porém, nem todas as crianças que experienciaram situações adversas desenvolvem problemas ou traumas. Muitas recuperam e continuam a manter um funcionamento adaptativo e equilibrado, que lhes permite uma inserção social no seu meio e a continuidade das relações afetivas.

Segundo o dicionário da Língua Portuguesa, resiliência significa que após sofrer ou vivenciar um impacto negativo, o indivíduo consegue ultrapassar uma situação adversa, ou seja, perante os acontecimentos negativos, o indivíduo consegue lidar de forma eficaz com os problemas, levando, deste modo, a superação de barreiras e obstáculos permitindo o desenvolvimento de aprendizagens e a ampliação de oportunidades de crescimento pessoal. Dependendo do contexto em que a criança viva, vai formando a sua própria resistência emocional, consoante as adversidades adversas que lhe vai surgindo ao longo da vida.

A repercussão dos acontecimentos sobre as crianças depende de vários fatores, nomeadamente psicológicos, físicos e sociais, podendo também englobar, baixo rendimento escolar, baixa autoestima, exclusão, tristeza, o nível de stress aumenta, podendo desencadear em depressão, e em casos mais extremos em suicídio (Tavares, 2012).

6. A intervenção do Educador Social, como agente socioeducativo na prevenção dos riscos e perigos da *Internet* e redes sociais

Torna-se fundamental e crucial refletir sobre o necessário contributo do Educador Social face a este tema e aos problemas relacionados, de modo a proporcionar às crianças uma prevenção sobre os potenciais riscos e perigos com a utilização da *Internet* e das redes sociais.

O Educador Social é um profissional, que é capacitado para intervir em diversas problemáticas, atuando com todas as faixas etárias, de forma a integrar a sociedade, combater a vulnerabilidade social ou mesmo situações de risco.

Atualmente as crianças já nascem a ter contacto com as novas tecnologias, que desta forma, conduz a criarem a sua rede social cada vez mais cedo e quando não existe um controlo e vigilância dos pais/encarregados de educação, leva a que as crianças passem horas consecutivas conectadas à *Internet* e às redes sociais, podendo, deste modo, criar situações de dependência. Contudo, torna-se fundamental informar e sensibilizar as crianças sobre as diversas vantagens e desvantagens que o mundo virtual pode fornecer.

Segundo Malheiro e Canastra (2009), o Educador Social, “poderá ser um bom interlocutor ou um mediador, relativamente ao quadro das novas mediações socioeducativas, e neste contexto que se procura realçar o papel do Educador Social enquanto mediador socioeducativo da relação “escola, família e comunidade” (p.2024).

O Educador Social executa um papel indispensável na população em qual intervém e interage, para informar, sensibilizar e ensinar, de modo que a criança consiga consolidar a sua cidadania longe de riscos e perigos.

De acordo com Mateus (2012), define Educador social como

uma referência, pois não está em causa apenas o saber, mas o próprio educador como pessoa (...) que lhe confere um papel determinante em todo o processo pedagógico. A sua intervenção acontece num espaço pedagógico subjetivo que o compromete com a promoção da cidadania e se pauta por valores éticos, enfrentando situações profissionais de conflito ou de dilema, sempre analisados numa atitude reflexiva (p.4).

Segundo Correia (2015), associa o contexto escolar como algo semelhante a acontecimentos comunitários, uma vez que contém na sua estrutura diversos agentes. Posto isto, assume que “a escola não são só os alunos, professores e não docentes, mas

também as suas famílias e a própria comunidade (p.4). Maior ênfase à participação do Educador Social em contexto escolar: “a educação social atua, de facto, concomitantemente com outros profissionais, numa perspetiva interdisciplinar, na promoção e proteção social” (p.4).

Segundo Viegas (2014), a educação social

orienta-se no sentido de gerar processos de prevenção e de intervenção para melhorar a vida dos indivíduos e dos grupos (...) existem várias questões que podem ser trabalhadas pelo/a educador/a social na escola. Uma a nível primário, isto é, mais preventivo e outra com características mais reparadoras, atuando-se em problemas concretos (pp.8-9).

Para Mendes (2012), o Educador Social tem aptidões necessárias para trabalhar no âmbito da prevenção e intervenção em meio escolar, sendo habilitado para a criação e participação de programas/projetos escolares, atuando em conjunto com equipas multidisciplinares. O seu papel é fundamental na construção de pontes entre a escola e a família. É considerado um mediador, dado que, trabalha em conjunto com as crianças e as respetivas famílias, desenvolvendo projetos consoante as suas realidades e necessidades. Segundo a mesma autora, os Educadores Sociais têm capacidades e habilidades para desenvolvem uma ação educativa no terreno do social, podendo desta forma implementar projetos, cooperando na elaboração e desenvolvimento de programas educativos.

Em suma, pode-se afirmar que o Educador Social integrado em contexto escolar, em que se foca na prevenção face aos perigos e riscos da *Internet* e redes sociais, tem um importante contributo, visto que poderá realizar programas/projetos implementados ou ainda não implementados para intervir com as crianças e com os pais/encarregados de educação. É fundamental, pelo simples facto de que, na sua formação base adquiriu competências e aptidões para conseguir fazer a ponte entre a escola, a família e a comunidade.

Capítulo II

Investigação Empírica

Neste capítulo, faz-se referência à investigação empírica, que visa dar corpo ao estudo sobre a *“Riscos e perigos da Internet e das redes sociais: concepções de pais/encarregados de educação e de crianças dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico”*. No sentido, de analisar os riscos e perigos do uso da *Internet*, redes sociais e videojogos por parte das crianças, bem como, o conhecimento sobre os potenciais riscos e perigos por parte dos pais/encarregados de educação.

Posteriormente são referidos a questão problema e os objetivos do estudo, bem como, a seleção dos participantes e procedimentos utilizados, a metodologia da investigação, o instrumento de recolha de dados e, por fim as considerações éticas da recolha de dados.

1. Questão problema e objetivos do estudo

Esta investigação empírica partiu da formação de uma questão problema, que assenta como base neste estudo, de forma a alcançar os objetivos propostos.

Para Morais (2013), uma questão problema serve para orientar uma investigação. Esta deve ser apresentada com clareza e ser objetiva para possibilitar conhecer as respostas e facilitar na procura de soluções.

A questão problema é a seguinte:

“Quais são os conhecimentos por parte das crianças face aos riscos e perigos do uso da Internet, redes sociais e dos videojogos”

O intuito é perceber se as crianças têm conhecimentos dos riscos e perigos que a *Internet*, redes sociais e dos videojogos podem acarretar, como o intuito de entender qual é a frequência da sua utilização, o tempo que despendem durante o dia e quais são as principais atividades que realizam durante o dia face à sua utilização.

Segundo Barbosa (2012), os objetivos face a uma investigação dizem respeito a facultar as respostas ao porquê da investigação. É fundamental que sejam coerentes, concretos, simples, realistas e avaliáveis, facilitando, deste modo, a obtenção de respostas face às perguntas previamente formuladas (Miranda, 2009).

Desta forma, face à questão problema, os objetivos que sustentam esta investigação são os seguintes:

- Identificar as atividades mais frequentes quando as crianças utilizam a *Internet* e as redes sociais;
- Verificar o tempo de duração dispensado pelas crianças na utilização dos dispositivos eletrónicos, da *Internet*, das redes sociais e videojogos;
- Perceber se as crianças têm conhecimento dos riscos e perigos da *Internet* e das redes sociais;
- Compreender se existem condições de comportamentos aditivos;
- Perceber se os pais/ encarregados de educação sabem identificar e prevenir situações de risco e perigo da *Internet* e das redes sociais usadas pelos seus educandos.

No seguinte ponto, abordamos a seleção dos participantes e procedimentos utilizados nesta investigação.

2. Seleção do grupo de participantes e procedimentos utilizados

Este tópico debruça-se sobre o grupo de participantes da investigação e os procedimentos utilizados.

De acordo com Morais (2013), a amostra obtém informação acerca de uma determinada população, em que as amostras probabilísticas são escolhidas através de critérios importantes, que tem em atenção os objetivos da investigação. A amostra deve conter apenas a população se pretende estudar. Trata-se de uma investigação de carácter descritivo, dado que, resulta do método de amostragem probabilística, por conveniência.

Para Carmo e Ferreira (2008), amostragem é uma

técnica designada por um processo de seleção que pertence a subconjunto de uma dada população ou universo que se denomina amostra, de tal maneira que os elementos que constituem a amostra representam a população a partir da qual foram selecionados (...) o propósito da amostragem é obter informação acerca de uma dada população (p.209).

Os mesmos autores caracterizam uma amostra probabilística, por conveniência como sendo

os elementos da população têm uma probabilidade real (conhecida e não nula) de ser incluído na amostra, que implica que a seleção dos elementos que vão fazer parte da amostra seja feita aleatoriamente (...) que desta forma utiliza-se um grupo de indivíduos que estejam disponíveis ou um grupo de voluntários (p. 215).

A população-alvo foram os alunos do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico de um Agrupamento de Escolas do Norte do país. A população-alvo é constituída por ambos os sexos, com idades entre os 9 e os 12 anos, bem como os pais/encarregados de educação das respetivas crianças. Constituem ao todo um grupo de 111 participantes.

Os inquéritos por questionário foram respondidos de forma anónima, de modo a proteger a identidade dos inquiridos.

O ponto seguinte espelha a metodologia implementada nesta investigação.

3. Metodologia de Investigação

Após apresentada a questão problema, bem como, os objetivos do estudo, é importante abordar a metodologia utilizada, para a execução da recolha de dados, transmitindo assim os resultados da investigação.

De acordo com Zanella (2013), a metodologia é um estudo sobre métodos que ajudam a fundamentar uma investigação, tendo assim um papel fundamental para obtenção dos resultados finais.

O presente estudo teve como método de investigação de carácter misto, quantitativo e qualitativo, uma vez que os dois se complementam e também porque são os mais adequados para a análise da realidade desta investigação, dado que se utilizou um inquérito por questionário como instrumento de recolha de dados. De acordo com Alvarenga (2012), “ambas as pesquisas são úteis, uma não exclui a outra, e nem é melhor que a outra, complementam-se na prática quando e quer aprofundar o estudo em alguns aspetos” (p.11).

Segundo Almeida *et al.* (2009), uma pesquisa de natureza quantitativa “procura identificar conhecimentos, opiniões, impressões, hábitos e comportamentos de um grupo de indivíduos relativamente a um produto, serviço, comunicação ou instituição (...) através de questões diretas e/ou indiretas, de populações relativamente vastas, com o objetivo de obter respostas verídicas” (p.4).

De acordo com Carmo e Ferreira (2008), definem a abordagem quantitativa essencialmente ligada a uma investigação experimental ou quasi-experimental o que pressupõe a observação de fenómenos, a formulação de hipóteses explicativas desses mesmos fenómenos, o controlo de variáveis, a seleção aleatória dos sujeitos de investigação (amostragem), a verificação ou rejeição das hipóteses mediante uma recolha rigorosa de dados, posteriormente sujeitos a uma análise estatística e uma utilização de modelos matemáticos para testar essas mesmas hipóteses (p.196).

Segundo os mesmos autores, na investigação quantitativa o investigador tem que elaborar com antecedência um plano de investigação, para estruturar objetivos e os procedimentos de investigação. Deve recorrer a uma revisão de literatura, em que é fundamental ter os principais objetivos da investigação.

Nesta investigação, apesar de existir uma maior incidência de questões fechadas, foi necessário a utilização de questões abertas, visto que foi solicitada a opinião dos indivíduos, englobando também uma metodologia de natureza qualitativa.

Segundo Minayo (2002), caracteriza uma investigação qualitativa que responde a questões particulares (...) trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenómenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (p. 22).

Segundo Alvarenga (2012), acrescenta que uma investigação qualitativa, “analisa a perceção dos participantes sobre a sua realidade e das suas próprias vivências, (...) uma investigação qualitativa interessa conhecer como as pessoas pensam, sentem e agem

sobre um determinado assunto, ou seja, procura compreender as ações e atitudes dos sujeitos” (p.10).

Esta investigação é composta por uma pesquisa de carácter descritivo e exploratório, uma vez que, visa descrever os objetivos do estudo e a explorar o problema, de forma a facultar informação e conhecimento. É ainda de carácter explicativo, dado que, ajuda a entender o porquê do fenómeno e quais são as suas causas.

De acordo com Costa (2014), o estudo de carácter descritivo recolhe informação, características e dados que procuram descrever possíveis comportamentos, atitudes, situações e valores de uma dada população ou fenómenos, em que o objetivo principal do investigador é descrever, observar, analisar e estabelecer factos sem o manipular, facultando ainda, a frequência com que um acontecimento ocorre.

Para Amado e Pedro (2016), o estudo de carácter exploratório visa o aumento do conhecimento e familiarização de uma temática pouco investigada, que ajuda a formular a questão problema, bem como os objetivos de estudo e auxilia ainda na realização de novas pesquisas.

Segundo Alvarenga (2012), a pesquisa explicativa visa explicar como ocorre um determinado fenómeno, ou seja, explica o porquê de uma situação e em que condições se realiza esse fenómeno, procurando encontrar as causas ou razões pelas quais certos fenómenos acontecem.

No ponto a seguir será apresentado o instrumento de recolha de dados.

4. Instrumento de Recolha de Dados - Inquérito por questionário

A presente investigação é idealizada através do seu problema e da escolha do instrumento de recolha de dados, pois facilita na melhor execução de estratégias de análise a executar. Após estar definido o tema, bem como é essencial a elaboração do instrumento de recolha de dados, para ir ao encontro aos objetivos do estudo e ao grupo de participantes.

Para Faria (2014), defende que a escolha do instrumento de recolha de dados, “não só depende das questões de investigação, mas também da situação de investigação concreta, isto é, do contexto, pois só a visão global permite determinar o que será mais adequado e capaz de fornecer os dados pretendidos” (p.89).

A seleção do instrumento implementado, não só diz respeito às questões idealizadas no inquérito por questionário, como também pretende determinar os métodos mais adequados.

De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), a recolha de dados refere-se na importância de obter informações imprescindíveis para o esclarecimento, reflexão e explicação da investigação. A escolha do instrumento de dados, vai ao encontro dos respetivos objetivos pretendidos, para alcançar o que é desejado, sendo fundamental, antes de iniciar a recolha de dados, elaborar, selecionar e testar o instrumento (Turato, 2005).

Desta forma, a recolha de dados é um procedimento lógico da investigação empírica, que pretende eleger as técnicas de recolha e tratamento da informação de maneira adequada, como ainda inspeciona a sua utilização para fins especializados. O instrumento de recolha de dados nesta investigação tem a finalidade de dar resposta à questão problema, bem como, verificar os objetivos do estudo.

Deste modo, o instrumento de recolha de dados nesta investigação assenta num inquérito por questionário, uma vez que é o mais adequado aos participantes do estudo, dado que se pretende investigar uma população extensa.

Segundo Quivy e Campenhoudt (2005), o inquérito por questionário deve ser utilizado quando

o objetivo do estudo é o conhecimento de uma população, enquanto as suas condições e modos de vida, os seus comportamentos, os seus valores ou as suas opiniões, sendo um fenómeno social que se julga poder apreender melhor a partir de informações relativas aos indivíduos (p.189).

De acordo com Amaro *et al.* (2005), acrescenta que o questionário “visa recolher informações baseando-se, geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo. Para tal, coloca-se uma série de questões que abrangem um tema de interesse para os investigadores, não havendo interação directa entre estes e os inquiridos” (p.3).

Os inquéritos por questionário foram implementados nos meses de junho e julho de 2021. Os inquiridos foram os alunos do 1.º e 2.º Ciclo do Agrupamento de Escolas do Norte do país, bem como os pais/encarregados de educação das respetivas crianças.

O inquérito por questionário direcionado às crianças, foi elaborado em formato digital, e distribuído em papel (Anexo I). A implementação do questionário teve como objetivos identificar quais são as atividades mais frequentes enquanto as crianças utilizam a *Internet* e as redes sociais, analisar quanto tempo estão conectadas aos dispositivos eletrônicos a utilizar a *Internet*, redes sociais e videojogos, identificar se existem comportamentos aditivos e perceber se as crianças têm conhecimentos sobre os riscos e perigos quando utilizam a *Internet* e as redes sociais.

O inquérito por questionário foi estruturado em quatro partes: a primeira parte, faz referência à caracterização sociodemográfica dos participantes, no qual se encontravam questões para a identificação do sexo, idade e o ano letivo que frequentavam.

A segunda parte, abordava o acesso aos dispositivos eletrônicos e ao uso da *Internet*, com questões em que se pretendia analisar se os sujeitos da amostra tinham algum dispositivo eletrónico, em que local era mais utilizado e qual era a finalidade de utilização, bem como perceber se tinham ligação à *Internet*, no sentido de entender a frequência que as crianças utilizavam e também qual era o seu propósito.

A terceira parte, mencionava as redes sociais, com questões para compreender quais eram as redes sociais mais utilizadas, as atividades mais frequentes e qual o tempo disponibilizado durante o dia.

E, por fim, a quarta parte referia-se aos riscos e perigos da utilização da *Internet* e das redes sociais, com questões para perceber se as crianças tinham noção dos riscos e perigos que a *Internet*, redes sociais e os videojogos podem acarretar.

Este questionário direcionado às crianças é constituído apenas por questões fechadas, uma vez que, facilita o tratamento e análise da informação, de forma rápida. A construção de um questionário com questões de resposta fechada, permite obter respostas objetivas e possibilita que o inquirido responda sem grande esforço. A questão de respostas fechadas tem os seus pontos positivos e negativos. Os seus pontos positivos são maior coerência, administração fácil e rapidez de resposta, menor esforço que os inquiridos fazem para responder e maior facilidade e rapidez que o investigador tem para analisar os dados. Relativamente aos seus pontos negativos, existe uma menor originalidade e variedade de respostas, onde o inquirido não presta tanta atenção e concentração para responder.

Relativamente ao inquérito por questionário direcionado aos pais/encarregados de educação, foi elaborado em formato digital, e distribuído em papel (Anexo II). A

implementação do questionário teve como objetivo perceber quais as estratégias de *coping* que os pais/encarregados de educação utilizam e se sabem identificar situações de risco ou perigo quando os seus educandos utilizam a *Internet* e as redes sociais.

O inquérito por questionário estava estruturado em quatro partes: a primeira parte, abordava a caracterização sociodemográfica dos participantes, que se encontra questões para identificação do sexo, idade e o ano letivo que o educando frequenta.

A segunda parte referia-se às redes sociais, com questões para perceber se os pais/encarregados de educação, possuíam alguma rede social, ou se tinham conhecimento que o seu educando usufruía de alguma rede social.

A terceira parte, estava focada nos riscos e perigos da utilização da *Internet*, redes sociais e videojogos, com questões para compreender se os pais/encarregados de educação tinham o hábito de averiguar os dispositivos eletrónicos e as redes sociais dos educandos, verificar se existia controlo do tempo que o educando dispensava a jogar videojogos e se sabiam quem são os seus parceiros de jogo e analisar se se sabem identificar os riscos e perigos que a *Internet* e redes sociais podem acarretar na vida dos educandos.

E, por fim, a quarta parte, fazia referência às dinâmicas parentais, com duas questões abertas para perceber o que os pais/encarregados de educação fariam se soubessem que o seu educando fosse vítima de *cyberbullying* e que controlo deveria existir quando os educandos navegam na *Internet* e utilizam as redes sociais. Desta forma, utilizou-se uma metodologia qualitativa, estando dividida em duas categorias:

Categoria A- Reação parental ao *cyberbullying* com uma subcategoria:

- A1. *Respostas reativas e preventivas.*

E a categoria B- Controlo Parental com uma subcategoria:

- B1. *Tipo de controlo nas crianças em relação à Internet e redes sociais.*

O inquérito por questionário direcionado aos pais/encarregados de educação é constituído por questões fechadas e abertas. Utilizou-se em ambos os inquéritos por questionário escalas de *Likert* para se obter graduações de atitudes, considerando cinco conjunto de opções de resposta, (concordo totalmente, concordo, não concordo nem discordo, discordo, discordo totalmente).

Em relação à validação dos questionários foi realizado um pré-teste, com o objetivo de conferir adequação das questões, em que existiu a necessidade de realizar alterações e

modificar algumas questões, sugeridas por dois docentes. Após a validação procedeu-se à implementação dos questionários.

Os inquéritos por questionário foram aplicados de forma direta, onde a sua distribuição foi organizada para que o inquirido o preenchesse, dado que se retrata de uma investigação do âmbito social. Todavia, o investigador e o inquirido não interagiram pessoalmente no dia da implementação do questionário, pelo que as respostas foram respondidas de forma verdadeira e voluntária e sem qualquer influência do investigador.

No ponto a seguir faz-se referência às considerações éticas da recolha de dados.

5. Considerações éticas da recolha de dados

De acordo com Esteves (2013), as questões éticas são importantes numa investigação, pois deve seguir uma ordem ética e moral que permita que a participação do estudo deva ser autónoma e voluntária e é fundamental obter o consentimento informado.

Durante e após a recolha dos dados foi necessário cumprir as normas e princípios éticos da investigação, uma vez que é fundamental que o investigador as cumpra, e que faculte a melhor forma de aplicar as regras éticas e de as adequar às características de cada participante.

Em relação a esta investigação para garantir autonomia e o termo de consentimento, foi necessário seguir as vias legais. Deste modo, e num primeiro momento foi elaborado um pedido de autorização à Direção Geral da Educação para implementação dos inquéritos por questionário em meio escolar, após obter a autorização (Anexo III) procedeu-se a realização de um pedido de autorização à Excelentíssima Senhora Diretora do Agrupamento de Escolas do Norte do país (Anexo IV), facultando o inquérito por questionário que se iria implementar. Após a autorização, foi necessário enviar um termo de consentimento aos pais/encarregados de educação (Anexo V), revelando que se tratava de um trabalho de investigação, sobre *“Riscos e perigos da Internet e das redes sociais: conceções de pais/encarregados de educação e de crianças dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico”* com a aplicação de um inquérito por questionário, garantindo o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos, sendo esses utilizados exclusivamente nesta investigação. Por fim, abordou-se os participantes, explicando oralmente que se tratava de uma investigação académica, com a aplicação de um inquérito por questionário para analisar o conhecimento sobre os riscos e perigos da *Internet*, redes sociais e videojogos.

Após as crianças preencherem os inquéritos por questionário foi enviado novamente aos pais/encarregados de educação um termo de consentimento (Anexo VI) para participação neste estudo.

Desta forma foi possível cumprir as normas e os princípios éticos, de maneira a respeitar a identidade e os valores pessoais de cada participante.

Apresentada toda a investigação empírica prosseguimos para o seguinte capítulo, que representa à análise e discussão dos resultados obtidos pelos instrumentos de recolha de dados utilizados.

Capítulo III

Apresentação, análise e discussão dos resultados

Este capítulo debruça-se na apresentação, análise e discussão dos resultados, tendo em consideração a literatura, uma vez que foi a base desta investigação. A análise e discussão dos resultados dizem respeito a todas as respostas dadas pelos inquiridos, tendo em atenção a questão problema e os objetivos delineados.

A apresentação, análise e discussão dos resultados é realizada através das respostas dos inquiridos por questionário, fornecidas aos alunos do 1.º e 2.º Ciclos e pelos seus pais/encarregados de educação, sendo um total de 111 participantes.

O inquérito pelo questionário foi fornecido aos alunos do 1.º e 2.º ciclo, especificamente às turmas do 4.º, 5.º e 6.º ano de escolaridade, num total de 63 alunos, obteve o preenchimento do questionário de 59 alunos. Relativamente ao inquérito por questionário dirigido aos pais/encarregados de educação, num total de 63 pais/encarregados de educação obteve o preenchimento de apenas de 52.

No ponto a seguir é realizada a caracterização sociodemográfica dos participantes do 1.º e 2.º ciclos, bem como a dos pais/encarregados de educação, sendo baseada nas respostas dadas na primeira parte do inquérito por questionário.

1. Caracterização sociodemográfica dos participantes

Os inquéritos por questionário, como já foi referido no ponto 4 do capítulo II, são direcionados para públicos-alvo diferentes, um inquérito por questionário era direcionado aos alunos do 1.º e 2.º Ciclos e outro inquérito por questionário era direcionado para os pais/encarregados de educação das mesmas.

Como podemos observar na figura 1 a distribuição das variáveis sociodemográficas, relativamente ao 1.º e 2.º Ciclos, em que responderam 59 alunos de 63 alunos inscritos, conclui-se que a maioria dos participantes são do sexo feminino (53%) e (47%) representa o sexo masculino.

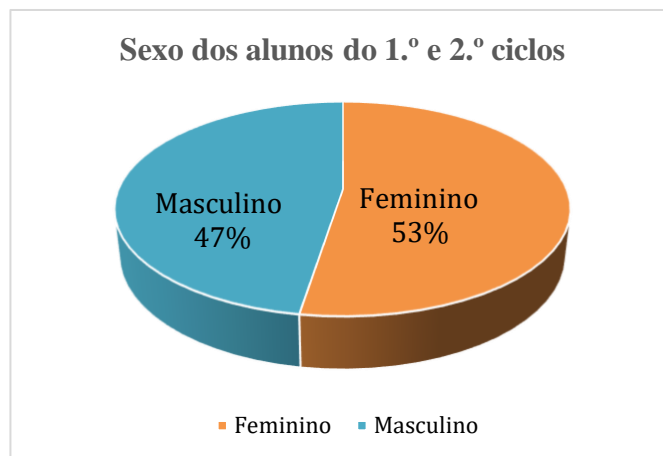


Figura 1- Sexo dos alunos do 1.º e 2.º ciclos

O 1.º e 2.º ciclos é representando pelas turmas do 4.º 5.º e 6.º ano (figura 2). A turma do 4.º ano tinha 23 alunos, sendo a maioria do sexo feminino (52%) e os restantes (48%) o sexo masculino. A turma do 5.º ano era constituída por 20 alunos, mas apenas 16 alunos preencheram o questionário, pois quatro alunos faltaram, no dia da implementação dos questionários, a maioria é do sexo feminino (56%) e (44%) é do sexo masculino e, por fim, a turma do 6.º ano era formada por 20 alunos, no qual o sexo feminino era de (50%) e os restantes (50%) é do sexo masculino.

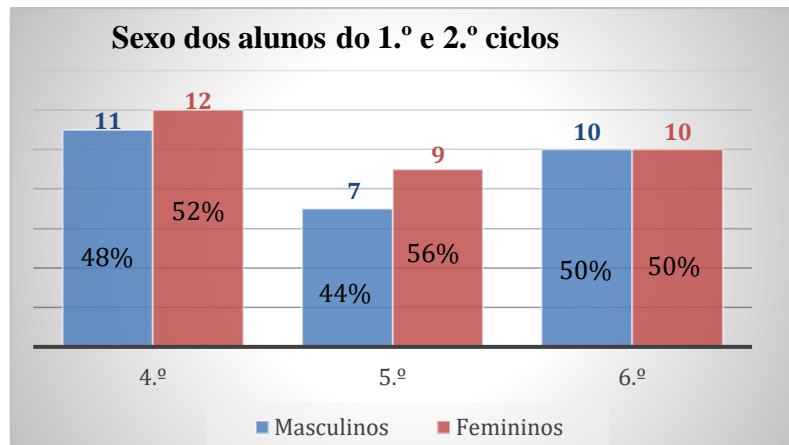


Figura 2- Sexo dos alunos por anos letivos do 1.º e 2.º ciclos

O grupo de participantes do 1.º e 2.º ciclos é caracterizada por uma idade média de 9,75 anos, com idades dos 9 aos 12 anos. Como podemos observar na figura 5 existem 14 crianças com nove anos (36%), 11 com 10 anos (28%), 12 com 11 anos (31%) e duas com 12 anos (5%).



Figura 3- Idades dos alunos do 1.º e 2.º Ciclos

2. Análise da parte II dos inquéritos por questionário das crianças - Acesso aos dispositivos eletrónicos e ao uso da *Internet*

Neste ponto, estão presentes todas as respostas fornecidas pelas crianças do 1.º e 2.º ciclos, designadamente as turmas do 4.º, 5.º e 6.º anos.

Em relação à questão, “**Tens algum dispositivo eletrónico em casa?**”

Tendo em atenção que se podia escolher mais de uma opção, conclui-se que 57 crianças possuem telemóvel (90,4%), 52 têm computador (82,5%), 44 usufruem do *tablet* (69,8%) e 23 contêm *playStation* e consola portátil (36,5%).

Como podemos verificar na figura 4, em relação ao 4.º ano, 21 possuem telemóvel (91,3%), 20 têm computador (86,9%), 18 usufruem do *tablet* (78,2%), oito têm *playstation* (34,7%) e 14 dispõem consola portátil (60,8%). No 5.º ano, num total de 20 alunos, só responderam 16 crianças, 16 detêm telemóvel (100%), 13 têm computador (81,2%), 12 usufruem do *tablet* (75%), sete possuem *playstation* (43,7%) e quatro detêm consola portátil (25%). Do 6.º ano, 20 têm telemóvel (100%), 19 possuem computador (95%), 14 têm *tablet* (70%), oito usufruem de *playstation* (40%) e cinco possuem consola portátil (25%).

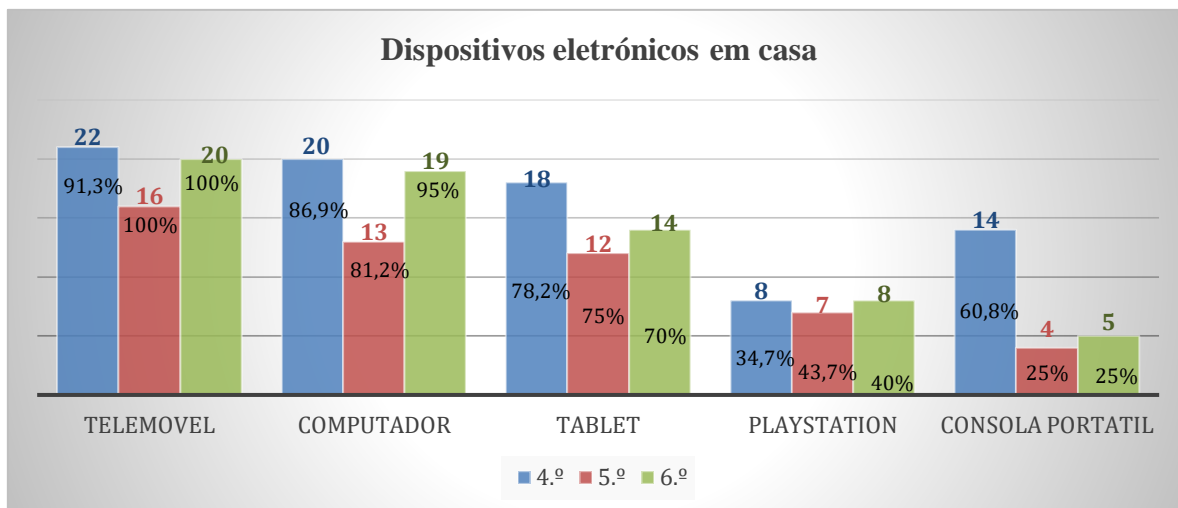


Figura 4- Dispositivos eletrônicos usados em casa

É perceptível que grande a maioria das crianças possui telemóvel (98%), sendo o dispositivo eletrónico mais utilizado em casa, tal como era a nossa expectativa, seguindo vem o computador (88%), o *tablet* (75%), a *playStation* (39%) e consola portátil (39%).

De acordo com os resultados nacionais do inquérito por questionário do *EU Kids Online* (2019), referiu que quatro em cada cinco crianças e jovens portugueses entre os 9 e os 17 anos usam o *smartphone* para aceder à *Internet* diariamente.

Segundo a DGE (2020), divulgou os resultados do estudo europeu *EU Kids Online 2020: Survey results from 19 countries*, que na Europa a maioria das crianças usam os *smartphones* diariamente.

Relativamente à questão, “Utilizas algum dispositivo eletrónico fora de casa?”

Tendo em conta que se podia escolher mais de uma opção, das 59 crianças, 35 responderam que utilizam na escola (59,3%), 12 no café, (20,3%) nove na biblioteca (15,2%), 51 na casa de familiares (86,4%) e 32 na casa dos amigos (54,2%).

Como ilustra a figura 5, na turma do 4.º ano, apenas sete crianças utilizam os dispositivos eletrónicos na escola (30,4%), seis no café (26%), cinco na biblioteca (21,7%), 23 na casa de familiares (100%) e 13 na casa de amigos (56,5%). No 5.º ano apenas 12 usam na escola (75%), seis no café (37,5%), um na biblioteca (6,2%), 14 na casa dos familiares (87,5%) e 11 na casa de amigos (68,7%). No 6.º ano apenas 16 crianças utilizam na escola (80%), duas no café (10%), três na biblioteca (15%), 14 na casa de familiares (70%) e oito na casa de amigos (40%).

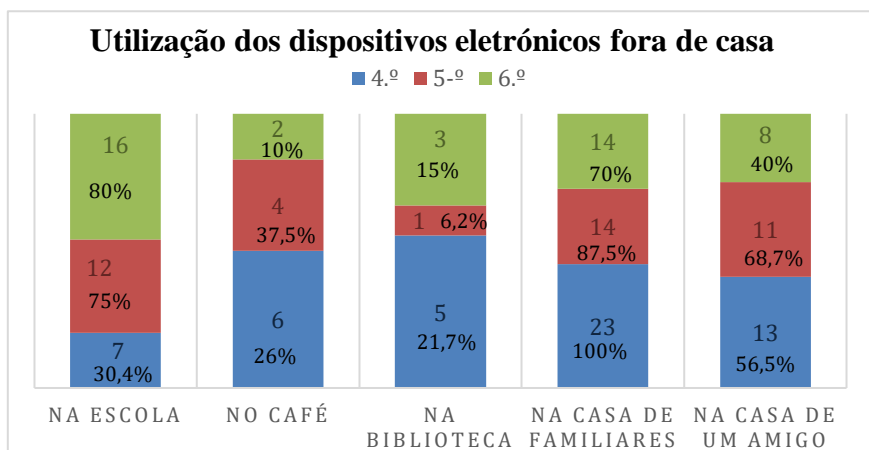


Figura 5- Utilização dos dispositivos eletrônicos fora de casa

Após analisar a figura, é notório que o local de eleição onde as crianças mais utilizam os dispositivos eletrônicos são na casa dos familiares (86%), sendo em seguida na escola (59%), na casa de amigos (54%), no café (20%) e, por fim, um número reduzido de alunos mencionaram a biblioteca (15%).

Face à questão, “**Quantas vezes por semana utilizas os dispositivos eletrônicos?**”.

Podemos verificar na figura 6, que a maioria das crianças usufruem dos dispositivos eletrônicos diariamente. Contudo, os alunos do 4.º ano, em que três crianças utilizam uma a duas vezes por semana (13%), quatro usam três ou quatro vezes por semana (18%), uma utiliza cinco a seis vezes por semana (4%) e 15 usam de forma diária (65%). E em relação ao 5.º ano, uma criança utiliza uma a duas vezes por semana (6%), uma usa três ou quatro vezes por semana (6%), duas utilizam cinco a seis vezes por semana (13%) e 12 usam diariamente (75%). No 6.º ano, uma criança utiliza três ou quatro vezes por semana (5%), duas usam cinco a seis vezes por semana (10%) e 17 utilizam diariamente (85%).

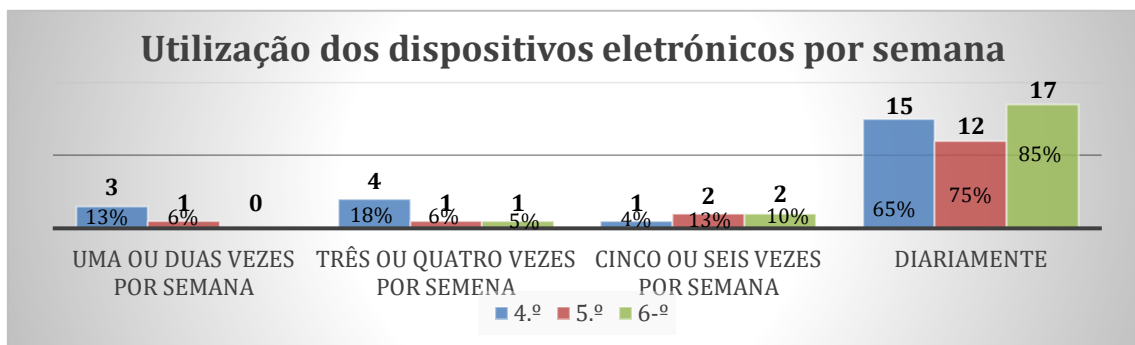


Figura 6- Utilização dos dispositivos eletrônicos por semana

Pudemos ainda constatar que as crianças mais novas começam a utilizar os dispositivos eletrônicos de forma diária, porém quanto mais a idade avança maior são os números de crianças a utilizarem os dispositivos eletrônicos diariamente estando conectadas várias horas seguidas.

Segundo o estudo de Ferreira *et al.* (2017), mencionou que crianças utilizam os dispositivos eletrônicos passando mais de cinco horas diárias.

De acordo com o estudo de Faria *et al.* (2018), implementado no Centro da Criança e do Adolescente do Hospital CUF Descobertas, indica que 90% das crianças acedem às novas tecnologias em idades precoces e usam os dispositivos eletrônicos de forma diária.

Face à questão “Em que local é que utilizas os dispositivos eletrônicos em casa?”

Dos 59 alunos, tendo em consideração que se podia selecionar mais de uma opção, relativamente ao 4.º ano, no qual 15 crianças responderam que usam na sala (20%), sete utilizam na cozinha (9%), 22 usam no quarto (29%), 11 utilizam na casa de amigos (15%) e 20 usam na casa de familiares (27%). No 5.º ano, 13 crianças utilizam a sala (24%), três usam na cozinha (5%), 16 utilizam no quarto (29%), sete usam na casa de amigos (13%) e 16 utilizam na casa de familiares (29%). No 6.º ano, 18 crianças usam na sala (21%), 14 utilizam na cozinha (17%), 20 usam no quarto (23%), 14 utilizam na casa de amigos (16%) e 20 usam na casa de familiares (23%).

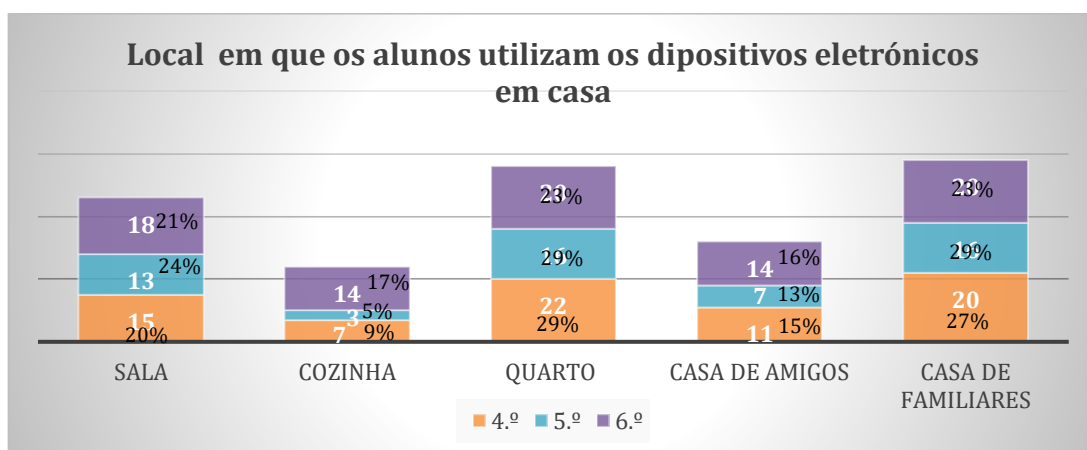


Figura 7- Local em que os alunos utilizam os dispositivos eletrônicos em casa

É notório que os locais mais privilegiados na escolha das crianças, dos três anos letivos, é o quarto (98%) e na casa de familiares (95%), seguindo-se a sala (78%), casa de amigos (54%) e, por fim, a cozinha (41%).

À questão, “Utilizas os dispositivos eletrônicos para?”

Tendo em consideração que se podia seleccionar mais de uma opção, a turma do 4.º ano, que incluem 23 alunos, apenas sete crianças responderam que utilizam os dispositivos eletrônicos para compras online (8%), 22 usam para falar com os pais/familiares/amigos (25%), 22 utilizam para ter acesso à *Internet* (25%), 22 usam para aceder às redes sociais (25%), e 15 utilizam para jogar videojogos (17%). No que corresponde ao 5.º ano, duas crianças usam para compras online (3%), 16 utilizam para falar com os pais/familiares/amigos (25%), 16 usam para ter acesso à *Internet* (25%), 16 utilizam para aceder às redes sociais (25%) e 13 usam para jogar videojogos (21%). No 6.º ano, 13 crianças utilizam para compras online (15%), 20 usam para falar com os pais/familiares/amigos (22%), 20 utilizam para ter acesso à *Internet* (22%), 20 usam para aceder às redes sociais e 16 utilizam para jogar videojogos (18%).

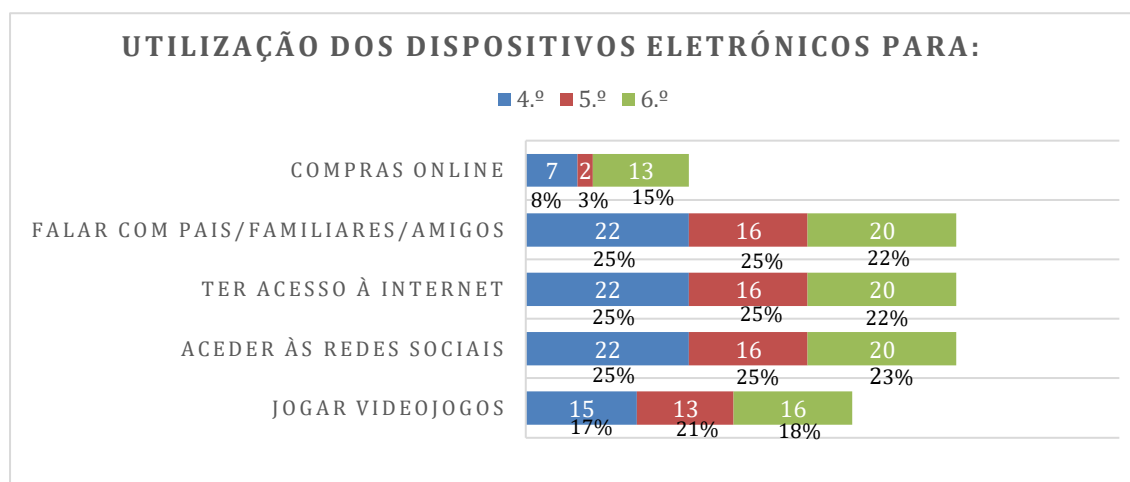


Figura 8- Utilização dos dispositivos eletrônicos para

Quase todos os alunos responderam que usam os dispositivos eletrônicos para falar com os pais/amigos e familiares (98%), ter acesso à *Internet* (98%), aceder às redes sociais (98%), jogar videojogos (78%) e realizar compras *online* (37%).

Constatou-se ainda que todos os elementos do sexo masculino nas três respetivas turmas responderam jogar videojogos.

De acordo com o estudo de Ferreira *et al.* (2017), apontou que as crianças com idades compreendidas entre os 9 e os 13 anos, utilizam os dispositivos eletrônicos para acederem à *Internet* e mencionou que os principais motivos são o entretenimento, comunicação e socialização, e referiu ainda que as crianças consideram mais atrativo

enviar mensagens e a jogar videojogos, sendo também o género masculino o maior predominante a jogar *online*.

Em relação à questão, **“Possuis ligação à *Internet* em tua casa?”**

Como verificamos na figura 9, a grande maioria dos alunos possui *Internet* em casa, tirando apenas um aluno do 4.º ano que não possui.

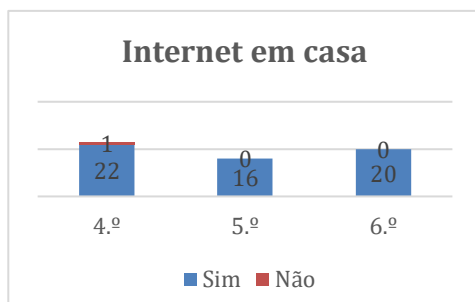


Figura 9- Utilização de *Internet* em casa

Relativamente à questão **“Com que frequência navegas na *Internet*?”**

Podemos observar na figura 10, que a turma do 4.º ano, no qual duas crianças navegam a *Internet* uma ou duas vezes por semana (9%), duas conectam três ou quatro vezes por semana (9%), uma utiliza cinco ou seis vezes por semana (4%) e 18 usam diariamente (78%). No 5.º ano, uma criança conecta uma ou duas vezes por semana (6%), duas navegam três ou quatro vezes por semana (12%), uma usa cinco a seis vezes por semana (6%), e 12 utilizam diariamente (75%). No 6.º ano, uma criança navega uma ou duas vezes por semana (5%), uma conecta três ou quatro vezes por semana (5%), três usam cinco ou seis vezes por semana (13%) e 17 utilizam de forma diária (77%).

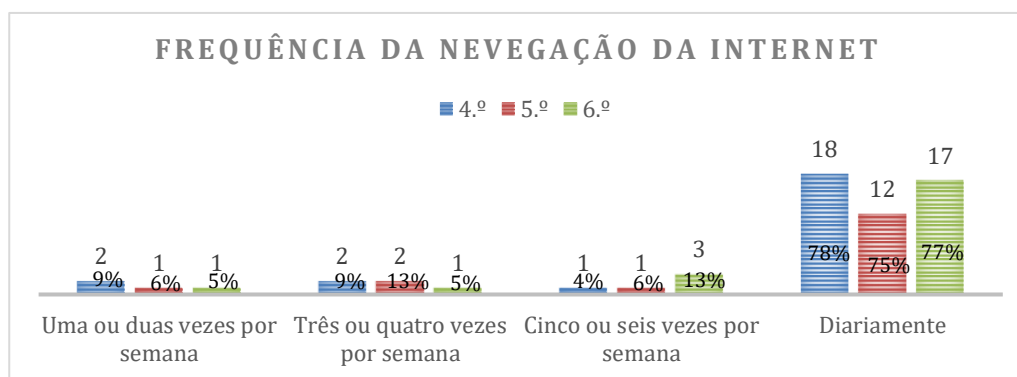


Figura 10- Frequência da navegação da *Internet*

A grande maioria das crianças navega na *Internet* todos os dias, conseguimos observar novamente que quanto mais a idade avança, mais tempo as crianças estão

conectadas à *Internet*. Como se verificou na figura 4, cerca de 98% das crianças possuem telemóvel, que este dispositivo permite ter mais facilidade em aceder e navegar na *Internet*, uma vez que é um dispositivo eletrónico de fácil transporte e acesso.

De acordo com o estudo de Ferreira *et al.* (2017), afirmou que as crianças utilizam a *Internet* em casa e em locais públicos com acesso gratuito e os dispositivos eletrónicos que mais usam são os telemóveis e *tablet's*, disponibilizando muito tempo do seu dia conectadas.

Face à questão “**Costumas utilizar a *Internet* para que propósito?**”

Tendo em conta que se podia selecionar mais de uma opção, conclui-se que a turma do 4.º ano, cerca de 19 crianças assistem a filmes e séries (10%), 20 falam com amigos através de *chats* (12%), 13 fazem compras *online* (7%), 23 realizam trabalhos para a escola (13%), 16 procuram informação (9%), 18 ouvem música (10%), 22 usam as redes sociais (13%), 18 veem vídeos (10%), 15 baixam jogos (8%), 15 jogam videojogos (8%). No 5.º ano, 9 crianças assistem a filmes e séries (7%), 16 falam com amigos através de *chats* (13%), 10 fazem compras *online* (8%), 16 realizam trabalhos para a escola (13%), 10 procuram informação (8%), 16 ouvem música (12%), 16 usam as redes sociais (12%), 16 veem vídeos (12%), 8 baixam jogos (6%) e 11 jogam videojogos (9%). No 6.º ano, 17 crianças assistem a filmes e séries (10%), 20 falam com amigos através de *chats* (12%), 15 fazem compras *online* (8%), 20 realizam trabalhos para a escola (12%), 13 procuram informação (5%), 20 ouvem música (12%), 20 usam as redes sociais (12%), 20 veem vídeos (12%), 14 baixam jogos (8%) e 16 jogam videojogos (9%).

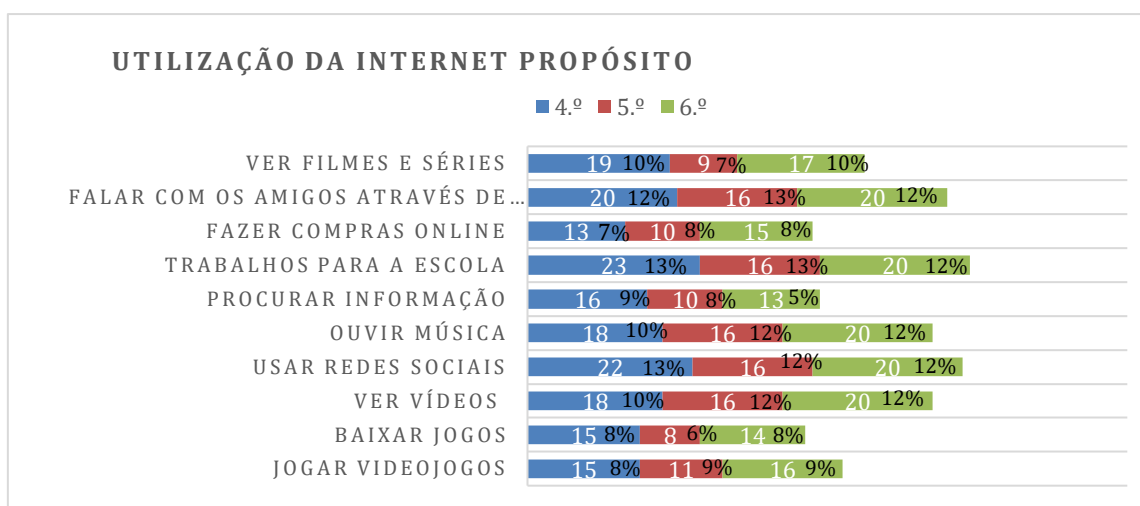


Figura 11- Utilização da Internet propósito

Verificamos que as crianças utilizam mais a *Internet* para realizarem trabalhos para escola (100%), usarem as redes sociais (98%) falarem com amigos através no *chat* (95%), verem vídeos (92%), ouvirem música (92%), verem filmes e séries (76%), jogarem videojogos (71%), procurar informação (66%), fazer compras *online* (64%) e baixar jogos (63%). Após analisar a figura 8, concluímos que todas as crianças do sexo feminino responderam que fazem compras *online*, porém existe uma percentagem mínima de respostas do sexo masculino, enquanto as crianças do sexo masculino responderam que jogavam videojogos, existindo uma percentagem mínima de respostas do sexo feminino.

De acordo com os resultados nacionais do inquérito por questionário do *EU Kids Online* (2019), indicam que as crianças usam a *Internet* para comunicar e interagir com amigos e familiares, para aceder às redes sociais e para ouvir música e ver vídeos.

Segundo o estudo de Soares (2018), que os rapazes tendem a passar mais horas a jogar videojogos e as raparigas são mais ligadas às redes sociais.

3. Análise da parte III dos inquéritos por questionário dirigidas às crianças – Redes sociais

Relativamente à questão “Utilizas alguma rede social?”

Como verificamos na figura 12, todos os alunos responderam que utilizam redes sociais, apenas um aluno do 4.º ano respondeu que não tem nenhuma rede social.

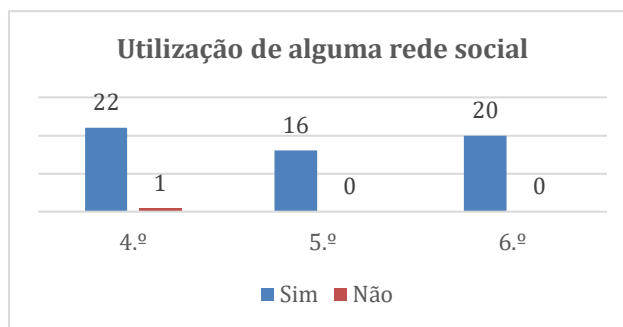


Figura 12- Utilização de alguma rede social

Em relação à questão “Quais são as redes sociais que mais utilizas?”

Tendo em conta que se que podia seleccionar mais de uma opção, a turma do 4.º ano, respondeu da seguinte forma, apenas uma criança usufrui do *Twitter* (1%), 13 contêm *WhatsApp* (21%), 22 têm *Tik Tok* (35%), oito possuem *Snapchat* (13%), 15 usufruem do *Instagram* (24%) e quatro têm *Messenger* (6%). No 5.º ano, duas crianças contêm *Skype* (3%), duas possuem *Twitter* (4%), 16 usufruem do *WhatsApp* (27%), 10 têm *Tik Tok* (17%), sete têm *Snapchat* (12%), 16 contêm *Instagram* (27%), três usufruem do *Messenger* (5%) e três têm *Facebook* (5%). No 6.º ano, uma criança possui do *Skype* (1%), três usufruem do *Twitter* (4%), 18 contêm *WhatsApp* (23%), 18 têm *Tik Tok* (23%), 16 possuem *Snapchat* (20%), 14 usufruem do *Instagram* (17%), cinco têm *Messenger* (6%) e cinco contêm *Facebook* (6%).

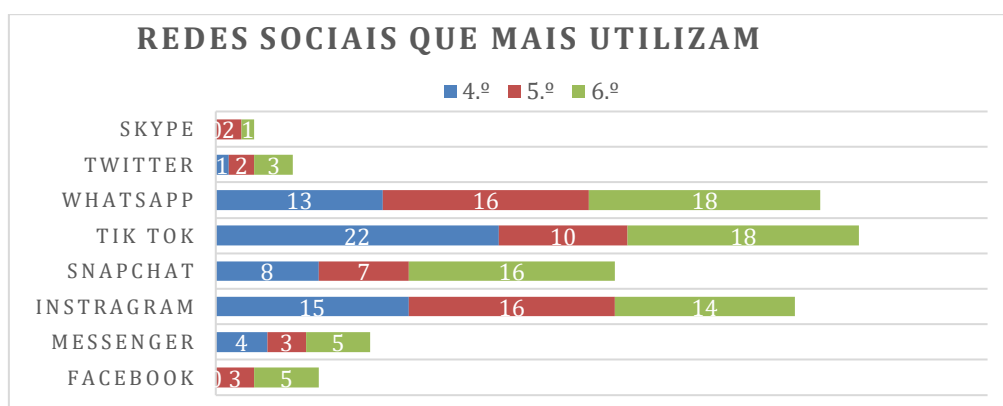


Figura 13- Redes sociais que mais utilizam

Como podemos observar, as redes sociais mais utilizadas pela maioria das crianças são o *Tik Tok* (85%), *WhatsApp* (80%), *Instagram* (76%) e *Snapchat* (53%). São redes sociais recentes e atuais, no qual desperta bastante interesse para a população mais nova, dado que fornece às crianças diversão e entretenimento. A seguir estão o *Messenger* (20%), o *Facebook* (14%), o *Twitter* (10%) e o *Skype* (5%).

Relativamente à questão “**Quais são as atividades que costumam realizar nas redes sociais?**”

Tendo em consideração que se podia escolher mais de uma opção. A turma do 4.º ano, no qual 22 crianças responderam que costumam falar com amigos através dos *chats online* (20%), nove afirmam em partilhar vídeos (8%), quatro declaram em partilhar músicas (4%), 15 expõem em publicar fotografias (14%), 11 costumam jogar *online* (10%), quatro afirmam em partilhar *link* (3%), 14 declaram que é frequente responder a mensagens de outros (13%), duas afirmam em partilhar informações (2%), nove declaram em comentar fotografias e vídeos (8%), 13 costumam colocar *likes* em fotografias e vídeos (12%) e sete afirmam que periodicamente é publicar algo no mural (6%). No 5.º ano, uma criança costuma criar eventos (1%), 16 afirmam que o comum é falar com amigos através dos *chats online* (21%), nove declaram em partilhar vídeos (12%), cinco afirmam em partilhar músicas (6%), nove exibem que frequentemente é publicar fotografias (14%), oito costumam jogar *online* (10%), duas afirmam em partilhar *link* (3%), oito declaram que é frequente responder a mensagens de outros (10%), três costumam partilhar informações (4%), quatro expõem que é comum comentar fotografias e vídeos (5%), 10 afirmam em colocar *likes* em fotografias e vídeos (13%) e duas costumam publicar algo no mural (3%). No 6.º ano, duas crianças costumam criar eventos (1%), 20 declaram que o comum é falar com amigos através dos *chats online* (13%), 10 afirmam em partilhar vídeos (7%), nove declaram em partilhar músicas (6%), 19 afirmam em publicar fotografias (13%), 16 costumam jogar *online* (11%), nove declara em partilhar *link* (6%), 20 afirmam que é usual responder a mensagens de outros (13%), oito afirma em partilhar informações (5%), 13 costumam de comentar fotografias e vídeos (9%), 19 declaram que o comum é colocar *likes* em fotografias e vídeos (13%) e cinco costumam publicar algo no mural (3%).

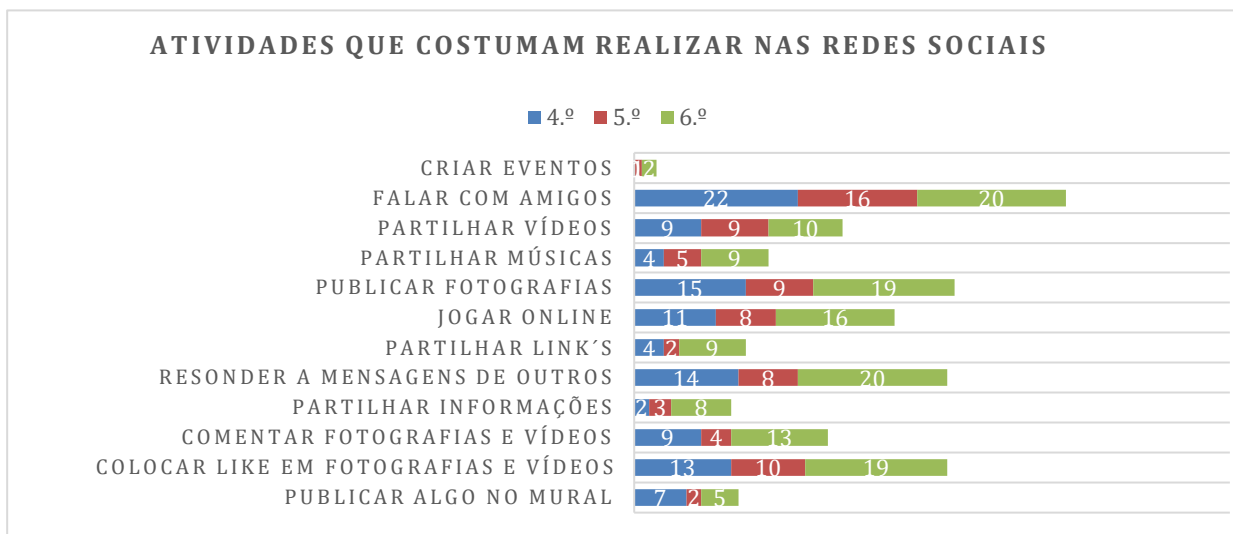


Figura 14- Atividades que costumam realizar nas redes sociais

Conseguimos observar que as atividades mais frequentes são falar com amigos através dos *chats online* (98%), publicar fotografias (73%) responder a mensagens de outros (72%), colocar *like* em fotografias e vídeos (72%), jogar *online* (59%) e partilhar *link* (25%).

Concluimos que existem uma grande maioria de crianças que trocam mensagens com pessoas desconhecidas. É algo preocupante, dado que as crianças não sabem quem está do outro lado do ecrã e, sobretudo quais são as verdadeiras intenções, tal como foi referido na literatura no capítulo I. Existe um conjunto de riscos e perigos que a *Internet* e as redes sociais podem acarretar, sendo de notar que as crianças não estão conscientes dos riscos e perigos das redes sociais.

Segundo os últimos dados do Barómetro de Telecomunicações da Marktest (1.º trimestre de 2018), relativos ao Consumo de Comunicações Eletrónicas pelas crianças, verificou-se que as crianças com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos, usam as redes sociais de forma diária e as atividades que mais frequentes são enviar mensagens instantâneas e os jogos *online*.

Face à questão, “Quanto tempo passas nas redes sociais?”

Relativamente à turma do 4.º ano, verificou-se que uma criança dispensa 1h por dia (4%), duas conectam 2h por dia (9%), três concebem 3h por dia (13%) e 17 propiciam mais de 4h por dia (74%). No 5.º ano, uma criança dispensa 1h por dia (6%), uma conecta 2h por dia (6%), duas propiciam 3h por dia (13%) e 12 dedicam mais de 4h por dia (75%).

No 6.º ano, uma criança conecta 2h por dia (5%), duas propiciam 3h por dia (10%) e 17 dedicam mais de 4h por dia (85%).

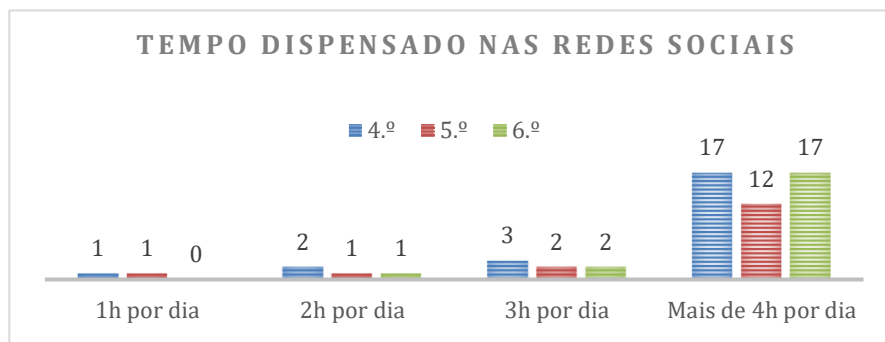


Figura 15- Tempo dispensado nas redes sociais

Cerca de 78% das crianças dispõem mais de 4h por dia para estarem conectadas às redes sociais. É visível que as crianças passam horas consecutivas a jogar *online* e conectadas às redes sociais como ilustra a figura 18, que desta forma, pode vir a criar uma dependência, provocando nas crianças vários efeitos e comportamento negativos, como foi mencionado na literatura no capítulo I por diversos autores.

De acordo com o estudo realizado pela Cuf Descobertas, resultado de um inquérito numa amostra de 152 crianças, mencionou que estas disponibilizam mais de 4h por dia conectadas às redes sociais e a jogar videojogos e ainda se verificou que um terço das crianças corre risco de dependência das novas tecnologias.

Em relação à questão **“Quem te ajudou a criar a primeira conta numa rede social?”**.

Face à turma do 4.º ano, cerca de seis crianças criaram com ajuda dos pais ou de outro adulto (26%), quatro conceberam com ajuda de um/a amigo/a mais velho/a (17%), quatro geraram com ajuda de um/a amigo/a da escola (18%) e nove criaram sozinhas, sem ajuda (39%). No 5.º ano, três crianças geraram com ajuda dos pais ou de outro adulto (19%), três procriaram com ajuda de um/a amigo/a mais velho/a (19%), duas conceberam com ajuda de um/a amigo/a da escola (12%) e oito criaram sozinhas, sem ajuda (50%). No 6.º ano, duas crianças geraram com ajuda dos pais ou de outro adulto (10%), uma criou com ajuda de um/a amigo/a mais velho/a (5%), duas procriaram com ajuda de um/a amigo/a da escola (10%) e 15 geraram sozinhas, sem ajuda (75%).

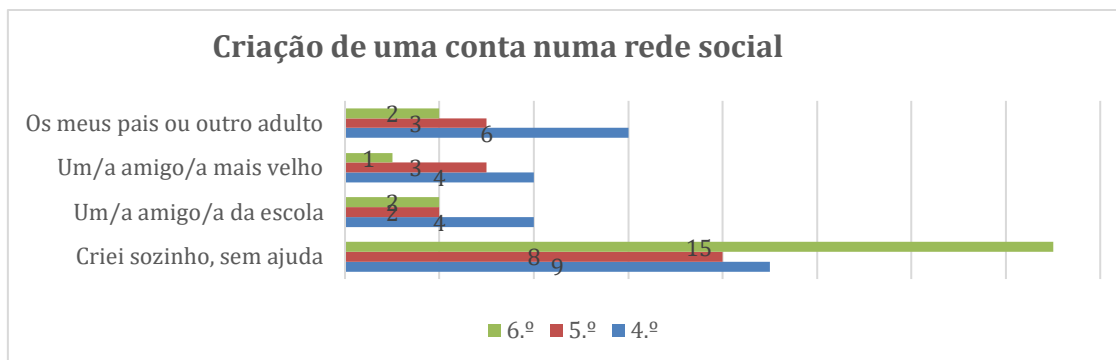


Figura 16- Criação de uma conta numa rede social

A maioria das crianças, cerca de 54% criaram a sua própria rede social, sem ajuda, cerca de 19% geraram com ajuda dos pais ou outro adulto, cerca de 14% procriaram com ajuda de um/a amigo/a da escola e cerca de 14% conceberam com ajuda de um/a amigo/a mais velho.



Figura 17- Sexo dos inquiridos na criação de uma conta numa rede social

Podemos observar que existe uma diferença significativa, pois cada vez mais as crianças começam a interagir com as redes sociais em idade precoces. Na figura 17, ilustra os sexos dos inquiridos na criação de uma conta numa rede social. Como podemos observar, percentualmente é foi o sexo feminino que mais criou uma rede social de forma autónoma enquanto o sexo masculino criou com ajuda dos pais ou outro adulto.

Relativamente à questão “Que tipo de dados pessoais colocas no perfil das redes sociais?”

Tendo em consideração que podiam escolher mais de uma opção, a turma do 4.º ano, cerca de três crianças responderam que colocam o ano de escolaridade no seu perfil (3%), 22 disponibilizam fotografias pessoais (22%), 16 expõem vídeos pessoais (17%), quatro colocam a sua morada (4%), quatro exibem o número de telemóvel (4%), 18 põem a sua idade (19%), seis disponibilizam a escola que frequentam (7%) e 22 facultam o seu

nome próprio (23%). No 5.º ano, duas crianças colocam o ano de escolaridade no seu perfil, (3%), 16 disponibilizam fotografias pessoais (26%), 16 expõem vídeos pessoais (18%), duas crianças colocam a sua morada (4%), três exibem o número de telemóvel (5%), 11 põem a sua idade (18%) e 16 facultam o seu nome próprio (26%). No 6.º ano, uma criança coloca o ano de escolaridade no seu perfil (2%), 19 disponibilizam fotografias pessoais (22%), 17 expõem vídeos pessoais (20%), três colocam a sua morada (4%), duas exibem o número de telemóvel (2%), 18 põem a sua idade (21%), cinco colocam a escola que frequentam (6%) e 20 facultam o seu nome próprio (24%).

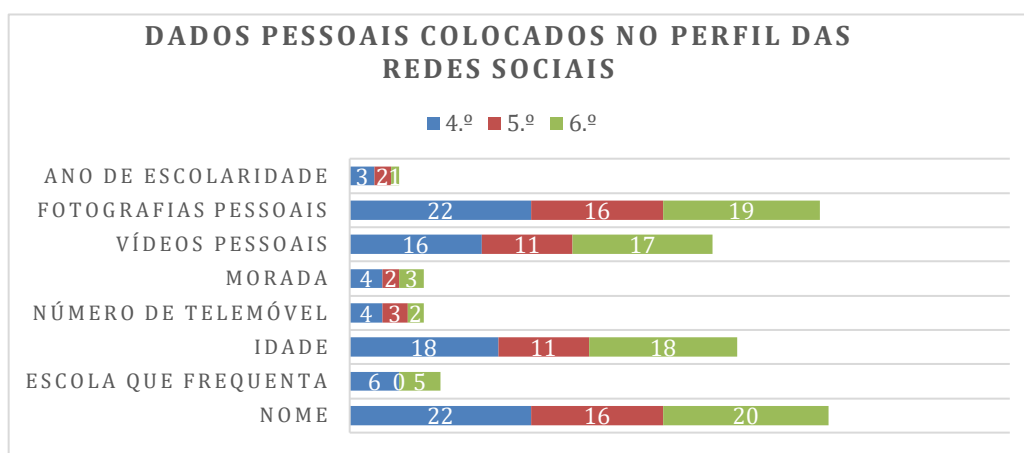


Figura 18- Dados pessoais colocados no perfil das redes sociais

Podemos verificar que 98% das crianças revela no perfil das suas redes sociais o seu nome próprio, cerca de 97% submetem as suas fotografias pessoais, 80% colocam a sua idade, 75% expõem os seus vídeos pessoais, 19% facultam o nome da escola que frequenta, 15% disponibilizam a morada e número de telemóvel e 10% exibem o ano letivo que frequenta.

Concluimos que existem muitas crianças a expõem informações e os seus dados pessoais nas redes sociais, o que nos revela que as crianças não conhecem realmente os riscos e os perigos a que podem estar sujeitas quando disponibilizam os seus dados pessoais na *Internet* e nas redes sociais.

Em relação à questão “**Conheces todos os riscos e perigos?**”

Como podemos observar na figura 19, na turma do 4.º ano, apenas três crianças responderam que têm noção de todos os perigos e riscos e 20 responderam que não têm. No 5.º ano, seis crianças responderam que sim e 10 que não têm. No 6.º ano, seis crianças responderam que sim e 14 que não têm.



Figura 19- Conhecimento de todos os riscos e perigos das redes sociais

Cerca de 75% das crianças, admitiram que não têm noção dos riscos e perigos da *Internet* e das redes sociais, apenas 25% responderam que têm.

De acordo com o estudo de europeu *EU Kids Online 2020: Survey results from 19 countries*, afirmou a maioria das crianças não têm consciência sobre os riscos e perigos da *Internet* e das redes sociais, levando desta forma, a ter comportamentos desajustados que por vezes colocam a sua segurança em causa.

Face à questão “Os teus pais têm acesso às tuas redes sociais?”

Como ilustra a figura 20, relativamente ao 4.º ano, apenas 13 crianças responderam que os pais têm acesso às suas redes sociais e 12 declararam que não têm acesso. No 5.º ano, sete crianças afirmaram que sim e nove que não têm acesso. No 6.º ano nove crianças disseram que sim e 11 garantiram que não têm acesso.

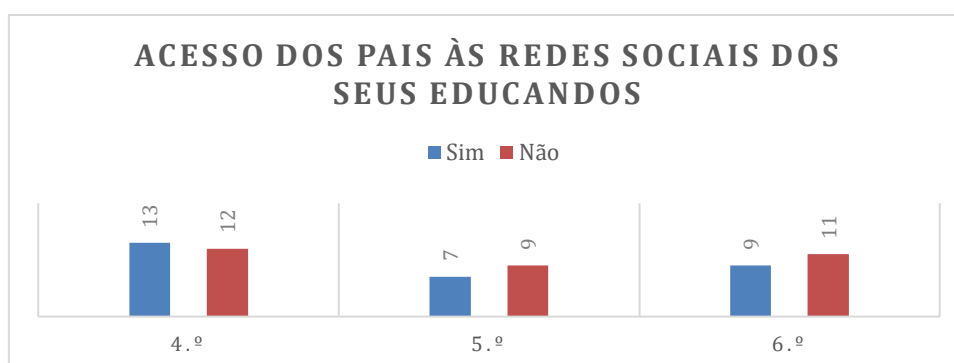


Figura 20- Acesso dos pais às redes sociais dos seus educandos

Cerca de 54% das crianças não permitem que os seus pais/encarregados de educação tenham acesso às suas redes sociais, apenas 49 % permitem que os pais/encarregados de educação tenham acesso.

4. Análise da parte IV dos inquéritos por questionário dirigidas às crianças – Riscos e perigos da utilização da *Internet* e redes sociais

Na tabela 1, apresentam-se as percentagens dos 59 alunos que responderam à escala de Likert do inquérito por questionário.

	Concordo totalmente	Concordo	Não discordo nem concordo	Discordo	Discordo totalmente
4.1 Aceito todas as pessoas nas minhas redes sociais!	17%	41%	12%	17%	13%
4.2 Falo por mensagens com pessoas que não conheço nas redes sociais!	5%	36%	7%	27%	25%
4.3 Publico diariamente vídeos e fotografias minhas nas redes sociais!	51%	25%	8%	10%	5%
4.4 Forneço os meus dados pessoais se alguém me pedir!	7%	27%	12%	46%	8%
4.5 Não aceito qualquer pessoa nas minhas redes sociais!	14%	24%	15%	27%	20%
4.6 Costumo marcar encontros com pessoas que conheci através das redes sociais!	5%	25%	8%	52%	10%
4.7 Ignoro as mensagens que recebo de desconhecidos nas redes sociais!	8%	27%	14%	41%	10%
4.8 Quando me apercebo que tenho pessoas que não conheço nas minhas redes sociais, eu bloqueio-as!	7%	22%	12%	42%	17%
4.9 Eu quero é ter muitos seguidores nas minhas redes sociais!	47%	25%	14%	8%	5%

4.10 Já fui gozado/a e humilhado/a nas redes sociais pelos meus colegas!	10%	25%	7%	46%	12%
4.11 Se alguém me enviar uma mensagem a perguntar os meus dados pessoais, dizendo que é para fornecer à escola ou outra instituição, eu não dou!	12%	41%	5%	31%	12%
4.12 Por norma são os rapazes que utilizam mais as redes sociais!	22%	6%	10%	37%	25%
4.13 Habitualmente são as raparigas que jogam mais videojogos!	4%	8%	15%	34%	39%
4.14 São as raparigas que utilizam mais as redes sociais!	39%	31%	12%	14%	5%
4.15 Normalmente são os rapazes que jogam mais videojogos!	46%	20%	17%	15%	2%

Fonte: dados obtidos através do inquérito por questionário direcionados às crianças

Como podemos observar na tabela 1, existe uma percentagem de crianças que têm comportamentos de risco e perigo quando navegam na *Internet* e utilizam as redes sociais.

Verifica-se que 58% das crianças aceita todas as pessoas nas redes sociais, 76% das crianças publica diariamente vídeos e fotografias suas nas redes sociais, 34% fornece dados pessoais se alguém pedir, 30% costuma marcar encontros com pessoas que conhecem nas redes sociais, 51% não ignora as mensagens que recebem de desconhecidos nas redes sociais, 59% não bloqueia nas suas redes sociais pessoas desconhecidas, 72% querem ter muitos seguidores nas redes sociais, 35% já foram gozadas e humilhadas nas redes sociais pelos seus colegas, 43% fornece os seus dados pessoais, quando alguém pergunta que é para fornecer à escola ou outra instituição, 62% das crianças discorda que por norma são os rapazes que utilizam mais as redes sociais, 73% discorda que habitualmente são as raparigas que jogam mais videojogos, 70% afirma serem as raparigas que utilizam mais as redes sociais e 66% afirma que normalmente são os rapazes que jogam mais videojogos.

Em síntese, a maioria das crianças não está consciente dos riscos e perigos quando utiliza a *Internet* e as redes sociais. Estas têm comportamentos que colocam em causa a sua segurança e bem-estar. Como já foi mencionado no capítulo I, vivemos numa era onde as crianças já nascem a interagir com os dispositivos eletrónicos e com acesso à *Internet*, facilitando que estas tenham a sua própria rede social em idades precoces. Porém, permite-se que as crianças se tornem dependentes das redes sociais e dos jogos *online*, atualmente deparamos com crianças dependentes, pois em qualquer local que nos dirigimos observamos as crianças com os seus próprios dispositivos eletrónicos. A falsa realidade que as redes sociais produzem nas crianças leva a que estas estejam constantemente conectadas, pois, atualmente elas movem-se, pelo número de “likes” nas fotografias e publicações, a intenção é obter muitas reações dos outros utilizadores. Quanto mais seguidores/amigos virtuais tiverem nas suas redes sociais, mais reações têm, provocando assim uma sensação falsa de bem-estar e de popularidade, por isso é que as crianças aceitam todas as pessoas para aumentar o seu número de seguidores. Muitas crianças trocam mensagens com desconhecidos, porque estes fazem elogios constantes às suas publicações, criando com a criança um laço de amizade e de confiança, pois muitas crianças expõem informações e dados pessoais nas redes sociais, gerando um caminho mais fácil para os agressores as manipularem e aliciarem. Geralmente as crianças não medem consequências dos seus atos, muitas vezes partilham fotografias íntimas e uma vez que são expostas, nunca mais podem ser retiradas da *Internet*, independentemente se forem apagadas da conta, pois mais tarde podem ser vítimas de *cyberbullying*.

5. Análise da parte II dos inquéritos por questionário direcionados aos pais/encarregados de educação – Redes sociais

Neste ponto estão todas as respostas fornecidas pelos pais/encarregados de educação das respetivas crianças do 4.º, 5.º e 6.º anos.

Como podemos observar na figura 21, a distribuição das variáveis sociodemográficas, relativamente aos pais/encarregados de educação, sendo um total de 63, apenas responderam 52, e conclui-se também que a maioria é do sexo feminino (73%) e (27%) do sexo masculino.

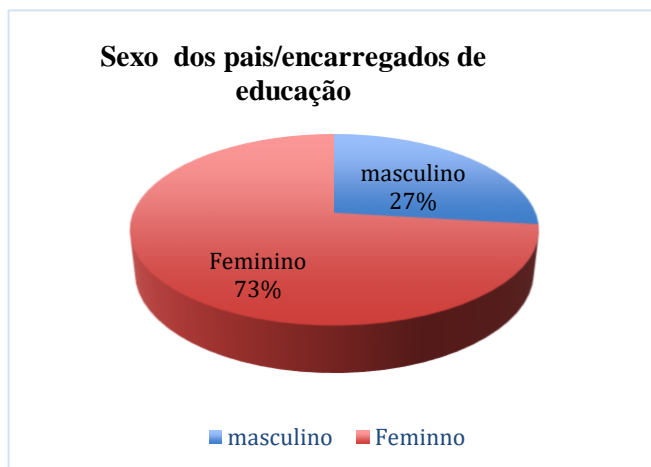


Figura 21-Sexo dos pais/encarregados de educação

Relativamente aos pais/encarregados de educação dos alunos do 4.º ano, apenas responderam 22 num total de 23 pais/encarregados de educação, a maioria é constituída pelo sexo feminino (82%) e (18%) pelo sexo masculino. Os pais/encarregados de educação dos alunos do 5.º ano, responderam 15 num total de 20 pais/encarregados de educação, a maioria é constituída pelo sexo feminino (60%) e os restantes (40%) pelo sexo masculino e, por fim, os pais/encarregados de educação dos alunos do 6.º ano, responderam 15 num total de 20 pais/encarregados de educação, em que mais uma vez a maioria é constituída pelo sexo feminino (73%) e os restantes (27%) pelo sexo masculino.

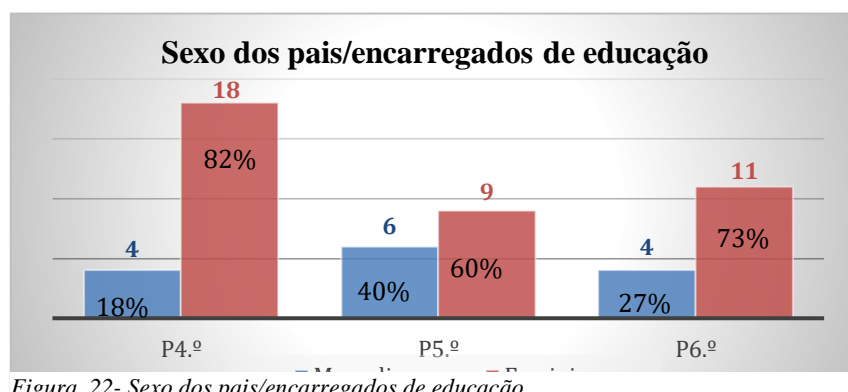


Figura 22- Sexo dos pais/encarregados de educação

Relativamente aos pais/encarregados de educação a idade média é de 43,35 anos, com idades dos 35 aos 50 anos.

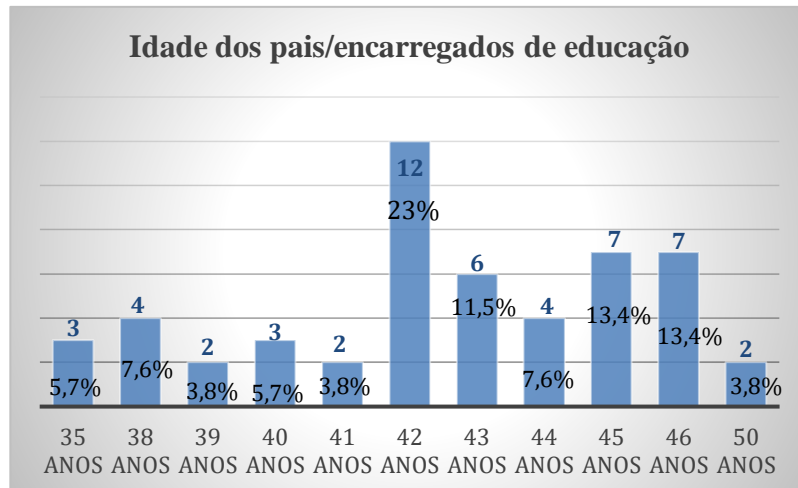


Figura 23- Idade dos pais/encarregados de educação

A figura 23, ilustra que existem três pais/encarregados de educação com 35 anos (5,7%), quatro com 38 anos (7,6%), dois com 39 anos (3,8%), três com 40 anos (5,7%), dois com 41 anos (3,8%), 12 com 42 anos (23%), seis com 43 anos (11,5%), quatro com 44 anos (7,6%), sete com 45 anos (13,4%), sete com 46 anos (13,4%) e dois com 50 anos (3,8%).

Relativamente às habilitações literárias dos pais/encarregados de educação, podemos observar (figura 24) que a maioria tem uma licenciatura. Os pais/encarregados de educação dos alunos do 4.º ano, um tem mestrado (4%), 12 têm licenciatura (55%), seis têm o secundário (27%) e três têm o 3.º ciclo (14%). Em relação aos pais/encarregados de educação dos alunos do 5.º ano, um tem doutoramento (7%), um tem mestrado (7%), nove têm licenciatura (59%), quatro têm o 3.º ciclo (27%) e por fim os pais/encarregados de educação dos alunos do 6.º ano, corresponde a dois têm mestrado (13%), seis têm uma licenciatura (40%), seis têm o secundário (40%) e um tem o 3.º ciclo (7%).

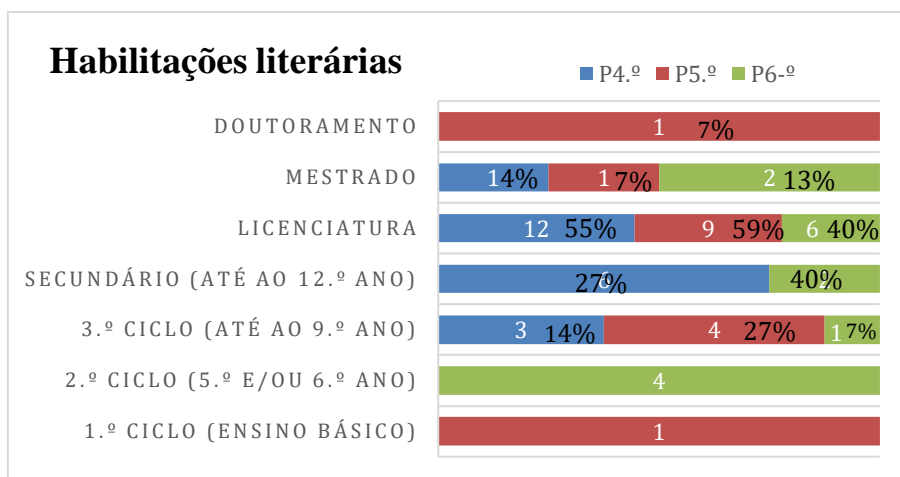


Figura 24- Habilitações literárias

Face à questão “Tem acesso aos dispositivos eletrónicos do seu educando?”

Num total de 52 pais/encarregados de educação que preencheram os inquéritos por questionário. Todavia, 22 pais/ encarregados de educação representam a turma do 4.ºano, no qual 14 responderam que têm acesso aos dispositivos eletrónicos dos filhos (64%) e oito responderam que não têm acesso aos dispositivos eletrónicos (36%). Os pais/encarregados de educação do 5.º ano, 10 responderam que são utilizadores (67%) e cinco responderam que não (33%). Os pais/encarregados de educação do 6.º ano, nove responderam que são utilizadores (60%) e seis responderam que não (40%).

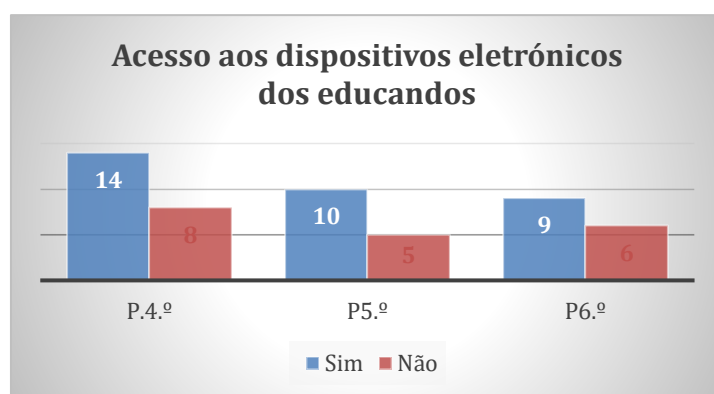


Figura 25- Acesso aos dispositivos eletrónicos dos educandos

Podemos observar que cerca de 63% dos pais/encarregados de educação tem acesso aos dispositivos eletrónicos dos seus educandos, mas cerca de 37% não tem. Apesar de ser uma percentagem ligeiramente baixa, torna-se algo preocupante não existir um controlo parental no acesso aos dispositivos eletrónicos das crianças.

Relativamente à questão, “**É utilizador de alguma rede social?**”

Em relação aos pais/encarregados de educação dos alunos do 4.º ano, 20 responderam que são utilizadores de redes sociais (91%) dois responderam que não são (9%). Os pais/encarregados de educação do 5.º ano, 12 responderam que são utilizadores (80%) e três responderam que não são (20%). Os pais/encarregados de educação do 6.º ano, 14 responderam que são utilizadores (93%) e um respondeu que não é utilizador de nenhuma rede social (7%).

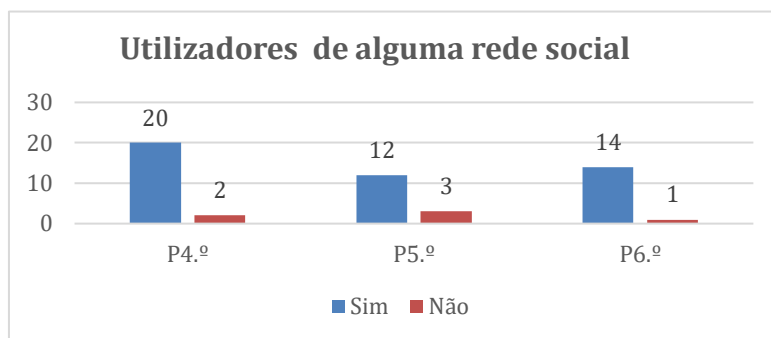


Figura 26- Utilizadores de alguma rede social

É notório que a grande maioria dos pais/encarregados de educação são utilizadores de redes sociais, cerca de 88%. E cerca de 37% não é utilizador de nenhuma rede social.

Face à questão, “**O seu educando é utilizador de alguma rede social?**”

Relativamente aos pais/encarregados de educação dos alunos do 4.º ano, 17 responderam que os seus educandos são utilizadores de redes sociais (77%), três responderam que não são utilizadores de nenhuma rede social (14%) e dois afirmam que não sabem se os seus educandos têm ou não alguma rede social (9%). Os pais/encarregados de educação dos alunos do 5.º ano, 12 declaram que os seus educandos são utilizadores de redes sociais (75%), dois responderam que não são utilizadores de nenhuma rede social (12%) e um afirmou que não sabe se o seu educando tem ou não alguma rede social (13%). Os pais/encarregados de educação dos alunos do 6.º ano, 11 declaram que os seus educandos são utilizadores de redes sociais (79%), um respondeu que o seu educando não é utilizador de nenhuma rede social (7%) e dois afirmam que não sabem se os seus educandos têm ou não alguma rede social (14%).

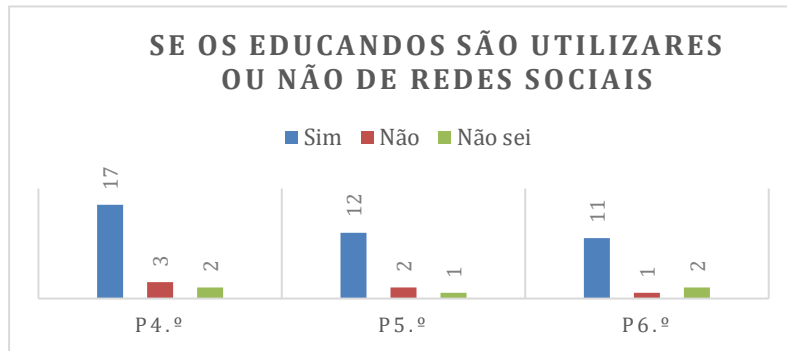


Figura 27- Se os educandos são utilizadores ou não de redes sociais

Podemos observar que 77% dos pais/de educação sabem que os seus educandos são utilizadores de redes sociais. Cerca de 12% afirma que o seu educando não é utilizador de nenhuma rede social e 10% não sabe se os seus educandos são ou não utilizadores de alguma rede social. Posto isto, podemos comparar com as respostas fornecidas pelas crianças, que todas têm pela menos uma rede social, apenas uma criança do 4.º ano não tem nenhuma rede social.

Desta forma concluímos que existem pais/encarregados de educação que não têm conhecimento que os seus educandos são utilizadores de redes sociais.

Em relação à questão **“Faz parte da lista de amigos/seguidores da rede social do seu educando?”**

Face aos pais/encarregados de educação dos alunos do 4.º ano, 17 afirmam que são amigos/seguidores da rede social do seu educando (74%), cinco declaram que não fazem parte da lista/seguidores do seu educando (26%). Os pais/encarregados de educação dos alunos do 5.º ano, 12 responderam que são amigos/seguidores (71%) e três afirmam que não são amigos/seguidores (19%). Os pais/encarregados de educação dos alunos do 6.º ano, 11 declaram serem amigos/seguidores (73%) e quatro afirmam que não são amigos/seguidores (27%).

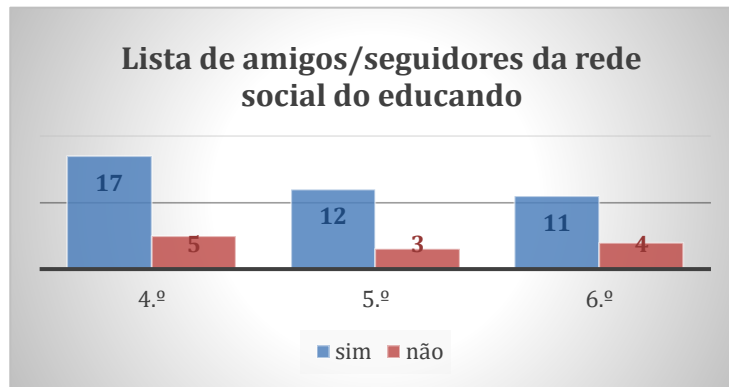


Figura 28- Lista de amigos/seguidores da rede social do educando

Como podemos verificar, cerca de 77% dos pais/encarregados de educação faz parte da lista de amigos/seguidores dos seus educandos. Contudo, existem 23% de pais/encarregados de educação que têm a sua própria rede social, porém não são amigos/seguidores das redes sociais dos seus educandos.

Relativamente à questão, “**Tem acesso ao perfil da rede social do seu educando?**”

Em relação aos pais/encarregados de educação dos alunos do 4.º ano, 16 declaram que têm acesso ao perfil da rede social do seu educando (73%) e seis afirmam que não têm acesso (27%). Os pais/encarregados de educação dos alunos do 5.º ano, 12 responderam que têm acesso ao perfil da rede social do seu educando (80%) e três declararam que não têm acesso (20%). Os pais/encarregados de educação dos alunos do 6.º ano, 10 afirmam que têm acesso ao perfil da rede social do seu educando (77%) e cinco responderam que não têm acesso (23%).



Figura 29- Acesso ao perfil da rede social das crianças

Como podemos observar, cerca de 73% dos pais/encarregados de educação têm acesso ao perfil das redes sociais dos seus educandos, mas cerca de 27% não têm acesso.

Contudo, podemos comparar através da figura 29, que existem mais pais/encarregados de educação a ter acesso ao perfil das redes sociais do que acesso aos dispositivos eletrónicos das crianças.

6. Análise da parte III dos inquéritos por questionário direcionados aos pais/encarregados de educação – Riscos e perigos da utilização da *Internet*, sociais e videojogos

A tabela 2, descrevem-se as percentagens dos 52 pais/encarregados de educação que responderam à escala de Likert do inquérito por questionário.

	Concordo totalmente	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
3.1 O meu educando tem os dispositivos eletrónicos no quarto!	17%	34%	13%	23%	13%
3.2 O meu educando não me diz a palavra-passe da sua rede social!	4%	37%	5%	44%	10%
3.3 O meu educando não me diz os códigos de acesso nem me permite a validação biométrica de acesso aos dispositivos eletrónicos!	13%	31%	6%	37%	13%
3.4 Não tenho hábito de verificar os dispositivos eletrónicos!	8%	27%	4%	46%	15%
3.5 Não tenho hábito de verificar as redes sociais do meu educando!	8%	31%	4%	40%	17%
3.6 Não costumo controlar durante a noite se o meu educando está a dormir ou se está conectado aos dispositivos eletrónicos e utilizar as redes sociais ou a jogar online!	11%	41%	10%	25%	13%

3.7 Por norma não coloco filtros e restrições parentais no acesso às redes sociais do meu educando!	2%	44%	12%	25%	17%
3.8 Não costumo controlar o tempo dispensado quando o meu educando joga <i>online</i> nem quem são os seus parceiros de jogo!	12%	31%	6%	25%	26%
3.9 O meu educando tem conhecimento do todos os riscos e perigos da utilização da Internet e das redes sociais!	6%	21%	4%	29%	40%
3.10 O meu educando permanece várias horas consecutivas a navegar na <i>Internet</i> , a utilizar as redes sociais e a jogar online sem a minha presença!	6%	29%	12%	36%	17%
3.11 Tenho conhecimento de todas as pessoas que fazem parte da rede social do meu educando!	8%	21%	17%	33%	21%
3.12 O meu educando troca mensagens com pessoas que não conheço!	0%	17%	23%	40%	20%
3.13 Conheço todas as pessoas que fazem parte da rede social do meu educando!	12%	21%	6%	38%	23%
3.14 Tenho conhecimento de todos os tipos de dados pessoais (informações, fotografias e vídeos) que o meu educando disponibiliza nas redes sociais!	4%	25%	4%	57%	10%
3.15 Tenho conhecimento de quais são as atividades que o meu educando costuma realizar na Internet e nas redes sociais!	15%	19%	6%	47%	13%
3.16 Tenho conhecimento quando o meu educando marca encontros com	0%	23%	12%	52%	13%

alguém que conheceu através das redes sociais!					
------------------------------------------------	--	--	--	--	--

Fonte: dados obtidos através do inquérito por questionário direcionados aos pais/encarregados de educação

Como podemos verificar na tabela 2, 51% dos pais/encarregados de educação autoriza que as crianças tenham dispositivos eletrónicos no quarto, 41% consente que os seus educandos não lhes digam a palavra-passe das suas redes sociais, 44% permite que o seus educandos não lhes digam os códigos de acesso nem permite a validação biométrica de acesso aos dispositivos eletrónicos, 35% concorda não ter o hábito de verificar os dispositivos eletrónicos das crianças, 39% concorda não ter o hábito verificar as redes sociais das crianças, 52% concorda em não controlar durante a noite se as crianças dormem ou se estão a usarem os dispositivos eletrónicos, utilizar as redes sociais ou a jogar *online*, 46% consente em não colocar filtros e restrições parentais no acesso às redes sociais das crianças, 43% concorda que não costuma controlar o tempo dispensado quando as crianças jogam *online* nem quem são os seus parceiros de jogo, 27% concorda que o seu educando tem conhecimento do todos os riscos e perigos da utilização da *Internet* e das redes sociais, porém 69% discorda que o seu educando tenha conhecimento do todos os riscos e perigos da utilização da *Internet* e das redes sociais, 35% permite que o seu educando permaneça várias horas consecutivas a navegar na *Internet*, a utilizar as redes sociais e a jogar *online* sem a sua presença, 29% concorda em ter conhecimento de todas as pessoas que fazem parte da rede social do seu educando, contudo 54% discorda, 17% concorda que o seu educando troque mensagens com pessoas que não conhece, porém, 60% discorda, cerca de 33% concorda em conhecer todas as pessoas que fazem parte da rede social do seu educando, contudo 61% discorda, 29% concorda ter conhecimento de todos os tipos de dados pessoais (informações, fotografias e vídeos) que o seu educando disponibiliza nas redes sociais, mas 67% discorda, 33% concorda ter conhecimento de todas as atividades que o seu educando realiza na *Internet* e nas redes sociais, todavia 60% discorda e 23% concorda ter conhecimento quando o seu educando marca encontros com alguém que conheceu através das redes sociais, porém 65% discorda ter conhecimentos.

Concluimos que a maioria dos pais/encarregados de educação que não fazem nenhum tipo de controlo, vigilância nem colocam regras e limites nas crianças enquanto estas utilizam os ambientes virtuais.

Face à questão, **“Tem conhecimentos se o seu educando sofre de *cyberbullying*?”**

Em relação aos pais/encarregados de educação dos alunos do 4.º ano, apenas oito declararam que têm conhecimento que os seus educandos sofrem de *cyberbullying* (36%) e 14 não têm conhecimento (64%). Os pais/encarregados de educação dos alunos do 5.º ano, cinco afirmam ter conhecimentos (33%) e 10 não têm conhecimento (67%). Os pais/encarregados de educação dos alunos do 6.º ano, dois responderam ter conhecimentos (13%) e 10 não têm conhecimento (87%).

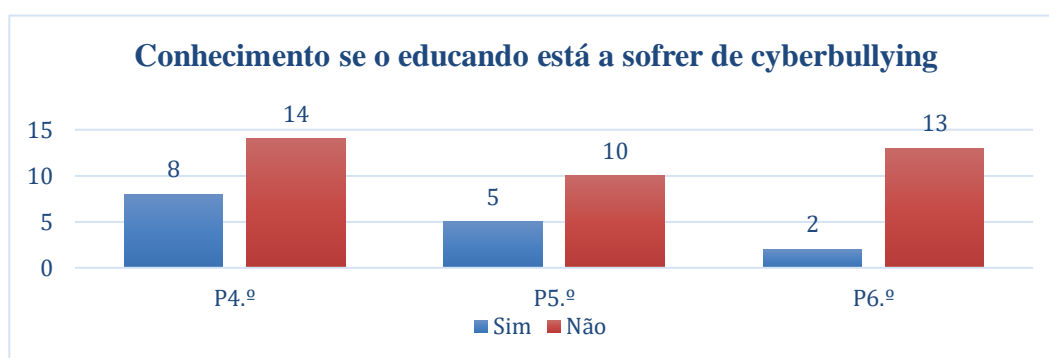


Figura 30- Conhecimento se o educando vivencia situações de *cyberbullying*

Podemos observar que cerca de 29% dos pais/encarregados de educação têm conhecimento que o seu educando sofre de *cyberbullying*, porém 71% não têm conhecimento. Contudo, podemos verificar na tabela 1, que cerca de 35% das crianças afirmam que já foram gozadas e humilhadas nas redes sociais pelos seus colegas, porém apenas 29% dos pais/encarregados de educação têm conhecimento. Posto isto, existem crianças que estão a vivenciar situações de *cyberbullying* sem que os seus pais/encarregados de educação tenham conhecimento.

Como foi mencionado na literatura, a falta de controlo e vigilância parental nos dispositivos eletrónicos e nas redes sociais, permite que os pais/encarregados de educação não tenham conhecimento deste tipo de situações, pois muitas crianças não comunicam que vivenciam situações de *cyberbullying* por medo e vergonha.

De acordo com Neves (2020), segundo os dados do inquérito da *Dashlane* afirma que atualmente em Portugal as crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 12 anos, têm acesso a um ou mais dispositivos eletrónicos e que os pais portugueses são os que menos utilizam aplicações para controlar o tempo que as crianças disponibilizam a

usar os dispositivos eletrônicos, raramente veem o histórico de pesquisas e vigiam as redes sociais.

Em relação à questão, **“Sabe identificar situações de *cyberbullying*?”**

Face aos pais/encarregados de educação dos alunos do 4.º ano, quatro responderam que sabem identificar situações de *cyberbullying* (18%) e 18 não sabem identificar (82%). Os pais/encarregados de educação dos alunos do 5.º ano, três declaram que sabem identificar situações de *cyberbullying* (20%) e 12 não sabem identificar (80%). No 6.º ano, quatro afirmam que sabem identificar situações de *cyberbullying* (27%) e 11 não sabem identificar (73%).

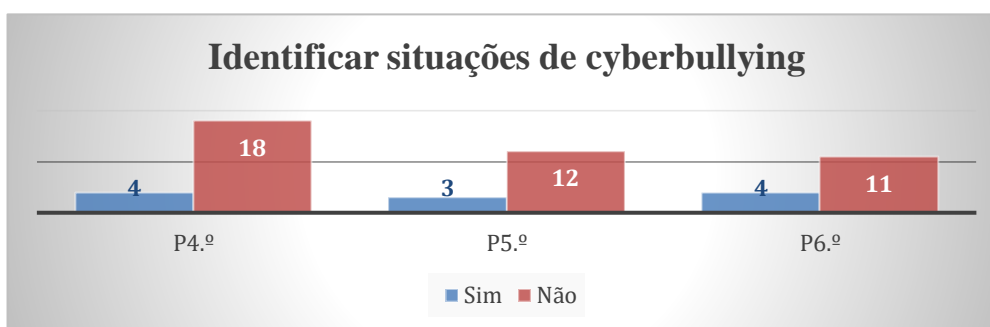


Figura 31- Identificar situações de *cyberbullying*

Como podemos verificar, cerca de 21% dos pais/encarregados de educação afirma que sabe identificar situações de *cyberbullying* e 79% afirma que não sabe.

Relativamente à questão, **“Sabe prevenir situações de *cyberbullying*?”**

Em relação aos pais/encarregados de educação dos alunos do 4.º ano, sete declararam que sabem prevenir situações de *cyberbullying* (32%) e 15 não sabem prevenir (68%). Os pais/encarregados de educação dos alunos do 5.º ano, cinco responderam que sabem prevenir situações de *cyberbullying* (33%) e 10 não sabem (67%). Os pais/encarregados de educação dos alunos do 6.º ano, quatro afirmaram que sabem prevenir situações de *cyberbullying* (27%) e 11 não sabem (73%).

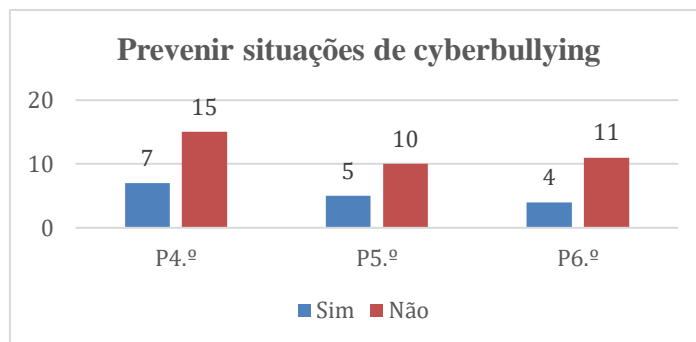


Figura 32- Prevenir situações de cyberbullying

Como podemos observar, cerca de 31% dos pais/encarregados de educação declara que sabe prevenir situações de *cyberbullying* e cerca de 69% afirma não saber prevenir.

Face à questão, **“Das quais situações seguintes, relacionadas com o uso da *Internet* e das redes sociais, quais são para si as mais graves”**

Tendo em consideração que se podia selecionar mais de uma opção, e relativamente aos pais/encarregados de educação dos alunos do 4.º ano, dois responderam que o mais grave é a redução do período de sono (2%), oito afirmam colocar fotografias e vídeos (7%), 13 declaram partilhar dados pessoais (11%), 15 consideram facultar dados pessoais da família a desconhecidos que causem riscos à segurança (12%), 19 afirmam a receção a conteúdos violentos ou de carácter sexual a desconhecidos (16%), 10 acreditam divulgar informações embaraçosas e hostis sobre outros (8%), 19 responderam marcar encontros com desconhecidos (16%), 18 acham receber propostas impróprias de desconhecidos (15%) e 16 declaram comunicar com desconhecidos (13%). Os pais/encarregados de educação do 5.º ano, dois responderam que o mais grave é a redução do período de sono (3%), seis afirmam colocar fotografias e vídeos (8%), oito acreditam partilhar dados pessoais (11%), 12 responderam facultar dados pessoais da família a desconhecidos que causem riscos à segurança (16%), 10 acham a receção a conteúdos violentos ou de carácter sexual a desconhecidos (13%), quatro declaram divulgar informações embaraçosas e hostis sobre outros (5%), 13 responderam marcar encontros com desconhecidos (17%), 11 acham receber propostas impróprias de desconhecidos (14%) e 10 consideram comunicar com desconhecidos (13%). Os pais/encarregados de educação do 6.º ano, três responderam que o mais grave é a redução do período de sono (4%), seis afirmam colocar fotografias e vídeos (8%), oito consideram partilhar dados pessoais (11%), sete responderam facultar dados pessoais da família a desconhecidos que causem riscos à segurança (9%), 13 afirmam a

recepção a conteúdos violentos ou de carácter sexual a desconhecidos (17%), seis responderam divulgar informações embaraçosas e hostis sobre outros (8%), 11 declaram marcar encontros com desconhecidos (15%), 10 consideram receber propostas impróprias de desconhecidos (13%) e 11 responderam comunicar com desconhecidos (15%).

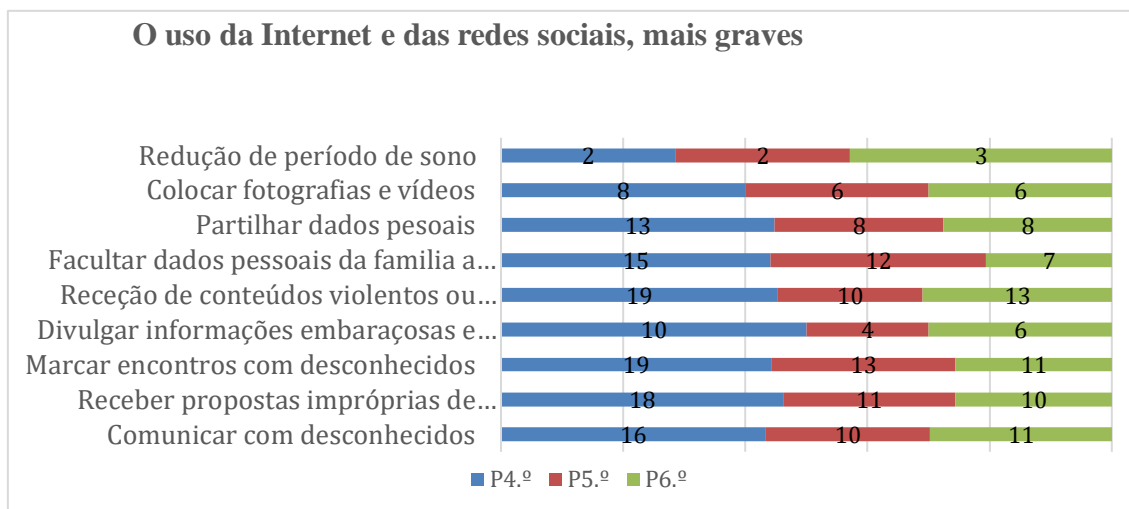


Figura 33- Das situações, relacionadas com o uso da Internet e das redes sociais, mais graves

Como podemos verificar, cerca de 83% dos pais/encarregados de educação acha mais grave as crianças marcarem encontros com desconhecidos, 81% afirma a recepção de conteúdos violentos ou carácter sexual, 75% acha receber propostas impróprias de desconhecidos, 71% considera comunicar com desconhecidos, 65% facultar dados pessoais da família a desconhecidos que causem riscos à segurança, 58% afirma partilhar dados pessoais, 38% acredita que é divulgar informações embaraçosas e hostis sobre outros e colocar fotografias e vídeos e 13% consideram a redução de período de sono.

Deste modo, está concluída a análise dos dados qualitativa, de todas as respostas dos participantes, que fazem referência ao inquérito por questionário direcionada aos 1.º e 2. Ciclos, bem como, ao inquérito por questionário direcionado aos pais/encarregados de educação, mais concretamente à parte I, II e III. Em seguida utilizamos uma metodologia qualitativa, fazendo uma análise de conteúdo para analisar as respostas fornecidas pelos pais/encarregados de educação da parte IV – Dinâmicas parentais do inquérito por questionário.

7. Análise de conteúdo da Parte IV – Dinâmicas parentais

Tendo em consideração o enquadramento teórico, analisamos em seguida as respostas facultadas pelos pais/encarregados de educação. Sendo um total de 52 pais/encarregados de educação, a maioria não respondeu às questões mencionadas. 44% respondeu à primeira questão e 41% respondeu à segunda questão.

Para a interpretação e descrição dos dados optamos pela análise de conteúdo, de acordo com Cardoso *et al.* (2021), pois é uma metodologia que pode ser “uma excelente opção quando o objetivo for analisar os dados provenientes das comunicações, buscando compreender os significados e os sentidos das mensagens, que vão além de uma leitura comum” (p.2).

Os resultados apresentam-se estruturados num total de duas categorias. As categorias visaram perceber a reação parental ao *cyberbullying* e identificar o controlo que existe quando as crianças utilizam a *Internet* e as redes sociais. Desta maneira, cada categoria está interrelacionada com os objetivos do estudo.

7.1 Categoria A- Reação parental ao *cyberbullying*

7.1.1 Análise da subcategoria A1. Respostas reativas e preventivas.

Face à questão, “O que faria se o seu educando fosse vítima de *cyberbullying*?”

Os inquiridos responderam de forma reativa:

- “Nunca me ocorreu esta questão, não sei!”

Os inquiridos responderam de forma preventiva:

- “Denunciava à polícia”

- “Denunciava”

- “Dirigia-me logo à escola”

- “Iria-me dirigir à escola para tomarem imediatamente medidas”

- “Remetia o caso às autoridades competentes”

- “Queixa à polícia”

- “Teria de ser denunciado”

- “Alertar as autoridades”

- “Remetia o caso às autoridades competentes”

- “Denunciava às autoridades competentes e bloqueava o agressor”

- “Tentava identificar o agressor e fazia denuncia na PSP”

- *“Tentaria resolver a situação o mais rápido possível e da melhor forma”*
- *“Informava as autoridades e cancelava de imediato as contas em causa”*
- *“Eliminava a rede social que tivesse no momento e contactava a polícia”*
- *“Falar com ele, para aumentar a sua autoconfiança e denunciar a situação às autoridades”*

Concluímos, desta forma, que a maioria dos inquiridos respondeu de forma semelhante, na generalidade responderam de forma preventiva, assegurando que denunciavam às autoridades competentes, sendo de facto o mais adequado a fazer quando nos deparamos com uma criança que esteja a vivenciar situações de *cyberbullying*.

7.2. Categoria B – Controlo Parental

7.2.1 Análise da subcategoria B1. Tipo de controlo nas crianças em relação à Internet e redes sociais.

Relativamente à questão **“Que tipo de controlo é que acha que deve haver quando o seu educando navega na Internet e utiliza as redes sociais?”**

- *“Não tem idade para ter redes sociais”*
- *“Não permito que navegue na Internet”*
- *“Não deixar navegar na Internet sem estar ao pé dos pais”*
- *“No fim de ele navegar, verificar todo o historio que pesquisa”*
- *“Ter acesso às password e a todas as aplicações que ele possui”*
- *“No caso dos jogos online, só permito que tenha amigos que conheça pessoalmente”*
- *“Controlo parental”*
- *“Controlo parental (conseguir aceder remotamente aos sites que utiliza)”*;
- *“Verificar o histórico de todos os dispositivos eletrónicos”*
- *“Saber identificar os riscos”*
- *“Chegar ao fim do dia e ver tudo o que a criança fez nos dispositivos eletrónicos”*
- *“Usar filtros, consultar o histórico, estabelecer limites e conversar com ele sobre os perigos da Internet”*
- *“Só permitir navegar quando a criança tivesse a beira de alguém responsável”*
- *“Vigilância”*

- *“Ver o que ele consultava”*
- *“Só permitir que navegue na Internet quando soubesse todos os perigos e riscos que a Internet possa oferecer”*
- *“Definir o tempo de utilização e controlava todos os acessos de navegação”*
- *“Ensinava-o a identificar as situações de risco e a estar vigilante e ter acesso às suas redes sociais”*
- *“Supervisão e aumentar a familiaridade para os perigos e riscos”*
- *“Bloquear alguns sites da Internet”*
- *“A minha educanda só aceita pessoas ao seu perfil após eu ver quem é essa pessoa”*
- *“Averiguar diariamente os dispositivos eletrónicos”*

Concluimos, que a maioria dos pais/encarregados de educação respondeu de forma semelhante, que deveria existir controlo parental, como: verificar os históricos de pesquisa, os dispositivos eletrónicos e controlar o tempo dispensado nas redes sociais e nos jogos *online*. Contudo, estas respostas foram adquiridas por uma pequena percentagem de pais/encarregados de educação. Porém, podemos comparar através das figuras anteriormente analisadas que existe uma grande percentagem de pais/encarregados de educação, que não inspeciona os dispositivos eletrónicos nem as redes sociais das crianças, não controla o tempo dispensado nas redes sociais nem nos jogos *online* e não fiscaliza os históricos de pesquisa.

8. Discussão dos Resultados

Neste ponto, pretendemos comparar os resultados obtidos com a questão-problema e os objetivos delineados.

Este estudo abordou temáticas sobre os riscos e perigos da utilização da *Internet* e das redes sociais por parte das crianças que frequentam os 1.º e 2.º ciclos de um Agrupamento de Escolas do Norte do país, bem como, o conhecimento dos respetivos pais/encarregados de educação sobre identificar e prevenir situações de risco e perigo da *Internet* e das redes sociais usadas pelos seus educandos.

Face aos resultados obtidos em conjunto com os objetivos que foram delineados, conseguimos dar resposta à questão-problema, através do instrumento de recolha de dados.

As questões colocadas para *Identificar as atividades mais frequentes quando as crianças utilizam a Internet e as redes sociais*, as principais razões apontadas foram realizar trabalhos para a escola, falar com amigos através *dos chats online*, colocar fotografias e comunicar com outras pessoas. E ainda verificou-se que as redes sociais mais utilizadas pelas crianças são o *Tik Tok*, *WhatsApp* e o *Instagram*.

Através dos resultados obtidos desta investigação aproxima-se com os últimos dados do Barómetro de Telecomunicações da *Marktest* (1.º trimestre de 2018), que comprova que cerca de 83% das crianças entre os 9 e os 12 anos, utiliza as redes sociais, para comunicar com amigos e outras pessoas através dos *chats online* e jogar videojogos.

Para perceber se o segundo objetivo foi atingido, que se designa a *Verificar o tempo de duração dispensado pelas crianças na utilização dispositivos eletrónicos, da Internet, das redes sociais e videojogos*, os resultados desta investigação demonstrou-nos que as crianças utilizam diariamente os dispositivos eletrónicos e a *Internet*, os mais utilizados são os *smartphone*, computadores, *tablet's* e a *playStation*, e ultrapassam mais de 4h por dia conectadas às redes sociais e jogar videojogos.

Através dos resultados obtidos nesta investigação, vão ao encontro dos obtidos no estudo europeu *EU Kids Online 2020: Survey results from 19 countries* (DGE, 2020) e no estudo de Monteiro e Osório (2015), uma vez que ambos afirmam que as crianças utilizam diariamente os dispositivos eletrónicos e a *Internet* muitas horas seguidas.

O terceiro objetivo era *Perceber se as crianças têm conhecimento dos riscos e perigos da Internet e as redes sociais*, em que os resultados nesta investigação demonstrou-nos que as crianças têm comportamentos de risco e de perigo quando utilizam os meios digitais, em que a maioria das crianças não têm consciência nem conhecimento dos riscos e perigos que correm. Uma percentagem significativa de crianças coloca os seus dados pessoais nas redes sociais, troca mensagens e marca encontro com desconhecidos, colocando, desta forma, a sua segurança e bem-estar em risco.

Através dos resultados obtidos nesta investigação, vão ao encontro dos obtidos estudo europeu *EU Kids Online 2020: Survey results from 19 countries*, que apresenta

que as crianças entre os 9 e os 16 anos, não tem conhecimento sobre os riscos e perigos, muitas crianças sofrem de *cyberbullying*, assistem a conteúdos prejudiciais, expõem os seus dados pessoais, utilizam de forma excessiva a *Internet*, trocam mensagens e marcam encontros com pessoas desconhecidas (DGE, 2020).

Segundo Pereira (2015), a exposição de dados pessoais, fotografias e troca de mensagens com desconhecidos podem levar a que as crianças corram sérios riscos e perigos, quando alguém utiliza os dados pessoais e fotografias da própria criança para a manipular, extorquir ou ameaçar, podendo deste modo criar nas crianças mau estar, medo e uma crise de identidade em que esta ainda se está a desenvolver e solidificar.

O quarto objetivo era para *Compreender se existem condições de comportamentos aditivos*, nesta investigação indicou-nos que as crianças cada vez mais utilizam os dispositivos eletrónicos, *Internet*, *redes sociais* e jogam videojogos todos os dias, dispensando várias horas do seu dia para estarem conectadas nos ambientes virtuais.

Através dos resultados obtidos nesta investigação assemelham-se aos resultados nacionais do inquérito *EU Kids Online* (2019), pois cerca de 80% das crianças usa a *Internet* diariamente, passando diversas horas a navegar em ambientes virtuais e a jogar *online*. E vai ainda de encontro com o estudo realizado pela Cuf Descobertas, que mencionou que as crianças disponibilizam mais de 4h por dia conectadas às *redes sociais* e a jogar videojogos, que deste modo leva a que um terço das crianças corre risco de dependência das novas tecnologias.

De acordo com Lemos (2019), o ambiente virtual pode conduzir a consequências alarmantes, uma vez que, as crianças estão vinculadas desde cedo com os dispositivos eletrónicos, *Internet* e as *redes sociais*, que por vezes podem se tornem dependentes destes meios quando utilizam de forma excessiva e desadequada, acarretando possíveis riscos e perigos para a saúde mental e física.

O quinto objetivo era *Perceber se os pais/ encarregados de educação sabem identificar e prevenir situações de risco e perigo da Internet e das redes sociais usadas pelos seus educandos*, os resultados nesta investigação indicou-nos que uma grande maioria de pais/encarregados e crianças não sabem identificar nem prevenir situações de risco e perigo, tornando-se assim algo preocupante, pois existe uma percentagem significativa de pais/encarregados de educação que não acompanham nem vigiam os seus educandos enquanto estes navegam nos espaços virtuais e utilizam os dispositivos

eletrónicos. Este estudo mostrou ainda que existem crianças que sofrem de *cyberbullying* e os seus pais/encarregados de educação não têm conhecimento, aspetos que se reflete na ausência de acompanhamento, controlo e vigilância por parte destes.

Segundo Neves (2020), de acordo com os dados do inquérito da *Dashlane*, mencionam que os pais não controlam nem vigiam os dispositivos eletrónicos e as redes sociais das crianças.

Em suma, e com base no enquadramento teórico podemos concluir que atualmente as crianças são de numa geração que utilizam de forma constante o meio virtual. E é notório que cada vez mais, começam a aderir desde cedo a estas ferramentas, começando desde bebés a interagir com os dispositivos eletrónicos, sendo cada vez mais uma problemática que está a acontecer em todo o mundo. Face à questão-problema a resposta é que as crianças não têm a perceção dos riscos e perigos que a *Internet* e as redes sociais acarretam. A maioria dos pais/encarregados de educação não exprime preocupação, controlo e vigilância, quando as crianças navegam na *Internet*, utilizam as redes sociais ou quando jogam videojogos.

Desta forma foi possível dar resposta à questão problema, através dos objetivos formulados com base nos inquéritos por questionário.

Considerações Finais

Esta investigação centrou-se na temática dos Riscos e perigos da *Internet* e das redes sociais: conceções de pais/encarregados de educação e de crianças dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico.

O aparecimento da *Internet* originou novas ferramentas como as redes sociais e aplicações que, bem usadas, podem trazer inúmeras vantagens. O mundo virtual tem ferramentas de fácil acesso, que promovem entretenimento, criam laços afetivos e ajudam a entrar em contacto com outras pessoas de forma rápida e eficaz. Porém, usadas de forma descontrolada acarretam diversas desvantagens.

Concluimos que a maioria das crianças começa desde cedo a usar os seus próprios dispositivos eletrónicos e o local mais utilizado é no quarto, porém existe um valor significativo de pais/encarregados de educação que não supervisionam se as crianças durante a noite dormem ou se interagem no mundo virtual. Subsiste uma grande percentagem de crianças que coloca os seus dados pessoais nas redes sociais, troca mensagens e marca encontros com desconhecidos, existindo ainda crianças que vivenciam situações de *cyberbullying*, sobre as quais os pais/encarregados de educação não tem conhecimento. Posto isto, é importante sensibilizar os pais/encarregados de educação para este fenómeno, para que comecem a controlar e acompanhar as crianças em casa, pois é um espaço partilhado por todos, tendo a facilidade de poderem vigiar e implementar regras e limites.

Apesar de existirem diversas campanhas de sensibilização sobre os riscos e perigos da *Internet* e das redes sociais nas crianças, ainda se verifica uma grande prevalência na falta de conhecimento por parte destas sobre este fenómeno. Desta forma, é necessário intervir e informar as crianças e os pais/encarregados de educação com projetos/programas de prevenção didáticos sobre os possíveis riscos e perigos que o ambiente virtual pode fornecer. Como as crianças permanecem durante o dia em contexto escolar, seria fundamental serem criados programas de prevenção primária, pois estes têm o intuito de assegurar o maior número de informações e conhecimentos sobre esta temática, promovendo assim, a redução da vulnerabilidade e na adesão de ferramentas para o reconhecimento e consciência de situações de risco e perigo, permitindo às crianças a adoção de mecanismos que impeçam a ocorrência de situações que configurem risco e acima de tudo as condições que possam potenciar perigos “reais”.

Para colmatar esta problemática, seria necessária uma intervenção, começando na educação pré-escolar, pois quanto mais precocemente este fenómeno for discutido, mais

facilmente as crianças têm comportamentos seguros e tomam consciência dos riscos e perigos do mundo virtual. O intuito é criar projetos/programas que ajudem as crianças a protegerem-se da melhor forma, de modo a informar as crianças a terem certas precauções enquanto navegam na *Internet* e nas redes sociais e como podem desfrutar do seu uso, com maior segurança das diversas vantagens que as novas tecnologias fornecem. Sem descuidar a sensibilização das crianças para o facto de não disponibilizarem os seus dados pessoais, como morada e o seu número de telemóvel, nem a dar essa informação a desconhecidos. Alertar para o facto de não clicarem em todos os *link* publicados nas redes sociais, mesmo quando estes sejam publicados por amigos/conhecidos, nem nunca fazer *download* de aplicações fora dos mercados próprios dos sistemas operativos (*Google Play, App Store, Microsoft Store*) e em caso de dúvidas quanto à autenticidade do *website*, não introduzir dados pessoais em nenhuma circunstância. Deve ainda ser explicado, que nas redes sociais devem aceitar apenas contactos e pessoas que já conhecem, evitar conhecer contactos virtuais pessoalmente, não partilhar informações pessoais ou sobre outras pessoas, nem enviar fotografias ou vídeos em que se exponham para ninguém, mesmo que tenham muita confiança com essa pessoa. É essencial que as crianças sejam acompanhadas e informadas, para que possam lidar com as situações adversas da melhor maneira e assim criar as melhores condições para o desenvolvimento harmonioso das suas competências pessoais e sociais.

O Educador Social pode ser um elemento crucial, uma vez que faz parte da comunidade escolar, pode ingressar em programas/projetos de prevenção para capacitar as crianças para esta problemática. Mendes (2012) refere que os Educadores Sociais podem dinamizar projetos educativos, permitindo a interação e mediação entre a escola e a família.

É frequente observar que os pais/encarregados de educação não têm aptidões em manusear dispositivos eletrónicos nem as redes sociais, pelo que terão poucas condições de controlar e supervisionar as crianças. Outra razão para este acontecimento é que tradicionalmente, os pais/encarregados de educação trabalham muitas horas ou por turnos, o que não favorece o controlo e supervisão adequados.

Face a esta problemática deveriam ser implementados programas dirigidos essencialmente aos pais/encarregados de educação para informar e sensibilizar sobre todos os riscos e perigos que os meios digitais podem fornecer, oferecendo ferramentas para que estes aprendam a manusear os dispositivos eletrónicos e terem conhecimento sobre *softwares* para controlar os dispositivos eletrónicos. Seria importante abordar

assuntos que ajudassem a compreender os melhores métodos para que estes consigam identificar situações de risco ou de perigo, que os seus educandos possam estar a vivenciar e a melhor maneira de intervir nestas situações, explicando que existem diversos riscos e perigos na *Internet* e nas redes sociais, pois estes devem estar atentos aos comportamentos dos seus educandos, tais como verificar quem são os seus amigos virtuais, o que escrevem e enviam nas mensagens, quais são os seus contactos telefónicos, as fotografias e vídeos que as crianças têm nos seus dispositivos eletrónicos e nas redes sociais. Devem evitar que as crianças tenham dispositivos eletrónicos no quarto, para não terem a tentação de as usar de modo indiscriminado, bloquear certos conteúdos na *Internet*, como *sites* de pornografia ou incentivo à violência, não deixar que o seu educando utilize os seus dispositivos eletrónicos quando estes não estão presentes, para não correrem o risco que o seu educando abra *link* ou faça *download*, que possam descarregar programas que permitem acesso às contas bancárias ou a informações confidenciais. É ainda essencial explicar que devem falar abertamente com os seus educandos para que estes possam contar tudo o que lhe acontece durante o dia, criando uma relação de confiança para que a criança se sinta à vontade para comunicar quando se sente incomodada, sem nunca pensar que será punida, criticada ou castigada.

Para desenvolver investigações futuras neste âmbito seria importante alargar a dimensão dos participantes, para potenciar conclusões mais significativas.

Referências bibliográficas

- Abdullah, M. (2017). The Relationship between Internet Addiction and Temperament among Children and Adolescents. *Psychology and Behavioral Science International Journal*, 5(5).
- Abreu, C. N. D., Karam, R. G., Góes, D. S., & Spritzer, D. T. (2008). Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 30, 156-167.
- Abreu, K. C. K. (2009). História e usos da Internet. *BOCC–Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*, 1-9.
- Afonso, C. (2020). Os Portugueses e as Redes Sociais. Grupo Martes.
<https://www.marktest.com/wap/a/n/id~25a8.aspx>
- Almeida, K. D., Ferreira, C. D. C., Oliveira, R. D. S., Alyrio, R. D., & Salles, M. B. (2009). Análise da Evolução da Metodologia utilizada nos artigos publicados na revista: contabilidade & finanças– USP. *Anais do Seminários em Administração– SEMEAD, São Paulo, SP, Brasil*, 12.
- Amado, C., & Pedro, A. (2016). *Segurança na internet para encarregados de educação: desenvolvimento de um MOOC* (Doctoral dissertation).
- Amado, J., Matos, A., Pessoa, T., & Jäger, T. (2009). Cyberbullying: um desafio à investigação e à formação. *Interações*, 5(13).
- Amaro, A., Póvoa, A., & Macedo, L. (2005). A arte de fazer questionários. *Porto, Portugal: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto*.
- Araújo, J. (2019). As crianças e os jovens em perigo na era digital. *Boletim da Ordem dos Advogados, sp. Acedido em 8 de dezembro, disponível em:*
<http://boletim.oa.pt/project/nov19-destaque-opiniao-3/>
- Arruda, A. C. M. (2016). *O Uso Excessivo da Internet e a sua relação com*

Sintomatologia Psicopatológica (Doctoral dissertation).

Astorga, C., & Schmidt, I. (2019). Peligros de las redes sociales: Cómo educar a nuestros hijos e hijas en ciberseguridad. *Revista Electrónica Educare*, 23(3), 339-362.

Alvarenga, E. D. (2012). Metodologia da investigação quantitativa e qualitativa: normas técnicas de apresentação de trabalhos científicos. *Gráfica Saf, Assunção, Paraguai*.

Ayeni, P. T. (2019). Social Media Addiction: Symptoms And Way Forward. *The American Journal of Interdisciplinary Innovations and Research*, 1(04), XIX-XLII.

Barbosa, A. M. D. S. F. V. A. (2012). *A relação e a comunicação interpessoais entre o supervisor pedagógico e o aluno estagiário* (Doctoral dissertation).

Bento, A. M. M. D. S. (2011). *O cyberbullying no contexto português* (Doctoral dissertation).

Brito, R., & Dias, P. (2017). Crianças até 8 anos e Tecnologias Digitais no Lar: Os pais como modelos, protetores, supervisores e companheiros. *Observatorio (OBS*)*, 11(2), 72page-90.

Borges, A. (2019). Tolerância à Frustração. *Portal dos Psicólogos. sp*.

BOZZA, T. (2016). *O uso da tecnologia nos tempos atuais: análise de programas de intervenção escolar na prevenção e redução da agressão virtual*. 2016. 261 f (Doctoral dissertation, Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação—Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP).

Canastra, F. A. C., & Malheiro, M. (2009). *O papel do educador social no quadro das novas mediações socioeducativas* (Doctoral dissertation).

- Cardoso, M. R. G., de Oliveira, G. S., & Ghelli, K. G. M. (2021). Análise de Conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. *Cadernos da FUCAMP*, 20(43).
- Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). Metodologia da Investigação—Guia para Auto-aprendizagem (2ª edição). *Lisboa: Universidade Aberta*, 15, 16.
- Cash, H., D Rae, C., H Steel, A., & Winkler, A. (2012). Internet addiction: A brief summary of research and practice. *Current psychiatry reviews*, 8(4), 292-298
- Castells, M. (2003). *A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade*. Zahar.
- Castro F. C., & Antunes, M. C. (2015). Cyberbullying: do virtual ao psicológico. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 35(88), 109-125.
- Correia, F. (2015). A Escola: Espaço de intervenção do Técnico Superior de Educação Social. *Praxis Educare Revista da Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social Semestral* (2). <http://www.aptses.pt/wp-content/uploads/2019/12/PRAXIS-EDUCARE-n.%C2%BA-2-2015.pdf>
- Costa, A. (2020). «Cyberbullying»: o que é, como prevenir e como intervir. *Porto Editora*. sp.
- Costa, A. M. L. (2014). *Redes sociais na internet: o que fazem as crianças-jovens e o que pensam os encarregados de educação* (Doctoral dissertation).
- Costa, D. P. (2020). Concepções de professores sobre identidades juvenis no contexto das redes sociais virtuais. *Revista Prática Docente*, 5(2), 1314-1328. <https://doi.org/10.23926/RPD.2526-2149.2020.v5.n2.p1314-1328.id716>
- Costa, L., Junqueira, V., Martinho, C., & Fecuri, J. (2003). “Redes - Uma Introdução ÀS Dinâmicas da Conectividade e da Auto-Organização (1edição., pp. 8-9). WWF-Brasil).

- Cunha Recuero, R. (2003). Weblogs, webrings e comunidades virtuais. *Revista 404notfound-Revista Eletrônica do Grupo Ciberpesquisa*, 31.
- Dailey, S. L., Howard, K., Roming, S. M., Ceballos, N., & Grimes, T. (2020). A biopsychosocial approach to understanding social media addiction. *Human Behavior and Emerging Technologies*, 2(2), 158-167. <https://doi.org/10.1002/hbe2.182>
- Dias, P., & Brito, R. (2018). hAPPy kids: aplicações seguras e benéficas para crianças felizes: perspectivas das famílias.
- Direção-Geral da Educação [DGE]. (2020, 18 de fevereiro). Crianças e jovens portugueses entre os mais confiantes no uso da Internet Estudo europeu EU Kids Online. *Acedido a 2 de dezembro de 2020, disponível em: <https://www.dge.mec.pt/noticias/tic-na-educacao/criancas-e-jovens-portugueses-entre-os-mais-confiantes-no-uso-da-internet>*
- Esteves, A. (2013). *Vivências da Pessoa com Doença Oncológica Avançada Progressiva* (Doctoral dissertation).
- Faria, H., Costa, I., & Neto, A. (2018). Hábitos de Utilização das Novas Tecnologias em Crianças e Jovens. *Gazeta Médica*, 5(4). <https://doi.org/10.29315/gm.v5i4.214>
- Faria, V. P. D. (2014). *Animação e qualidade de vida na população sénior e idosa: um estudo no Concelho de Câmara de Lobos* (Doctoral dissertation).
- Ferreira, C., Ferreira, H., Vieira, M. J., Costeira, M., Branco, L., Dias, Â., & Macedo, L. (2017). Epidemiologia do Uso de Internet numa População Adolescente e Sua Relação com Hábitos de Sono. *Acta médica portuguesa*, 30.
- Ferreira, G. C. (2011). Redes sociais de informação: uma história e um estudo de caso. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 16(3), 208-231

- Ferreira, P., & Monteiro, A. (2009). Riscos de utilização das TIC. *EDUSER: revista de educação*, Vol 1(1).
<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/1220/1/Riscos%20de%20Utiliza%C3%A7%C3%A3o%20das%20TIC.pdf>
- Fradelos, E., Kourakos, M., Velentza, O., Polykandriotis, T., & Papathanasiou, I. (2016). Internet addiction in children and adolescents: etiology, signs of recognition and implications in mental health nursing practice. In *Medico Research Chronicles* (4 edição., pp. 264-272).
- Fontanini, H., Marshman, Z., & Vettore, M. (2015). Social support and social network as intermediary social determinants of dental caries in adolescents. *Community dentistry and oral epidemiology*, 43(2), 172-182
- Garcia, F. (2019, 28 de maio). Organização Mundial de Saúde: vício dos videojogos classificado como doença mental. *Sapo*. sp.
- Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (2009). Métodos de pesquisa. coordenado pela Universidade Aberta do Brasil–UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica–Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. *Porto alegre: Editora da UFRGS*, 2(0), 0.
- Goethals, K., Aguiar, A., & Almeida, E. (2000). História da Internet. *Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Mestrado em Gestão da Informação*.
- Guarda Nacional Republicana [GNR, 2019]. Cibersegurança. sp.
<https://www.gnr.pt/cyberSeguranca.aspx>
- Instituto Nacional Estatística [INE]. (2019, 21 de novembro). Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias 2019. *Acedido a 25 de novembro de 2020, disponível em:*
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaquas&DESTAQUESdest_boui=354447153&DESTAQUESmodo=2

- José, M. R. V., & Barbas, M. P. (2020). Estudo sobre os Perigos da Internet: O Fenómeno do Catfishing em Contexto de Produção Multimédia em Educação. *Revista da UI_IPSantarém-Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém*, 8(2), 47-56.
- Lemos, C. F. R. C. D. (2019). *Uso problemático da internet e das redes sociais: relação com a regulação da satisfação das necessidades psicológicas e a saúde mental* (Doctoral dissertation).
- Lemos, K. M. D. J. D. C. P. (2008). *A resiliência: uma capacidade ou uma defesa?* (Doctoral dissertation).
- Lozano B., R., Latorre C., C., & Quílez R., A. (2020). Social network addiction and its impact on anxiety level among university students. *Sustainability*, 12(13), 5397.
- Marinheiro, A. P. F. (2015). *A sexualidade infantil e o conhecimento do corpo em creche e jardim de infância* (Doctoral dissertation).
- Mateus, M. do N. E. (2012). *O educador social na construção de pontes socioeducativas contextualizadas*. <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/7726>
- Mendoza, M. (2018, 7 de maio). Os 10 principais riscos na Internet para crianças e adolescentes. *Welivesecurity*. Sp.
- Mendes, A. P. D. C. (2012). *O educador social em contexto escolar: testemunho reflexivo* (Doctoral dissertation).
- Minayo, M. C. d. S. (2002). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade* (21 Edição). Editora Vozes: Petrópolis.
- Miranda, R. J. P. (2009). *Qual a relação entre o pensamento crítico e a aprendizagem de conteúdos de ciências por via experimental?: um estudo no 1º Ciclo* (Doctoral dissertation).

- Monteiro, A. F., & Osório, A. J. (2015). Novas tecnologias, riscos e oportunidades na perspectiva das crianças. *Revista Portuguesa de Educação*, 28 (1), 35-57.
- Morais, C. (2013). Investigação: Do problema aos resultados.
<http://www.ipb.pt/~cmmm/conteudos/DaInvProblema.pdf>
- Neto, C. D. L. P. (2006). *O Papel da Internet no processo de construção do conhecimento: uma perspectiva crítica sobre a relação dos alunos do 3º Ciclo com a Internet* (Doctoral dissertation).
- Neves, R. (2020, 10 de dezembro) Metade das crianças portuguesas navega online sem controlo digital dos pais. *Jornal de Negócios*. s.p.
- Neverkovich, S. D., Bubnova, I. S., Kosarenko, N. N., Sakhieva, R. G., Sizova, Z. M., Zakharova, V. L., & Sergeeva, M. G. (2018). Students' internet addiction: study and prevention. *Eurasia Journal of Mathematics, Science and Technology Education*, 14(4), 1483-1495. <https://doi.org/10.29333/ejmste/83723>
- Orozco, C. M., Llanos, R. A., & García, O. S. (2003). *Redes sociales: infancia, familia y comunidade* (1º edição., p.12) Universidad del Norte.
- Paiva, N. M. N., & Costa, J. (2015). A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça. *Psicologia*. pt, 1, 1-13.
- Patrício, M. R. (2009). *Tecnologias Web 2.0 na formação inicial de professores* (Doctoral dissertation, Universidade do Porto, Faculdade de Engenharia).
- Paulo, D. N. M. (2010). *Crianças e jovens em risco e/ou perigo: a psp no sistema de protecção* (Doctoral dissertation).
- Pereira, M. D. N. (2015). A superexposição de crianças e adolescentes nas redes sociais: necessária cautela no uso das novas tecnologias para a formação de identidade. In *3 Congresso Internacional de direito e contemporaneidade*. Recuperado de <http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2015/6-14.pdf>.

- Pereira, S. (2020). Dependência da internet e de videojogos em crianças e jovens. *Instituto de Apoio e Desenvolvimento (ITAD)*. sp. Acedido em 12 de dezembro de 2020, disponível em: <http://www.itad.pt/tratamento-de-psicologia/dependencia-da-internet-videojogos-criancas-jovens/>
- Pereira, S., Luís Pereira, Manuel Pinto, L., Pereira, L., & Pinto, M. (2011). *Internet e Redes. Sociais - Tudo o que vem à rede é peixe?*. EDUMEDIA - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Pinto, P. (2019, 7 de dezembro). Como identificar se o seu filho é vítima de cyberbullying. *Sapo*. sp. Acedido em 11 de dezembro de 2020, disponível em: <https://pplware.sapo.pt/internet/como-identificar-se-o-seu-filho-e-vitima-de-cyberbullying/>
- Ponte, C., & Batista, S. (2019). Usos, competências, riscos e mediações da internet reportados por crianças e jovens (9–17 anos). *EU Kids Online Portugal*.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ramos, F. (2019). Combater o "vício" da net nas crianças e jovens. *Deco Proteste*. sp. Acedido em 12 de dezembro 2020, disponível em: <https://www.deco.proteste.pt/tecnologia/tablets-computadores/dicas/criancas-e-jovens-quando-a-net-e-um-problema>
- Reis, M. (2019, 2 de abril). Videojogos. Um terço das crianças portuguesas em risco de dependência. *Sapo*. sp. Acedido a 9 de dezembro, disponível em: https://ionline.sapo.pt/artigo/652272/videojogos-um-terco-das-criancas-portuguesas-em-risco-de-depend-ncia?seccao=Portugal_i
- Reis, V. J. O. (2009). *Crianças e jovens em risco: (Contributos para a organização de critérios de avaliação de factores de risco)* (Doctoral dissertation).

- Relva, V. (2015). *A partilha de informação e aquisição de conhecimento nas Redes Sociais: a utilização do Facebook e do Google+ pelos estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* (Master's thesis).
- Salles, L. M. F. (2005). Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22, 33-41.
- Santos, L. (2010). *Redes Sociais e usos da Internet em dois grupos de jovens* (Doctoral dissertation).
- Santos, M. (2020). As crianças, os adolescentes e as redes sociais. *Jornal Económico*. Acedido em 25 novembro 2020, em: <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/as-criancas-os-adolescentes-e-as-redes-sociais-653375>.
- Santos, V. L. D. C., & Santos, J. E. D. (2014). As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas. *HOLOS*, 6, 307-328. <http://doi.org/10.15628/holos.2014.1936>
- Silva, A., & Ferreira, M. (2007). Gestão do Conhecimento e Capital Social: As Redes e sua importância para as empresas. *Londrina*, 2-32.
- Soares, C. (2018, 8 de abril). Como lidar com esta nova geração “dependente” da tecnologia. *Visão. sp*. Acedido a 9 de dezembro, disponível em: <https://visao.sapo.pt/atualidade/sociedade/2018-04-08-como-lidar-com-esta-nova-geracao-dependente-da-tecnologia/>
- Tavares, H. (2012). Cyberbullying na adolescência. *Nascer e Crescer*, 21(3), S174-S177.
- Torres, I. A. M. A. S. S. (2013). *Promover o sucesso escolar e educativo dos alunos abrangidos por processos da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens* (Doctoral dissertation, Instituto Politécnico do Porto. Escola Superior de Educação).
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições,

diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde pública*, 39, 507-514

UNICEF. (2017, 11 de dezembro). Um mundo virtual mais seguro para as crianças – aumentando o acesso para os mais desfavorecidos.

<https://www.unicef.org/angola/press-releases/tornar-o-mundo-virtual-mais-seguro-para-criancas-%E2%80%93-aumentando-o-acesso-online-para>

Viegas, I. (2014). A Escola: Espaço de intervenção do Técnico Superior de Educação Social. *Praxis Educare Revista da Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social, Semestral* (2). <http://www.aptses.pt/wp-content/uploads/2019/12/PRAXIS-EDUCARE-n.%C2%BA-2-2015.pdf>

Yano, K. M., & Ribeiro, M. O. (2011). O desenvolvimento da sexualidade de crianças em situação de risco. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45(6), 1315-1322.

Zanella, L. (2013). *Metodologia de Pesquisa* (2.^a ed.). Reimpressa.

Anexos

Anexo I- Inquéritos por questionário direcionado às crianças



Inquérito por Questionário

No âmbito da dissertação de Mestrado em Educação Social – Educação e Intervenção ao Longo da Vida, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança está a proceder-se a um trabalho de investigação sobre a *Riscos e perigos da Internet e das redes sociais: conceções de pais/encarregados de educação e de crianças dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico*. A tua participação é voluntária e anónima e as tuas respostas são absolutamente confidenciais. Agradeço desde já a tua colaboração, respondendo às questões apresentadas em seguida.

Caraterização Sociodemográfica

1.1 Género

- Feminino Masculino

1.2 Idade: _____

1.3. Ano de escolaridade que frequentas?

- 4.º ano de escolaridade
 5.º ano de escolaridade
 6.º ano de escolaridade

Acesso aos dispositivos eletrónicos e ao uso da *Internet*

A *Internet* é um espaço, onde permite pesquisar qualquer tipo informação, onde se consegue ter acesso a vários vídeos, fotografias, jogos *online* e a *websites*. As redes sociais, permite comunicar com familiares e amigos, possibilita ainda mandar mensagens, publicar e partilhar qualquer tipo de vídeos e fotografias.

2.1 Tens algum dispositivo eletrónico em casa? (Podes seleccionar mais que um)

- Telemóvel Tablet Consola
 Computador PlayStation

2.2 Utilizas algum dispositivo eletrónico fora de casa?

- Na escola Na biblioteca Na casa de um amigo

- No café Na casa de familiares

2.3 Quantas vezes por semana utilizas os dispositivos eletrónicos?

- Uma ou duas vezes por semana Cinco ou seis vezes por semana
 Três ou quatro vezes por semana Diariamente

2.4 Em que local é que utilizas os dispositivos eletrónicos em casa? (podes seleccionar mais que uma opção)

- Sala Quarto Escola
 Cozinha Casa de amigos Casa de familiares

Outro sítio? _____

2.5 Utilizas os dispositivos eletrónicos para: (podes seleccionar mais que uma opção)

- Jogar videojogos Ter acesso à *Internet* Compras *online*
 Aceder às redes sociais Falar com os pais/familiares/amigos

Outros? _____

2.6 Possuis ligação à *Internet* em tua casa?

- Sim Não

2.7 Com que frequência navegas na *Internet*?

- Uma ou duas vezes por semana Cinco ou seis vezes por semana
 Três ou quatro vezes por semana Diariamente

2.8 Costumas utilizar a *Internet* para que propósito? (podes seleccionar mais que uma opção)

- Jogar videojogos Procurar informação
 Baixar jogos Trabalhos para a escola
 Ver vídeos Fazer compras *online*
 Usar as redes sociais Falar com os amigos através de *chats*
 Ouvir música Ver filmes e series

Outros: _____

Redes Sociais

3.1 Utilizas alguma rede social?

- Sim Não

3.2 Quais são as redes sociais que mais utilizas? (podes seleccionar mais que uma opção)

- Facebook Instagram Tik Tok Twitter
 Messenger Snapchat WhatsApp Skype

Outro. Qual: _____

3.3 Quais são atividades que costumavas realizar nas redes sociais? (podes seleccionar mais que uma opção)

- | | |
|----------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Publicar algo no mural | <input type="checkbox"/> Jogar <i>online</i> |
| <input type="checkbox"/> Colocar <i>like</i> em fotografias e vídeos | <input type="checkbox"/> Publicar fotografias |
| <input type="checkbox"/> Comentar fotografias e vídeos | <input type="checkbox"/> Partilhar músicas |
| <input type="checkbox"/> Partilhar informações | <input type="checkbox"/> Partilhar vídeos |
| <input type="checkbox"/> Responder a mensagens de outros | <input type="checkbox"/> Falar com amigos |
| <input type="checkbox"/> Partilhar <i>link's</i> | <input type="checkbox"/> Criar eventos |

Fazer outras atividades, quais? _____

3.4 Quanto tempo passas nas redes sociais?

- 1h por dia 2h por dia 3h por dia Mais de 4h por dia

3.5 Quem te ajudou a criar a primeira conta numa rede social?

- Criei sozinho, sem ajuda Um/a amigo/a mais velho/a
 Um/a amigo/a da escola Os meus pais ou outro adulto

3.6 Que tipos de dados pessoais colocas no perfil das redes sociais a que pertences?

- Nome Idade Morada
 Escola que frequentas Número de telemóvel Vídeos teus
 O ano escolar que frequentas A tua fotografia

Outras coisas: _____

3.7 Conheces todos os riscos e os perigos das redes sociais?

- Sim Não

3.8 Os teus pais têm acesso às tuas redes sociais?

Sim Não

4. Riscos e perigos da utilização da *Internet* e das redes sociais

Por favor, assinala com uma cruz (X) as seguintes opções que melhor se traduz à tua opinião em cada uma das afirmações:

	Concordo totalmente	Concordo	Não discordo nem concordo	Discordo	Discordo totalmente
4.1 Aceito todas as pessoas nas minhas redes sociais!					
4.2 Falo por mensagens com pessoas que não conheço nas redes sociais!					
4.3 Publico diariamente vídeos e fotografias minhas nas redes sociais!					
4.4 Forneço os meus dados pessoais se alguém me pedir!					
4.5 Não aceito qualquer pessoa nas minhas redes sociais!					
4.6 Costumo marcar encontros com pessoas que conheci através das redes sociais!					
4.7 Ignoro as mensagens que recebo de desconhecidos nas redes sociais!					
4.8 Quando me apercebo que tenho pessoas que não conheço nas minhas redes sociais, eu bloqueio-as!					
4.9 Eu quero é ter muitos seguidores nas minhas redes sociais!					

4.10 Já fui gozado/a e humilhado/a nas redes sociais pelos meus colegas!					
4.11 Se alguém me enviar uma mensagem a perguntar os meus dados pessoais, dizendo que é para fornecer à escola ou outra instituição, eu não dou!					
4.12 Por norma são os rapazes que utilizam mais as redes sociais!					
4.13 Habitualmente são as raparigas que jogam mais videojogos!					
4.14 São as raparigas que utilizam mais as redes sociais!					
4.15 Normalmente são os rapazes que jogam mais videojogos!					

O questionário chegou ao fim.

Muito obrigada pela tua colaboração!

Anexo II- Inquéritos por questionário direcionado aos pais/encarregados de educação



Inquérito por Questionário

No âmbito da dissertação de Mestrado em Educação Social – Educação e Intervenção ao Longo da Vida, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança está a proceder-se a um trabalho de investigação sobre os *Riscos e perigos da Internet e das redes sociais: conceções de pais/encarregados de educação e de crianças dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico*. A sua participação é voluntária e anónima e as suas respostas são absolutamente confidenciais. Agradeço desde já a sua colaboração! Caso deseje receber os dados da investigação após a sua conclusão por favor contacte a investigadora. Tânia Ribeiro Pereira – taniaribeiro28@hotmail.com

Caraterização Sociodemográfica

1.1 Género

- Feminino Masculino

1.2 Idade: _____

1.3 Habilitações literárias que possui:

- | | |
|-------------------------------------------------------|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> 1.º ciclo (ensino Básico) | <input type="checkbox"/> Licenciatura |
| <input type="checkbox"/> 2.º Ciclo (5.º e/ou 6.º ano) | <input type="checkbox"/> Mestrado |
| <input type="checkbox"/> 3.º Ciclo (até ao 9.º ano) | <input type="checkbox"/> Doutoramento |
| <input type="checkbox"/> Secundário (até ao 12.º ano) | |

1.4 Ano de escolaridade do seu educando:

- 4.º ano de escolaridade 5.º ano de escolaridade 6.º ano de escolaridade

Redes Sociais

A *Internet* é um espaço, onde permite pesquisar qualquer tipo informação, onde se consegue ter acesso a vários vídeos, fotografias e a *websites*. As redes sociais, permite comunicar com familiares e amigos, possibilita ainda mandar mensagens, publicar e partilhar qualquer tipo de vídeos e fotografias. Alguns exemplos de redes sociais são, *Facebook, Messenger, Instagram, Snapchat, WhatsApp, Tik Tok, Twitter* entre outros.

2.1 Tem acesso aos dispositivos eletrónicos do seu educando? (ex: telemóvel, computador, *tblts*)

Sim Não

2.2 É utilizador de alguma rede social? (ex: *Facebook, Messenger, Instagram, WhatsApp, Tik Tok, Twitter*)

Sim Não

2.3 O seu educando é utilizador de alguma rede social? (ex: *Facebook, Messenger, Instagram, WhatsApp, Tik Tok, Twitter*)

Sim Não Não sei

2.4 Faz parte da lista de amigos/seguidores da rede social do seu educando?"

Sim Não

2.5 Tem acesso ao perfil da rede social do seu educando?

Sim Não

3. Riscos e perigos da utilização da *Internet*, redes sociais e videojogos

Por favor assinale com uma cruz (X) as seguintes opções que considera a mais adequada:

	Concordo totalmente	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
3.1 O meu educando tem os dispositivos eletrónicos no quarto!					
3.2 O meu educando não me diz a palavra-passe da sua rede social!					

3.3 O meu educando não me diz os códigos de acesso nem me permite a validação biométrica de acesso aos dispositivos eletrônicos!					
3.4 Não tenho hábito de verificar os dispositivos eletrônicos!					
3.5 Não tenho hábito de verificar as redes sociais do meu educando!					
3.6 Não costumo controlar durante a noite se o meu educando está a dormir ou se está conectado aos dispositivos eletrônicos e utilizar as redes sociais ou a jogar online!					
3.7 Por norma não coloco filtros e restrições parentais no acesso às redes sociais do meu educando!					
3.8 Não costumo controlar o tempo dispensado quando o meu educando joga online nem quem são os seus parceiros de jogo!					
3.9 O meu educando tem conhecimento de todos os riscos e perigos da utilização da Internet e das redes sociais!					
3.10 O meu educando permanece várias horas consecutivas a navegar na Internet, a utilizar as redes sociais e a jogar online sem a minha presença!					
3.11 Tenho conhecimento de todas as pessoas que fazem parte da rede social do meu educando!					
3.12 O meu educando troca mensagens com pessoas que não conheço!					
3.13 Conheço todas as pessoas que fazem parte da rede social do meu educando!					

3.14 Tenho conhecimento de todos os tipos de dados pessoais (informações, fotografias e vídeos) que o meu educando disponibiliza nas redes sociais!					
3.15 Tenho conhecimento de quais são as atividades que o meu educando costuma realizar na Internet e nas redes sociais!					
3.16 Tenho conhecimento quando o meu educando marca encontros com alguém que conheceu através das redes sociais!					

3.17 Tem conhecimento se o seu educando sofre de *cyberbullying*? (Fotografias ou vídeos íntimos a circular pela *Internet* e nas redes sociais)

Sim Não

3.18. Sabe identificar situações de *cyberbullying*?

Sim Não

3.19 Sabe prevenir situações de *cyberbullying*?

Sim Não

3.20 Das situações seguintes, relacionadas com o uso da *Internet* e das redes sociais, quais são para si as mais graves? (Por favor assinale um máximo de cinco opções)

- | | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Comunicar com desconhecidos | <input type="checkbox"/> Partilhar dados pessoais |
| <input type="checkbox"/> Receber propostas impróprias de desconhecidos | <input type="checkbox"/> Colocar fotografias e vídeos |
| <input type="checkbox"/> Marcar encontros com desconhecidos | <input type="checkbox"/> Redução de períodos de sono |
| <input type="checkbox"/> Divulgar informações embaraçosas e hostis sobre outros | |
| <input type="checkbox"/> Receção de conteúdos violentos ou de carácter sexual desconhecidos | |
| <input type="checkbox"/> Facultar dados pessoais da família a desconhecidos que causem riscos à segurança | |

4. Controlo parental

4.1 O que faria se o seu educando fosse vítima de *cyberbullying*?

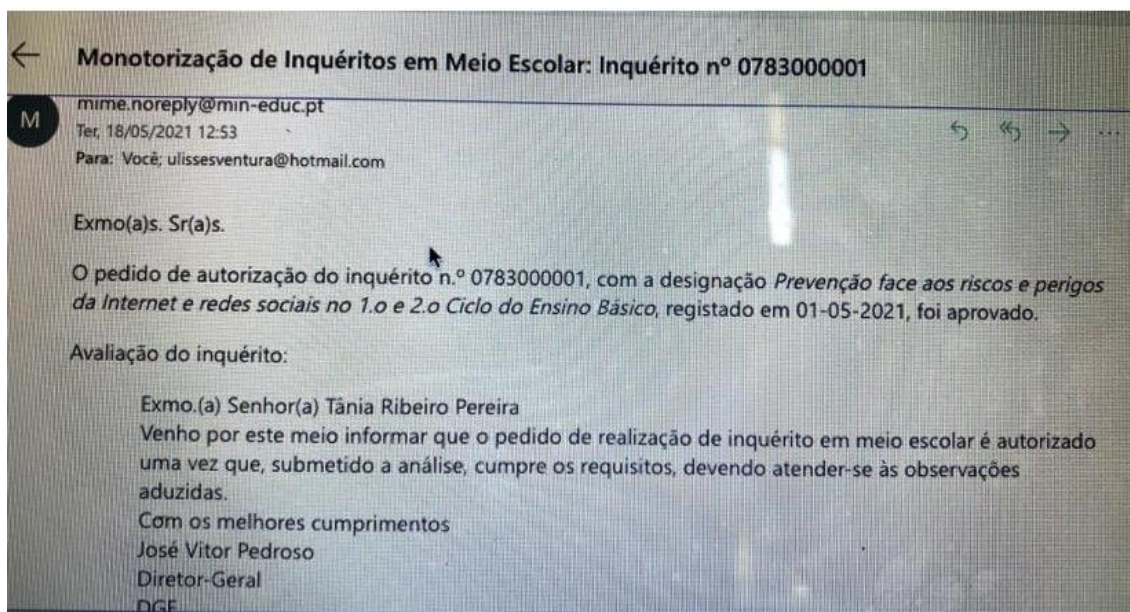
4.2 Que tipo de controlo é que acha que deve haver quando o seu educando navega na *Internet* e utiliza as redes sociais?

Qual considera? _____

O questionário chegou ao fim.

Muito obrigada pela sua colaboração!

Anexo III – Autorização da DGEsTE para a aplicação dos inquéritos por questionário em meio escolar



Anexo IV- Pedido de autorização para aplicação dos inquéritos por questionário à diretora da escola



Ex.ª Sr.ª Diretora do Agrupamento de Escolas do Norte do País

Tânia Ribeiro Pereira, vem por este meio solicitar a V.ª Ex.ª uma autorização para a aplicação de um inquérito por questionário aos alunos do 4.º, 5.º e 6.º ano de escolaridade. A requerente é aluna do 2.º ano do Mestrado em Educação Social- Educação e Intervenção ao Longo da Vida, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, portadora do nº mecanográfico 34893, que tem como principal objetivo, recolher dados que permitam concretizar o estudo empírico da Dissertação cujo tema é *os, Riscos e perigos da Internet e das redes sociais: conceções de pais/encarregados de educação e de crianças dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico.*, orientada pelo Professor Mestre Paulo Resende, tendo como objetivos (i) identificar as atividades mais frequentes quando as crianças utilizam a *Internet* e as redes sociais; (ii) verificar o tempo de duração dispensado pelas crianças na utilização da *Internet*, redes sociais e videojogos; (iii) perceber se as crianças têm conhecimento dos riscos e perigos da *Internet* e as redes sociais.

Atendendo ao Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD – Regulamento 2016/679, de 27 de abril) sublinhamos que, nos trabalhos desenvolvidos, não serão divulgados quaisquer nomes e os dados pessoais dos intervenientes, dos técnicos e das instituições.

Agradeço desde já a colaboração prestada e com o compromisso de cumprimento das normas éticas que presidem a este tipo de estudo, coloco-me à disposição de V.ª Ex.ª para qualquer esclarecimento que considere importante.

Com os melhores cumprimentos,

A mestranda,

(Tânia Ribeiro Pereira)

Anexo V- Pedido de autorização aos pais/encarregados de educação para a implementação dos inquéritos por questionário às crianças



Tânia Ribeiro Pereira, vem por este meio pedir a V.^a Ex.^a que se digne autorizar a aplicação de um inquérito por questionário ao seu educando. A requerente é aluna do 2º ano do Mestrado em Educação Social – Educação e Intervenção ao Longo da Vida, da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Bragança sob a orientação científica do Professor Mestre Paulo Resende. Está a realizar uma Dissertação cujo o tema é os, *Riscos e perigos da Internet e das redes sociais: conceções de pais/encarregados de educação e de crianças dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico.*, que tem como objetivos, (i) identificar as atividades mais frequentes quando as crianças utilizam a *Internet* e as redes sociais; (ii) verificar o tempo de duração dispensado pelas crianças na utilização da *Internet*, redes sociais e videojogos; (iii) perceber se as crianças têm conhecimentos sobre os riscos e perigos da *Internet* e as redes sociais.

O inquérito por questionário está constituído por 4 grupos de questões: o primeiro grupo, faz referência à caracterização sociodemográfica, o segundo grupo, aborda o acesso aos dispositivos eletrónicos e ao uso da *Internet*, o terceiro grupo, menciona as redes sociais, e por fim, o quarto grupo, refere-se aos riscos e perigos da utilização da *Internet* e das redes sociais.

A participação do inquérito por questionários é, naturalmente, voluntária e anónima, não sendo, portanto, solicitada, em local nenhum, a indicação do nome. Todas as respostas são estritamente confidenciais, no qual, só terá acesso a investigadora responsável. Comprometo desde já, aplicar o inquérito por questionário, após obter a sua autorização, e, caso entenda necessário, esclarecerei alguma dúvida se surgir ou se pretender. Agradeço a sua disponibilidade e aguardarei uma indicação sobre o assunto com a brevidade que lhe for possível.

Com os melhores cumprimentos,

E-mail: taniaribeiro28@hotmail.com



(Por favor, preencher e devolver)

- Sim autorizo a participação do meu educando
- Não autorizo a participação do meu educando

Assinatura do Encarregado de Educação

Anexo VI- Termo de consentimento direcionado aos pais/encarregados



Termo de Consentimento

Tânia Ribeiro Pereira, vem por este meio solicitar a V.^a Ex.^a para a participação num estudo empírico de uma Dissertação cujo o tema é os *Riscos e perigos da Internet e das redes sociais: concepções de pais/encarregados de educação e de crianças dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico*. A requerente é aluna do 2.º ano do Mestrado em Educação Social- Educação e Intervenção ao Longo da Vida, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, portadora do n.º mecanográfico 34893, orientada pelo Professor Mestre Paulo Resende. Tem como principais objetivos, (i) identificar as atividades mais frequentes quando as crianças utilizam a *Internet* e as redes sociais; (ii) verificar o tempo de duração dispensado pelas crianças na utilização da *Internet*, redes sociais e videojogos; (iii) perceber se as crianças têm conhecimento dos riscos e perigos da *Internet* e as redes sociais; (iv) perceber se os pais/ encarregados de educação sabem identificar e prevenir situações de risco e perigo da *Internet* e das redes sociais usadas pelos seus educandos.

Para o efeito, necessito de realizar um inquérito por questionário, para me ser possível a análise dos resultados, solicitando a vossa autorização para a realização de um inquérito por questionário em formato A4 em papel.

Atendendo ao Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD – Regulamento 2016/679, de 27 de abril) sublinhamos que, nos trabalhos desenvolvidos, não serão divulgados quaisquer nomes e os dados pessoais dos intervenientes, dos técnicos e das instituições. Os dados recolhidos são estritamente confidenciais e para uso exclusivo desta investigação. Face ao exposto e tendo em atenção que foi explicada a principal finalidade do estudo, reconheço que a participação é voluntária, anónima e confidencial, concordando assim com os termos que constam neste protocolo de consentimento informado.

Agradeço desde já a colaboração prestada e com o compromisso de cumprimento das normas éticas que presidem a este tipo de estudo, coloco-me à disposição de V.^a Ex.^a para qualquer esclarecimento que considere importante.

Email: taniaribeiro28@hotmail.com

Assinatura do (a) participante

B. Controlo Parental	B1. Tipo de controlo nas crianças em relação à <i>Internet</i> e redes sociais	Que tipo de controlo é que acha que deve haver quando o seu educando navega na <i>Internet</i> e utiliza as redes sociais?	<p><i>“Não tem idade para ter redes sociais”</i></p> <p><i>“Não permito que navegue na <i>Internet</i>”</i></p> <p><i>“Não deixar navegar na <i>Internet</i> sem estar ao pé dos pais”</i></p> <p><i>“No fim de ele navegar, verificar todo o historio que pesquisa”</i></p> <p><i>“Ter acesso às password e a todas as aplicações que ele possui”</i></p> <p><i>“No caso dos jogos online, só permito que tenha amigos que conheça pessoalmente”</i></p> <p><i>“Controlo parental”</i></p> <p><i>“Controlo parental (conseguir aceder remotamente aos sites que utiliza)”</i>;</p> <p><i>“Verificar o histórico de todos os dispositivos eletrónicos”</i></p> <p><i>“Saber identificar os riscos”</i></p>

			<p><i>“Chegar ao fim do dia e ver tudo o que a criança fez nos dispositivos eletrônicos”</i></p> <p><i>“Usar filtros, consultar o histórico, estabelecer limites e conversar com ele sobre os perigos da Internet”</i></p> <p><i>“Só permitir navegar quando a criança tivesse a beira de alguém responsável”</i></p> <p><i>“Vigilância”</i></p> <p><i>“Ver o que ele consultava”</i></p> <p><i>“Só permitir que navegue na Internet quando soubesse todos os perigos e riscos que a Internet possa oferecer”</i></p> <p><i>“Definir o tempo de utilização e controlava todos os acessos de navegação”</i></p> <p><i>“Ensinava-o a identificar as situações de risco e a estar vigilante e ter acesso às suas redes sociais”</i></p> <p><i>“Supervisão e aumentar a familiaridade para os perigos e riscos”</i></p> <p><i>“Bloquear alguns sites da Internet”</i></p> <p><i>“A minha educanda só aceita pessoas ao seu</i></p>
--	--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<i>perfil após eu ver quem é essa pessoa” “Averiguar todos os dias os dispositivos eletrônicos”</i>
--	--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------